

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Malandros sem Carnavais, Carnavais sem Heróis: Juventude, Geração e Sociabilidade entre jovens ligados ao Rap e ao Rock nas cidades de São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto.

José Ricardo Marques dos Santos
Orientador: Luiz Henrique Toledo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em ciências sociais da Universidade Federal de São Carlos como parte dos Requisitos para obtenção de Mestre

São Carlos, Dezembro de 2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S237ms

Santos, José Ricardo Marques dos.

Malandros sem carnavais, carnavais sem heróis :
juventude, geração e sociabilidade entre jovens ligados ao
Rap e ao Rock nas cidades de São Carlos, São José do Rio
Preto e Ribeirão Preto / José Ricardo Marques dos Santos. -
- São Carlos : UFSCar, 2009.

172 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2006.

1. Juventude. 2. Geração. 3. Estilo de vida. 4.
Sociabilidade. 5. Música - aspectos sociais. I. Título.

CDD: 305.23 (20^a)



DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que o aluno **JOSÉ RICARDO MARQUES DOS SANTOS** tendo cumprido todos os requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, de acordo com o artigo 30 do Regimento Interno do PPGCSO/UFSCar, realizou Defesa Pública de sua Dissertação de Mestrado sob o título: **"Malandros sem Carnavais, Carnavais sem Heróis: Juventude, Geração e Sociabilidade entre Jovens ligados ao Rap e ao Rock nas cidades de São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto"**, no dia 15/12/2006 às 14h00, perante banca examinadora constituída pelos seguintes membros: *Dr. Luiz Henrique de Toledo, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), orientador e presidente, Dr. Piero de Camargo Leirner, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Dr. José Guilherme Cantor Magnani, da Universidade de São Paulo (USP).* O candidato foi considerado aprovado com o conceito "B".

Declaramos também que o processo de homologação junto à Comissão de Pós-Graduação deste Programa e junto à Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa da UFSCar, está condicionado à elaboração da versão definitiva da referida dissertação, com as modificações propostas pela banca examinadora, que deverá ser entregue no prazo máximo de 60 (sessenta) dias a contar dessa data.

São Carlos, 15 de Dezembro de 2006

Carlos Lima
Coordenador do PPGCSO

Índice

Introdução	08
Capítulo I	
Nossas <i>Tartarugas</i> , Suas <i>Perguntas</i> : delimitação da Observação e do Objeto	14
1.1. O “Lugar” da Música	14
1.2. As Propriedades Simbólicas do Espaço e da Música	27
1.3. A Prática e a Ação Simbólica	33
Capítulo II	
Geração, Juventude e Territorialidade	34
2.1 Introdução	34
2.2 Três Formas de Ver a Juventude	37
Capítulo III	
<i>Minhas Perguntas: Nossas Tartarugas</i>	75
3.1 O Cenário	75
3.2 Os Atores e seus Locais ou Os Locais dos Atores	96
3.3 O Espaço dos Atores	103
3.4 “Quão Negro Somos Sem Perceber”	113
3.5 o longo dia 30 de abril	118
3.6 MVBill em São Carlos, O Treze de Maio, abolição da Escravatura?	124
4. Capítulo Final	
O Campo Simbólico e sua Manifestação	126
4.1 O Lugar da Sociabilidade, Música e Identificação	126
4.2 Entre o Circuito e o Curto-Circuito	145
Anexo I	
Nasce um Herói? São Dimas, 2’Pac e a Vida Loka	154
Referencias Bibliográficas	167

À Erotildes, Exemplo de Vida Loka
À Wilson, meu Guerreiro de Fé....

À Alzira Dada dos Santos e José Marques dos Santos Filho

À Alvarina Tereza Casimiro de Souza e Joaquim Lemes de Souza

Igualmente Razões de Minha Existência

Agradecimentos

Wilson Roberto Marques dos Santos e Erotildes Eulália de Souza Santos, tudo o que eu pude fazer só foi possível porque tive pais maravilhosos. Mesmo não tendo eles dimensão de como foram importantes no caminho até aqui. Infelizmente minha avó Alzira Dada Marques dos Santos não esta mais entre nós para poder ver este grande momento de seu neto. Estas três pessoas são meus exemplos de luta e de conduta, que nunca se deixaram abater pelas dificuldades, fossem elas quais fossem. Não poso deixar de lembrar de minha irmã Mirella Marques dos Santos e de meus primos Andersom Marques dos Santos e Rafael Marques dos Santos. Ver vocês três hoje como alunos de três universidades públicas é o meu maior orgulho. Estarei sempre a serviço de vocês.

Além de minha família posso dizer que encontrei diversas outras pessoas que sempre me ajudaram e me abriram caminhos, nos bons e nos maus momentos. Agradeço de coração a ADDA'S, a república Toca da Capivara, a República Popular de Marisales e a Barravento. Agradeço aos meus amigos e amigas pedagogas (os), psicólogas, cientistas sociais e da biblioteconomia. Também agradeço aos antigos amigos de alojamento. Agradeço especialmente a Christiane Ribeiro Ivo e a Milene Peixoto Ávila.

A Anísio (Capitão Lauer), que infelizmente não pode ver o fim desta dissertação mas que, como membro da ADDA'S será sempre querido e amado por todos nós, sentimos sua falta. A Alan, parceiro de tantas viagens de bicicleta, atravessando a cidade de ponta a ponta, movidos pelo sonho do futebol, sempre me lembrarei de você e de seu companheirismo. Um dia verei vocês dois de novo e contarei tudo que se passou aqui depois de suas partidas.

Devo sinceros agradecimentos ao apoio inestimável de Silvia Helena Seixas, Silvio Luiz Morais, Maria do Carmo de Albuquerque e Gilberto Carvalho que, mesmo de longe, tiveram grande participação nesta dissertação. Estarei sempre à disposição de vocês. A Paulo e Zélia de Souza e a Antonio Talharo e Maria Zoráide Talharo. A todos vocês, obrigado por me tratarem com a um filho.

Agradeço aos meus professores: Walter Silvério e Maria da Glória Bonelli, pelo apoio e pelas considerações importantes a esta dissertação. A Marina Denise Cardoso, pela paciência e pelas importantes aulas, orientações e confiança maior que a minha nessa dissertação. Agradeço a Píero Camargo Leirner pela amizade e pela paciência, por não me deixar “voar” no estruturalismo. E, por último, a Luiz Henrique Toledo, por toda consideração, pela amizade, pela inigualável paciência e confiança. Sem vocês esta dissertação nunca teria chegado ao fim.

A lembrança da confiança que todos depositaram em mim foi o que me deu forças, muitas vezes, para levantar da cama, me manter vivo e enfrentar as dificuldades. Com todos vocês faço a promessa de que usarei meu conhecimento e minha força da melhor forma possível e a serviço de todos. Obrigado.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo compreender a forma como se constrói a sociabilidade entre grupos jovens ligados ao Rap e ao Rock nas cidades médias de São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto. Aborda como se constrói a idéia de juventude a partir da música e do espaço ao apontar como a pluralidade de estilos musicais existentes nestas cidades possibilita a construção de uma lógica de identificação e uma forma de sociabilidade local que se concretiza por meio de Curtos-Circuitos.

Palavras Chave

Juventude, Geração, Sociabilidade, Música, Estilos, Espaço, Curto-Circuito.

Abstract:

The objective of this study is to understand the construction of sociability among young groups connected with Rap and Rock in the averages cities of São Carlos, São José do Rio Preto and Ribeirão Preto. The research approaches the manner how the idea of youth is constructed from the music and the space indicating how the plurality of musical styles present on these cities make possible a logic of identification and a manner of local sociability that is realized by the short circuits.

Keywords:

Youth, Generation, Sociability, Music, Styles, Spaces, Short Circuits.

Introdução

Este projeto começou com um objetivo mais ou menos definido: o de estudar algumas formas de expressão juvenil que, em tese, se articulavam por meio de diferenciações em termos de estilos musicais. Durante nossa pesquisa por diversas cidades do interior de São Paulo, concentramos nosso olhar em São Carlos e São José do Rio Preto. Em menor grau, olhamos para Ribeirão Preto e estivemos atentos à Araraquara. Estas cidades são pólos irradiadores em suas regiões e possuem uma importância que não se restringe apenas à economia e à política. Culturalmente, possuem uma visibilidade considerável. Para nós os estilos musicais existentes nestas cidades possuem qualidades excepcionais como formas de representações. Representação de si, de outros e do mundo em que vivem.

Chamou-nos a atenção o fato de estes mesmos estilos musicais estarem associados a determinados estigmas, representações de certos comportamentos desviantes, ao mesmo tempo em que representariam, segundo uma visão mais conservadora, “coisas importadas de fora” que estariam sendo consumidas pelos jovens das cidades de médio porte do interior de São Paulo. Neste momento, pensávamos que os estilos musicais ligados ao rap e ao rock, os quais queríamos estudar, teriam alguma particularidade em termos de consumo musical e representações e, assim, poderiam ser apreendidos pelo pesquisador. Tínhamos a interpretação de que alguns autores da literatura sobre juventude tratavam tais estilos musicais atrelados a um substrato sociológico definido pela expressão grupos de jovens, como que estabelecendo de antemão uma dada identidade e não captando desta forma, a relação entre estas representações e práticas a partir dos agentes, mas sim de grupos auto-definíveis. Atrelados a essa abordagem, outros autores ainda procuram abordar o fenômeno da juventude como uma extensão de uma experiência propriamente geracional (ABRAMO,1994).

Desde o início consideramos que estes grupos não seriam uma mera reprodução de formas que partem das grandes cidades do país, centros irradiadores de estilos e consumo jovens, tais como São Paulo ou Rio de Janeiro. Segundo nossa hipótese de partida, o espraiamento do fenômeno da juventude não possui um significado unívoco, tanto de origem quanto de distribuição, pois está sempre sofrendo com uma reavaliação contingente (SAHLINS, 1999), definindo-se pelas relações estabelecidas com as demais paisagens nestas cidades que citamos de saída (São Carlos, São José do Rio Preto). Neste sentido, abordar a juventude em termos de forma e conteúdo dependia de apreender quais e quem eram esses grupos, os interlocutores com os quais escolhiam estabelecer relações, de conflito, oposição, etc. Ou seja, entender estes estilos musicais em termos do que pensam, de como representam e se organizam, dependeria de apreender os princípios de estruturação desses jovens. Entender a pluralidade de estilos que compartilham o mesmo espaço, formando um curto-circuito. Seguíamos a idéia de que tanto a forma de organização quanto as suas representações estariam relacionadas à sua experiência concreta. Contudo, nem todas essas hipóteses foram confirmadas. Com o desenvolvimento da pesquisa, fui percebendo que o nosso objeto, mesmo restringindo-se ao heavy-Metal e ao hip-hop, era demasiadamente extenso. E por este motivo, tivemos de fazer novo recorte. Porém, mais importante que isso, lidamos com questões que antes não havíamos pensado estar relacionadas a nosso campo de pesquisa. A relação entre estilo musical, grupo e território, a relação entre os estilos musicais de cada cidade e a própria relação entre os agentes dentro de um estilo considerado, ofereceu-nos mais trabalho do que pensávamos poder ter. Principalmente porque, segundo nosso ponto de vista, esta relação não se dá de forma direta. Pensar os limites de um grupo de jovens não é pensar o que significa a existência de um estilo musical vivido por uma parte considerável de agentes dentro deste contexto.

Muitas vezes, os supostos grupos se mostraram articulados a outros elementos que não estavam previstos por nós. Elementos antes não considerados para nosso campo mostraram-se muito influentes no estabelecimento dos tipos de relação entre os agentes e entre os grupos. A questão da territorialidade, por exemplo, mereceu uma atenção em função de defendermos que estes estilos possuíam autonomia¹ em relação a uma determinação de lugar. Alguns autores estabeleciam uma diferenciação entre a lógica de relações locais e uma lógica macro de relações, entendendo que a primeira influencia a segunda. Contudo, seria a segunda que caracterizaria a primeira (DIÓGENES, 1998).

O lugar ou território passaram a ser definidos não como um locus de onde os grupos e estilos partiam, mas como um produto de suas relações. Ainda neste ponto, deve-se fazer uma ressalva. Foi necessário distinguir território de circuito. O primeiro deve ser pensado dentro do quadro de relações que excede em muito o quadro de relações que o segundo circunscreve, sendo que este, não possui a mesma perenidade que o primeiro. É lógico que em alguns momentos os dois se confundem. Outrossim, passamos a ver de forma separada os mesmos e procurar entender de forma diferente cada qual, até para demonstrar os pontos de intersecção entre os mesmos. Portanto, pensar as propriedades simbólicas que ambos oferecem passou a ser mais do que necessário também. Esta abordagem, segundo o que pensamos, permite demonstrar que as relações entre os agentes de diferentes estilos, e dentro de um mesmo estilo, não são primariamente definidas pelos espaços que freqüentam. Os espaços na verdade são marcados por estes agentes, passando a ser elementos de distinção entre os próprios agentes. Os mesmos atribuem uma marca, ao mesmo tempo em que são marcados por estes lugares. Isto ficará mais claro quando no decorrer deste texto.

¹ Acreditamos que a definição de autonomia em Bourdieu e Lévi-Strauss não seja diferente. Quando falarmos em autonomia estaremos sempre nos referindo a estes autores.

A questão da geração é outra questão importantíssima que nos dedicamos neste trabalho, em virtude de pensarmos que nem tudo que se referia a nosso objeto poderia ser pensado como uma forma de experiência geracional.

Reconhecemos que esta tem sua importância, uma vez que, por juventude pode-se delimitar mais ou menos uma determinada faixa etária. Ser jovem é possuir algumas qualidades e formas de ser específicas. Entretanto, julgamos que o ser jovem também está relacionado a certas coisas que não se restringem à experiência geracional e é isto que procuraremos demonstrar neste texto. Pertencer a uma certa faixa etária, a um grupo ou estar experimentando um estilo musical não possuem um fim em si mesmos (como se pode ver que de início pensávamos também) mas, seriam um meio para um outro fim. Demonstrar isto é o maior objetivo desta dissertação. Desnudar os sentidos que emanam desta operação foi sem dúvida um desafio e esperamos poder ter contribuído, ainda que minimamente, para ajudar na compreensão destes grupos.

Por conseguinte, cabe a este trabalho demonstrar como se constrói o pertencimento a um estilo. Diferente de cidades como São Paulo, nestas cidades a que nos referimos não podemos ver grandes grupos de um estilo apenas, com exceção do rap. Não podemos identificar ou constatar grupos bem delimitados de apenas um estilo de rock. Contudo, ao observarmos este, percebemos que, às vezes, em um pequeno grupo, cada um deles tinha como referência um estilo diferente que, no entanto, não os impedia de caminhar juntos e de ir aos mesmos espaços. Mesmo quando houve eventos grandes, os mesmos podiam ser vistos no mesmo local. Do ponto de vista dos eventos ocorridos durante este período, percebemos que estes jovens podiam ser vistos, na maioria das vezes, nos mesmos eventos que os participantes do rap. A festa ou o evento é um elemento importante, mas não explica o pertencimento a um estilo. Por este motivo, eles são vistos desde o Ira até Edson e Hudson, passando pelo Wander

Wildner. Isto justifica a nossa ida a estes eventos diferentes em termos de gênero e estilos musicais. Aparentemente, eles deveriam ser pensados separadamente. Com tempo e, em virtude dessa nossa constatação, mudamos de ponto de vista e os Shows passaram a ser um campo importante de observação. Por trás dos mesmos, para nós se esconde uma questão importante. Os eventos não ocorrem sozinhos, alguém ou alguéms precisam definir, delimitar a sua existência e sua extensão. Para tanto, segundo o que pensamos, este ponto é importante para definir quem deve ser o público. Quem deve ser incluído e quem deve ser excluído pelo mesmo. Por este motivo, considerar os grupos dentro dos eventos foi importante para seguir e entender que existem continuidades e rupturas entre estes estilos. Continuidades e rupturas que passam por dentro dos espaços e dos eventos.

Entender isso é entender como os sujeitos se movem por dentro destes espaços e por dentro dessas classificações utilizando-as para definir, não apenas a sua pertença a determinado estilo, mas para se colocar diante dos demais agentes que também passam e circulam dentro dos mesmos espaços e manipulam os mesmos elementos simbólicos. O leitor perceberá, neste sentido, que a nossa pesquisa de campo se deu de forma fragmentada. Fizemos durante o percurso da mesma, uso de pesquisa participante e de entrevistas.

No que se refere à observação participante, presenciei shows de diferentes estilos musicais (sertanejo, pagode, rock, rap), bem como participamos de diferentes formas de reunião, desde festas² mais privadas até reuniões públicas em praças. Em certo momento, tivemos a oportunidade de acompanhar de perto o cotidiano de alguns jovens de dentro de suas próprias casas. Visitamos algumas casas nos bairros da periferia de São Carlos e de bairros nas imediações da mesma. Também tivemos a oportunidade de participar por um tempo de uma organização não governamental que tinha como objetivo oferecer cursos e

² Inclusive festas grandes como a Festa do clima em São Carlos e o Festival de Teatro de S.J.Rio Preto.

oficinas culturais a alunos que possuíam retrospecto ruim na escola e/ou que apresentavam problemas na escola. Infelizmente, não pudemos ir a algumas festas que considerávamos poder aumentar a compreensão de nosso objeto, como um Festival que ocorre na cidade de Ribeirão Preto, o João Rock, onde tocam anualmente diversas bandas de grande e médio porte do país. Contudo, apresentamos nos capítulos que se seguem uma imagem deste espaço social que pretendíamos dar conta e dos jovens que, por meio deste espaço, abrem-se para construir uma forma de sociabilidade.

Capítulo I

Nossas *Tartarugas*, Suas *Perguntas*: delimitação da Observação e do Objeto

1.1. O “Lugar” da Música

- Como são as músicas que você e sua banda tocam?
- “As músicas são tonais, partindo do Dó é um tom. Do Dó para o Ré é meio tom. Tem um negócio que se chama quadrado de Dó e você precisa saber porque tem um monte de banda que é uma variação disso aí...Legião Urbana, Nirvana, Detonautas, é tudo uma variação disso aí”
- O que é o Quadrado de Dó?
- “Dó – Ré–Mi – Fá –Sol –Lá – Si, este é o quadrado de Dó”³.
- Qual a diferença disso para outros tipos de sons, estilos de sons?
- “Por exemplo: o módulo é utilizado em chorinho, MPB⁴ também usa, joga tensão na música, alguma coisa assim. Inclusive a música nordestina faz isso. Cada módulo possui a sua fórmula própria de abordagem da música. O Punk, o Hardcore é tudo não refinado, toca tudo dentro de um tom só. Para ficar harmonicamente em que tá dentro de um tom só.
- Mas é possível pegar uma música que deste tipo e fazer de outro jeito, tem como passar de um módulo para outro?
- “Minha banda uma vez fez uma versão de Cálice⁵. Uma guitarra faz a caída dos tons que haviam na música original e a outra guitarra ia fazendo outra coisa uma seqüência de notas que estavam dentro do tom”.⁶

Reproduzimos acima, parte de uma entrevista que coloca boa parte dos temas que pensávamos que fossem possíveis abordar desde o início de nossa pesquisa. Para nós, a questão da música deveria ser observada mais precisamente pela particularidade de se apresentar como uma forma de linguagem. Inspirados em Lévi-Strauss, procuramos entender

³ Com as mãos no violão, o rapaz foi fazendo as notas, mostrando a sua disposição e como elas formam um quadrado.

⁴ Música Popular Brasileira.

⁵ Conhecida música de Chico Buarque de Hollanda, um dos expoentes da MPB.

⁶ Giovane, músico, 23 anos. Morador de Campinas.

a forma como a mesma poderia ser emprestada para vincular formas de mensagens, sendo que estas, não necessariamente partiriam da própria música.

Lévi-Strauss, em certos textos, estabelece uma relação entre os mitos e a música (LÉVI-STRAUSS, S/D), com a finalidade de demonstrar as particularidades de cada linguagem e a diferença entre estas duas formas de linguagem. Em sua opinião, a música é um objeto eminentemente simbólico, ela representa um recorte em meio à escala e sons indistintos, introduzindo nela um princípio de organização (LÉVI-STRAUSS, 2004: 49) e que se avizinha aos mitos, portanto, com a diferença de este último se colocar como um objeto da ordem do discurso. Ambos possuem a particularidade de serem forma de organização da experiência sensível (LÉVI-STRAUSS, 2004: 39) e, apesar de serem diferentes em pontos cruciais, se mantêm porque de alguma forma se ligam à tradição dos povos, se perpetuam e se atualizam por meio de seus ouvintes (LÉVI-STRAUSS, 2004: 37).

Para o autor, a música, para além de sua semelhança com os mitos, possui uma característica em comum com a pintura, qual seja a de introduzir uma articulação entre escolhas e disposições de certas unidades dispostas em temas, por meio de uma interpretação que estaria em conformidade com uma técnica e um estilo transposto de um código cultural aplicado a certa matéria por um artista de uma dada sociedade (LÉVI-STRAUSS, 2004: 40).

Lévi-Strauss (2004: 40) distingue os tipos de linguagem que trata pelos tipos de níveis que possuem e pelo tipo de relação que se estabelece entre os mesmos. O primeiro nível acaba por igualar as três: pintura, música e linguagem articulada. Outrossim, a introdução de um segundo nível de articulação dado na linguagem articulada a distingue das demais, pois nisto reside seu “caráter arbitrário”, sendo que o código significante fica preso a este segundo nível. É este segundo nível que é meio e fim para a significação, já que, deste ponto de vista, a música não pode acompanhar a linguagem articulada em função de não possuir um

equivalente da ordem da palavra (LÉVI-STRAUSS, 1993: 72). Na música, a hierarquização da escala e o estabelecimento da diferença entre os sons constituem-se como o primeiro nível desta linguagem. A música está diante da cultura e a organiza intelectualmente, segundo o autor, e isto confere a ela o seu caráter autônomo (LÉVI-STRAUSS, 2004: 42). Sendo assim, ela se abre para se apresentar como um sistema significativo e para a formulação do segundo nível de significação (LÉVI-STRAUSS, 2004: 43). É neste nível que os elementos estão marcados pela e para a significação, estabelecendo as condições mínimas e a priori da comunicação (LÉVI-STRAUSS, 2004: 44). Desta forma, o autor pode estabelecer que, neste ponto, o mito e a música igualam-se em termos de propriedades, em função de trabalharem pelo ajustamento de duas grades, uma interna e uma externa, “acionando” estruturas mentais que estariam aquém da consciência (LÉVI-STRAUSS, 2004: 47).

Destarte, a música na qual Lévi-Strauss embasava sua discussão, não é exatamente a mesma que temos diante do nosso recorte empírico, apesar de reconhecermos que estes apontamentos abriram-nos para um pensamento mais aprofundado para a significância da mesma para o nosso objeto. A pessoa entrevistada acima é um músico e possui algum conhecimento a mais que um ouvinte. Entretanto, a partir do ponto de vista em que fui abordando, a diferenciação entre ouvinte e produtor foi deixada de lado com o passar do tempo. Pensávamos de saída em não privilegiar os músicos, e sim os ouvintes. Da mesma forma, foram minimizadas as distinções mais evidentes entre estilos em termos de suas formas de estabelecimento de distinções. Não porque os mesmos trabalham dentro de um mesmo campo Harmônico ou dentro do “quadrado de Dó”⁷, mas porque ao analisar, ao

⁷ Segundo o que pensamos, poderíamos diferenciar os estilos pelas notas que privilegiam, pelas harmonias que usam etc, mas, ao fazer isso, estaríamos caminhando para entender a estrutura interna da obra em um estilo. Poderíamos a partir disso, estabelecer distinções até montar um quadro de diferenças. Contudo, este não é o nosso objetivo. O escopo deste trabalho se prende a tentativa de entender a utilização do estilo como um conceito, como o meio e o fim de uma troca estabelecida entre diversos agentes de diversos estilos, não apenas de um.

recuperá-los por meio de uma distinção que os considera como são, ou seriam, os significados associados aos mesmos.

A propriedade da música como um conceito (LEVÍ-STRAUSS, 2002 35)⁸, qual seja, a de se abrir como um meio para uma significação, passou a ser essencial. Como um conceito, podemos ver que os agentes utilizam-se da referência ao rock e ao rap colocando, aparentemente, mais peso nisso e, assim, marcando sua diferença em termo de grupos e entre pessoas. A primeira vista, esta sua adesão ao um estilo tem mais peso que as representações veiculadas pelos próprios estilos. Assim, podemos ver que a música aparece como elemento de significação operada pela pessoa, como um dos elementos que vão construir, delimitar um grupo. O rock, portanto, é um gênero de música que possui um conjunto simbólico próprio e oferece aos agentes a possibilidade de se diferenciar a partir de uma incorporação total ou até parcial de seus elementos. Por conseguinte, para que um estilo exista em contexto, como São Carlos, é preciso um agente e não trezentas pessoas. A autonomia própria do simbólico permite que, dentro de um espaço como São Carlos, um agente possa mostrar quem é a partir de seu uso constante de uma camiseta agindo desta forma, para construir um campo simbólico próprio neste local, evidenciando preferências de relações e diferenças dentro deste campo.

Queremos dizer com isso que, dentro de São Carlos e São José do Rio Preto, pertencer a um estilo significa participar igualmente com diversos agentes que operam a mesma ação. Qual seja, possuir um elemento que individualmente o liga a um conjunto simbólico amplo e o individualiza entre os agentes. Cada um pode ser diferente, pode escolher um estilo que os outros não escolheram. Assim, o rock pensado como um sistema simbólico tem condições e oferecer uma grade quase ilimitada para que o agente possa se diferenciar. Ele pode ser: Doom, Emo, Punk, Careca, Thrash Metal, Black Metal, Heavy (clássico), Heavy Melódico,

⁸ Considerando os Estilos Musicais cada qual como uma forma de conceito.

Power-Metal, Speed Metal etc. Ao mesmo tempo, dentro de cada estilo destes o agente escolhe geralmente uma banda, sendo que, na maioria das vezes, ele acaba tendo nesta a sua referência principal. Não necessariamente ele ouve mais bandas do mesmo estilo. Quem ouve Thrash Metal pode ser fã de Megadeth e não gostar de Sepultura, ouvir White Zombie e não ouvir mais nada. Com o rap, esta divisão não é menos complicada. Por possuir menos estilos diferenciados, o mesmo ocorre com este gênero musical. Geralmente, veremos que o ouvinte escolhe seu grupo preferido e, não necessariamente, possui mais referências que aquele grupo ao qual ouve todos os dias e cuja camiseta veste na maioria dos dias. Quem gosta de Racionais, não necessariamente ouve De Menos Crime ou Consciência Humana.

Desta forma, poderíamos encarar este processo de duas formas diferentes: na primeira, consideraríamos cada estilo e os separaríamos em função de cada recorte que fazem em termos sonoros, o que implicaria, em termos do rock, considerar as diferenças de afinação das guitarras e do tipo de distorção que cada estilo utiliza. Isto significa que, para poder trabalhar com estes estilos, deveríamos considerar a divisão por campo harmônico. Para ficar nos exemplos citados acima, separaríamos de um lado o Thrash Metal, Black Metal, Heavy (clássico), Heavy Melódico, Power-Metal, Speed Metal e, de outro, o Hardcore, o Punk, Grounge, o Emocore etc. Em virtude de sua qualidade de Linguagem, cada um destes estilos transmite mensagens, por meio das letras e dos tipos de notas que põem em movimento para poder se diferenciar dos outros. Também em virtude de ser linguagem, podem utilizá-la para importar mensagens que não fazem parte destes estilos e traduzir estas mensagens nos termos do estilo. Por este motivo, poderíamos fazer uma outra diferenciação entre os estilos, na qual consideraríamos a divisão dos mesmos pelas representações associadas a cada um destes estilos. Poderíamos separá-los em termos dos temas dos quais tratam, o que seria o mesmo que entender que para cada estilo diferente por meio de suas representações próprias.

Entretanto, preferimos trabalhar as relações entre os indivíduos construídas por meio da identificação que possuem com determinados estilos e como esta escolha baliza a construção de espaços de troca, aqui chamados de curto-circuito, e de sociabilidade. Particularmente, isto ocorre devido à imensa variedade que o heavy metal possui e ao rap, que acaba por dentro destes contextos produzindo o campo de produção de diferenças. Pensamos que este último é muito mais significativo, pois, pelo fato de se encaixar nos termos das representações colocadas por cada qual dos estilos, cairíamos em uma chave onde apreenderíamos o dever ser que cada qual possui.

Desta forma, perderíamos aquilo que em nosso projeto havíamos chamado de “contexto de produção de diferenças”. Também não queríamos deixar a entender que o estilo musical correspondesse a algum tipo de comunidade, ou que necessariamente remetesse a alguma forma de solidariedade. Acreditamos que, para reconstruir o campo simbólico, a observação participante possuía um rendimento teórico maior. Segundo o que, pensamos cada um daqueles estilos acima mencionados se traduzem em elementos para a diferenciação dentro deste contexto social de diferenças. Em um show, o que vemos são diversas pessoas que se utilizam do rap, do heavy metal, thrash metal para se colocar dentro destes eventos e do seu cotidiano de uma maneira diferenciada. Então, este contexto é formado por estes estilos que são incorporados por indivíduos, tendo em vista os que já são incorporados pelos demais agentes que como eles circulam por estes espaços. Tivemos que considerar que as músicas, justamente por possuírem estas propriedades citadas acima, poderiam oferecer um sistema de diferenças entre os grupos jovens observados, ao menos em relação ao primeiro plano, ou seja, a partir de sua demarcação de pertencimento a um destes estilos, o agente faz isso para marcar a sua diferença em relação aos outros indivíduos que com ele participam do mesmo espaço e participam na maioria das vezes dos mesmos eventos. A relação que uns

possuem com os outros, como agentes, é que vai nos mostrar como um pode significar ao outro⁹. Esta significação se dá por meio da presença de vários tipos de pessoas identificadas a diversos estilos dentro de um mesmo espaço ou dentro de um mesmo evento. Justamente porque nem todos possuem ou merecem, de acordo com o ponto de vista dos agentes, o mesmo tratamento. Cabe dizer ainda que, ao utilizarmos o termo grupo, não estamos remetendo a uma identidade ou identificação, mas sim a uma atribuição de representações. Grupo, como categoria sociológica (DUMONT, 1999), para definir um conjunto de indivíduos que partilham valores e práticas comuns, não é um sinônimo de estilo musical. Este último é muito mais geral do que o grupo, e existe para contextos mais gerais¹⁰, ainda que de forma diferente para cada lugar. Pode vez por outra se ligar a um estilo, mas pode também ser outra forma simbólica que os une.

Os estilos de música que temos diante de nós, fizeram-nos pensar primeiro por este prisma, mas aprofundando um outro lado. Neste prisma, ela os une à música como um elemento da mesma. Poderíamos seguir o caminho semelhante a que nosso entrevistado acima nos coloca, definindo os estilos por meio das formas musicais que colocam em operação e separá-los de forma que fique mais clara a diferença entre os mesmos, estabelecendo assim, a diferença por meio dos temas que levantam ou por meio dos propósitos colocados acima por meio de suas letras. Disto decorre que o significado que está sendo vinculado pelo agente importa menos que o significado que lhe é atribuído por meio do conjunto das relações entre os agentes, em virtude de pertencer ao rap ou ao heavy metal, dentro do curto-circuito. Importa mais do que as próprias representações que são veiculadas pelos mesmos como sendo um estilo. Segundo o que pensamos, isto ocorreria pelo fato de os agentes privilegiarem esta

⁹ Internamente a música, mas externamente serve como elemento de distinção e demarcação.

¹⁰ Do nosso ponto de vista o grupo é visto como uma atualização do estilo, incorporando posições distintas e trazendo outras e contextos diferentes. O próprio estilo não possui a explicação de si mesmo, esta se encontra nas razões e nas operações que coloca em movimento e que são externas a ela.

configuração ao invés de se diferenciarem em suas letras ou em uma representação mais ampla. Para estabelecer suas distinções, os agentes utilizam apenas uma parte do significado pleno que possuem os estilos, marcando as suas diferenças por meio das re-significações feitas dos mais variados estilos de rock e de rap.

A questão aqui é que os agentes, por pertencerem ao rap ou se declararem power-metal, querem que disto resulte uma classificação que acabe por englobar até os que não se orientam em um ou em outro destes estilos. Por isto, podemos fazer um paralelo com o que dissemos acima. Aqui, então, o significado de ser do rap, trash, careca ou de uma família tradicional de São Carlos ou de Rio Preto advém da posição que o agente assume dentro deste contexto. Esta classificação é arbitrária. A partir de nosso ponto de vista, ser do rap ou ser black metal pode ser pensado aqui, como sendo parte de uma linguagem própria deste contexto etnográfico. Segundo Sahlins (1999: 10), deve-se considerar que algumas coisas possuem poder de servir como referência e são muito mais particulares e, potencialmente, mais gerais que os signos. Neste contexto etnográfico, passamos a pensar o rap e o power metal por este prisma, considerando ainda que seu uso corrente opera apenas parte do sentido coletivo que possui. Assim, as diferenças são função da experiência social à qual pertencem, sendo que, esta experiência social coloca em jogo as relações operadas pelos agentes entre si e, por meio do contexto social mais geral em que se inserem, da cidade onde vivem (SAHLINS, 1999:10).

Considerando que, para estarmos lidando com jovens ligados ao rap e ao heavy metal, entre outros, em S.J. Rio Preto e São Carlos, devíamos pensar como seria a forma de relação pensada e operada por eles a partir dessa experiência social, nossa hipótese era de que o processo de comunicação estabelecido entre os mesmos estava ancorado nas relações entre os agentes. Também o ponto de vista que cada qual possui um dos outros permitia-nos pensar

quais seriam os pontos fundamentais pelos quais os agentes se colocavam uns em relação aos “outros”, supondo que a diferenciação dos grupos constituídos passaria pela negação de elementos constituintes dos grupos com os quais se relacionavam.

Se nos concentrássemos em demasia no que é o estilo, acabaríamos deslocando-nos um pouco da lógica local e caminharíamos para um objeto que não teríamos a menor condição de estar analisando, na medida em que é inegável que os estilos existem em todo o ocidente ou em todo o Brasil, no mínimo. Perderíamos um pouco das propriedades apresentadas nas relações mais locais e não poderíamos saber quais são os interlocutores que participam deste processo. Alguns autores observam que a associação entre um estilo musical e um determinado grupo de jovens é uma forma de participar de uma nova cultura de massas, que possui na juventude o principal lócus da reprodução de uma ética do lazer (DIÓGENES, 1998) ¹¹. Em certo ponto, por este caminho que não foi desconsiderado, só não estava mais em primeiro plano, poderíamos chegar aos temas que participam de cada campo, de cada grupo e ver a sua transformação de grupo a grupo, por exemplo, a Religião do ponto de vista do rap e do heavy metal. Nosso propósito aqui não é ver como os rappers de São Carlos e S.J. Rio Preto participam da Indústria Cultural por meio do consumo de música. Também não é, como parece, sustentar uma certa perspectiva da forma como o rap faz parte de uma indústria da cultura de massa. O estilo que cria as categorias e as informa aos agentes. O problema a ser analisado é o da forma que este estilo serve a uma lógica local, a despeito da que pode possuir em outros contextos, inclusive em seu contexto original de produção. Portanto, nosso objeto é o modo como os grupos de jovens observados apreendem determinados estilos e a

¹¹ A autora trabalha na perspectiva aberta por Edgar Morin.

formação de relações entre os mesmos, a partir de uma lógica que não parte deles próprios, mas de um contexto local mais geral que joga com um sistema de associações nestes contextos¹².

Em relação às representações, não poderíamos concentrar-nos nas mesmas, em função do tipo de relação que se estabelece com cada estilo. Não poderíamos, por exemplo, ver o que é ser anti-cristo do ponto de vista do black metal ou o que hoje significa ser Evangélico do ponto de vista do rap, a partir de um contexto tão reduzido quanto esse pelo qual passamos, São Carlos S.J Rio Preto, e ver como isto pauta a relação entre black metals e rappers nestas cidades. Ou ainda, partir de uma diferença entre o que o grunge propugnava como sendo Atitude e ver isso do ponto de vista do punk¹³ e dos carecas de São Carlos, pelo motivo de aí ser necessário passar pelo conjunto das bandas significativas destes estilos e, a partir delas e das representações que pudéssemos apreender, ver como elas operariam através destes grupos, nestas cidades. Mais ainda se as mesmas são importantes para estes contextos onde estivemos.

Contudo, há ainda que se considerar que o seu gosto musical por uma banda não os liga automaticamente a outros que ouvem a mesma banda. Os integrantes, por exemplo, da Banda de São Carlos Sua Mãe porque são fãs de hard rock¹⁴ possuem uma relação direta com pessoas de mesmo gosto ou que Digeó, rapper de São Carlos, por ser fã de Consciência Humana¹⁵ também faça a mesma correlação direta. Não encontraremos, senão no show da própria banda, uma massa de pessoas que se unem em função do gosto pela mesma. Não decorre, portanto, que há uma prática associada diretamente a estas bandas. O gosto nos contextos que observamos coloca outra prática. Unem-se a grupos de diferentes gostos, com

¹² Somente a partir de ponto de vista como este, poderemos ver como um grupo de Strayeds em São Paulo pode se ligar a um pensamento de esquerda, Marxista ou Anarquista, e em São José do Rio Preto se ligar a uma forma de Neo-Nazismo. Como os Carecas do ABC paulista podem se ligar a um pensamento Nacionalista anti-racista (no sentido em que se pensam como anti-identidade) e, em São Carlos, assumirem o discurso anti-sionista e abertamente xenófobo.

¹³ Do Punk seriam: Ramones, Sex Pistols, Clash etc. Do Grunge: Nirvana, Pearl Jam, Alice in Chains, entre outras.

¹⁴ Doors, Hendrix, Deep Purple, Led Zeppelin, AC/DC. No geral bandas da década de setenta e sessenta.

¹⁵ Grupo de Rap de São Paulo.

referencia a diversas bandas¹⁶, inclusive de outras formas de música. E é, principalmente nestes contextos, que aparecem com suas camisas entre outras formas próprias de distinção. Não foi incomum ver os integrantes de diversos grupos de rap de São Carlos nos shows de Hud & Hobson e do Ira.

Entretanto, deve-se considerar qual é o show em questão. Os que estavam nos shows de Art Popular e Racionais estavam também nos shows de Hud & Hobson e de Guilherme & Santiago. Portanto, a música em si oferece aos agentes uma distinção que não vem apenas pelas representações que supostamente incorporam a seus pensamentos, oferece a oportunidade de distinção em relação a grupos inteiros ou a pessoas. No caso, deve-se partir para entender a identificação tal ou qual banda ou grupos.

Cada agente considerado como pertencente a um estilo não se articula com uma fidelidade eterna a um ou mais destes, o que se difere muito, por exemplo, das pessoas que possuem um time de futebol e que, muitas vezes, permanecem fiéis até o fim de suas vidas ao time escolhido.

Com certeza, muitos rompem com a geração dos pais que, nem sempre foram ou são fãs deste gênero de música. A oposição em relação à geração anterior não é fundamento da escolha por um ou outro estilo. Se adotássemos esta perspectiva, deveríamos fazer um resgate histórico de como os mesmos surgem para a geração imediatamente anterior e como ficam para as seguintes. Apostaríamos mais na continuidade do que na ruptura, se fôssemos por este caminho. No entanto, a explicação para fundamentar os seus gostos é importante porque os agentes assim se conectam a uma história particular e a um conjunto.

¹⁶ E em relação a este ponto, soma-se todas as outras coisas que já se conhece de longa data sobre os mesmos. A preferência por roupas pretas, camisas, sobretudos, bermudas, calças, etc. pretas.

Aparentemente, as contigüidades e as disjunções são inerentes a estes jovens ligados tanto ao rap quanto ao heavy metal. As disjunções entre os estilos não são necessariamente as mesmas que se observa entre os grupos que reivindicam tais estilos. Neste ponto, os contextos locais devem ser considerados para verificar como se dá o jogo entre esses dois domínios: o dos estilos musicais e o da própria sociabilidade entre esses grupos jovens. Esperamos ao fim demonstrar o que Sahlins (1990: 13) diz em relação a este ponto, que a lógica, a autonomia, de um dado contexto específico não se confunde com as lógicas mais inclusivas; ou seja, embora os estilos musicais adquiram uma autonomia e são consumidos por milhões de jovens pelo planeta, o contexto local impõe outras dinâmicas interessantes de serem observadas.¹⁷

Se pudermos considerar que tais conceitos são produtos heteróclitos do pensamento, a história da qual serviam não é o ponto ao qual se deve pensar a forma pela qual se dão aqui estas relações (LÉVI-STRAUSS, 2002: 51). Isto justifica a razão por optar pelas escolhas conscientes dos agentes e não aprisioná-los em identidades juvenis, sejam elas raciais, étnicas ou sociais. A própria genealogia do conceito de identidade não se confunde com as histórias particulares dos grupos¹⁸.

Se esta hipótese pode ser confirmada caberia ainda um outro aspecto. As distinções que se operam e se apresentam no contexto local se reportam ainda a outros contextos mais gerais nos quais há uma distinção de outra natureza, externa a estas distinções¹⁹, que aqui não estavam definidos dentro do nosso campo de observação. Tomemos, por exemplo, o hip-hop, estilo consumido pelos jovens interioranos, mas que, como sabemos, estende-se em uma rede mundial. Para além das acomodações locais, o hip-hop também se apresenta como um

¹⁷ Referimos-nos aqui aos estilos musicais mais gerais, que existem em diversas partes do mundo.

¹⁸ Não estamos negando que existam identidades sociais e Raciais, mas não as tomaremos como ponto de partida. Elas aparecerão quando for o caso, quando do ponto de vista do nossos agentes ou de algum evento as mesmas forem relevantes.

¹⁹ Como dados extrínsecos provenientes do espaço social (LEVI-STRAUSS, 2002; BOURDIEU, 1996).

movimento e não apenas como um estilo musical a ser consumido. Relaciona-se com o poder público, muitas vezes para poder ganhar espaços institucionais, negocia com organizações não governamentais (O.N.Gs)²⁰.

Mas se, como gênero musical, o comum é pensar o rap como sendo um gênero diferente do rock, como um sistema simbólico independente do rock. Quando nos focamos na experiência social a qual ele serve em São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto percebemos que a sociabilidade dos jovens nestes contextos não os separa de forma radical, a ponto de cada um ser uma coisa diferente. Segundo o que pensamos, os agentes incorporam a referência ao rap, ou a um estilo de rock, para produzir diferença por meio destes estilos, utilizando-se dos mesmos para se diferenciar uns dos outros. Neste ponto, se seguirmos o pensamento de Sahlins (1999), ao qual fizemos menção acima, estaremos dentro destes contextos etnográficos percebendo-os não como duas coisas diferentes, mas como algo que, a partir desta experiência social, pode ser pensada como contínuo. Sendo assim, temos como hipótese, portanto, que, dentro deste contexto, a reavaliação funcional destes conceitos acaba por produzir a oportunidade de vermos cada estilo de rock mencionado aqui e o rap como constituindo um mesmo conjunto simbólico, possuindo essa particularidade local.

Por conseguinte, para que possamos trabalhar da forma como expusemos acima, devemos fazer uma última colocação baseada nestes argumentos. Para o contexto etnográfico de São Carlos, S.J Rio Preto e Ribeirão Preto, por mais gerais que possam ser estes estilos,

²⁰ Nas muitas vezes que vimos apresentações do Hip-Hop, estávamos em espaços ou eventos promovidos pelas prefeituras da cidade em questão. É o caso do Festival internacional de teatro de S. j. Rio Preto, organizado por movimentos ligados à cultura, mas patrocinado pela secretaria de cultura desta cidade. Foi o caso também em Ribeirão Preto, onde estiveram em todas as “Feiras do Livro” desta cidade, também organizada pela secretaria de cultura. Em São Carlos, nas “Festas do Clima”, organizada pela secretaria de educação e Cultura, por meio da subsecretaria de Ação Cultural. Além da organização de um evento dentro de uma O.N.G de São Carlos, chamada “TEIA” (este caso em específico será abordado mais adiante). Além da também O.N.G “Casa Aberta”.

aqui eles acabam ganhando uma coloração local. Devemos, então, entender como cada estilo e o Rap se apresentam como um elemento, como um contexto para este Campo.

Contudo, o pertencimento não é permanente. Isto já fora abordado por Vianna (1988), Guasco (2001), Diógenes (1998). A aplicação desta grade a matéria e a marcação que os indivíduos operam na grade reflete este ponto. Isto é contingente e se liga a conjuntura a qual fazem parte, ou são chamados a participar. Por este motivo, devemos colocar a individuação dos agentes aparecendo por meio do chamado destas distinções para esta conjuntura, traduzindo o estilo em um (uns) grupo(s). Incorpora-se, então, a necessidade de se abordá-los, considerando estas propriedades simbólicas dentro uma estrutura da conjuntura particular (SAHLINS, 1990) ²¹ que pertencem a um dado espaço social (BOURDIEU, 1996; 2003). Pensamos que são estas qualidades que permitem-nos tratá-los como pertencentes a um mesmo campo. Passemos, então, a uma definição melhor destes conceitos.

1.2 As Propriedades Simbólicas do Espaço e da Música

Com esta argumentação, estamos defendendo nosso objeto como uma forma de campo simbólico (BOURDIEU, 1996; 2003). A música, como um sistema simbólico (LÉVI-STRAUSS, 1993; 2002; 2004), configura-se como sendo um objeto amplo demais. Mesmo fazendo o recorte para o rock e para o rap, as distinções e os elementos a serem considerados seriam amplos demais para o Escopo deste trabalho.

Contudo, aquilo que dissemos acima, em relação à forma como Lévi-Strauss pensa a música, devem ser considerados, mas por um outro prisma. A música, por possuir aquelas qualidades, pode servir para a significação que é extrínseca a ela, da mesma forma que importa a significação de outros sistemas e contextos simbólicos em termos para a construção de sua forma de linguagem. A diferenciação entre os estilos musicais e sua distinção entre os

²¹ Considerando isto entre os grupos.

agentes por meio destes não deve ser pensada como algo funcional, de forma direta, apesar de haver aí um paralelo entre ambos. A diferenciação entre agentes também pode significar uma diferenciação em termos de estilos ou grupos, da mesma forma que o contrário, a diferenciação em termos dos estilos pode informar a uma diferenciação entre os agentes²².

A diferenciação por meios visuais, por um dado recorte sonoro, é uma ação simbólica que coloca novos usos ao sentido original, na medida em que se oferece como um signo de distinção para os agentes. Esta propriedade não deve ser minimizada e acreditamos que só é possível pela qualidade autônoma que a linguagem possui. Para efeitos deste trabalho, consideramos que a forma como ocorre em cada contexto é contingente. A apropriação particular aqui exposta está relacionada a uma re-significação desses estilos, do rock e do rap, nas cidades em que realizamos a nossa pesquisa.

As relações às quais nos dedicamos neste trabalho são tanto gerais quanto locais. No entanto, considerar o significado que esta operação de distinção possui, por meio de uma re-significação, coloca-nos o contexto local como o plano principal da análise. A escolha do conceito de campo simbólico justifica-se por este motivo. Esperamos poder demonstrar que as pessoas, por meio dos espaços e dos estilos apropriados pelos mesmos, colocam-se de uma forma particular, uns diante dos outros. O sentido que procuraremos demonstrar está conectado às redes de sociabilidades e atravessam os espaços que estes agentes frequentam. Os estilos musicais, como forma de linguagem, não só estão marcados pela e para a significação, mas os agentes também ficam marcados pela e para a significação. Essa qualidade aparece mostrando-se assim, como participantes deste processo.

²² Segundo o que pensamos, a partir da compreensão que possuímos de Lévi-Strauss, Bourdieu e Salhins, esta possibilidade teórica pode ser pensada a partir destes autores. Pensamos que, desta forma, podemos estabelecer uma relação melhor entre o local e o geral, sem colocá-los como opostos, mas como complementares.

Os limites deste campo não são bem definidos, apesar de estarem ligados a um espaço reduzido. Os mesmos passam por meio de diversos pontos, algumas vezes formando circuitos (MAGNANI, 1984; 1992; 1996). Neste sentido, marcando o espaço. Estes conceitos são mais amplos que o conceito de redes de Woolgar & Latour (1997) porque permite introduzir neste pensamento várias práticas²³ que deveriam ser consideradas como parte do campo e levar em consideração inclusive práticas que devem ser relacionadas justamente por se enquadrarem nos aspectos de individuação que permitem realizar.

Voltando a questão do campo simbólico e sua relação com o conceito de circuitos, devemos fazer uma ponderação. Definimos os trajetos e os cenários a partir de uma lógica que, segundo nossa hipótese, parte dos próprios agentes. Se formos pelas qualidades simbólicas destes espaços, procuramos ver como se dava a ocupação ou a apropriação dos mesmos pelos agentes em termos de distinções a partir dos grupos ou dos estilos, observando as contigüidades, as separações e as fragmentações que dinamizam tanto a pertença aos grupos quanto a pertença aos estilos. Bourdieu e Sahlins nos mostram bem este ponto. Quando o primeiro diz que devemos considerar a objetivação e a subjetivação, não está se referindo ao fato de ser possível esse processo apenas a partir de fontes abstratas e representações, pois cada espaço é em si um produto objetivado e possui também as qualidades simbólicas que possuíam as representações que se fazem dele e estão relacionados a certas visões de mundo. São construídos, portanto, a partir de representações e relações passíveis de informar os agentes e, por estes, serem transformados e usados para diferentes fins. Desta forma, devem ser pensados de dois pontos de vista: um que considera as representações que os agentes possuem dos espaços e das categorias que se inscrevem por meio destes. Já para Sahlins, a questão é que a experiência não está apenas no abstrato, mas se

²³ Por práticas deve-se entender que operar o conceito é uma prática, usar a camiseta é uma prática como matar pela banda, como se relacionar a certos espaços, ou ir a certos locais ou shows são práticas.

organiza através dessa e se inscreve na ordem material (SAHLINS, 2003: 15). Por conseguinte, deve-se considerá-los como uma forma de organização da experiência, da mesma forma que a música.

Se podemos afirmar que os estilos musicais e os espaços são formas de organização da experiência, devemos apontar que, para que surjam como objeto, devem ainda possuir outra qualidade simbólica, se quisermos considerá-los com parte deste campo. E, no que tange aos espaços, para surgirem como parte de um circuito, devem também apresentar contigüidades e algo que, daí, possa nos fornecer uma imagem do princípio organizador ou algo que os distinga. Ver-se-á mais adiante que chamamos os mesmos de curto-circuito.

A razão disso encontra-se em uma distinção. O objeto deve ser pensado pelo que quer significar e pelas ausências que se manifestam (LÉVI-STRAUSS, 1979). No que tange aos espaços, pensamos-los desta forma pelo fato de, simbolicamente, os mesmos se distinguirem dos circuitos (MAGNANI, 1992) pelo fato de esvaziarem simbolicamente. Em tese, todos os agentes podem por ali se alocar, passar. Não se distinguem uns em relação aos outros por estarem carregados de símbolos ou emblemas dos agentes, mas por meio das ações dos sujeitos. Diferente do que parece ser a idéia de Magnani (1996) que, para o caso da cidade de São Paulo, os circuitos diferenciam-se uns dos outros por si mesmos, sendo eles marcados simbolicamente como tal. O que se propõe a partir disso é que se veja que estes ligam-se de maneira muito particular ao espaço social²⁴.

Assim, diante de nós o espaço surge como um objeto a ser analisado e pensado na sua medida com as representações que desperta e pelas propriedades que possuem. A relação com a prática que desperta deve ser pensada, uma vez que assentamos aqui o conceito de campo

²⁴ Este conceito pertence à Bourdieu e perpassa toda a sua obra. Contudo, a sua forma mais acabada pode ser encontrada na coletânea “a Economia das Trocas Simbólicas” (BOURDIEU, 2003). Para este autor, a relação com este é essencial para poder ter-se em mente a estrutura do mundo social que se quer revelar por meio da crítica a estas formas de pensamento (BOURDIEU, 1996: 68).

simbólico na sua relação com a mesma e como um produto objetivado ao lado da música como objeto simbólico. Por conseguinte, queremos pensar o circuito e também o curto-circuito como objetos simbólicos, como produtos objetivados.

1.3 A Prática e a Ação Simbólica

Os espaços que tínhamos diante de nós colocam-se de forma diferente uns em relação aos outros. A razão não parte do tipo de espaço apenas, mas pelas relações que compõem cada um dos espaços. Os que estão permanentemente abertos, como bares, boates, não são exatamente iguais a festas e a shows. Com isso, devemos dizer que consideramos, para efeito deste trabalho, que as diferenciações entre cada um desses espaços é operada pela relação que os sujeitos possuem com outros agentes e com os próprios espaços.

Para efeito de compreensão das distinções entre os agentes isso faz diferença. No início de nossa pesquisa, pensamos que estes se separavam do cotidiano. Pensávamos que as distinções que se operavam nestes espaços se davam pela sua qualidade de ser um espaço de trocas, vinculando-se a cada um dos estilos e dos grupos. Reconsideramos para poder enquadrar os mesmo de uma maneira melhor. Passamos a pensar que as distinções partiam do próprio cotidiano, mas não há uma separação radical, há aí um movimento duplo onde as diferenciações que partem do cotidiano para este curto-circuito podem ser reavaliadas e servirem para re-alocar relações para além do espaço destas próprias trocas dadas nestes contextos, inclusive no próprio cotidiano destes sujeitos. Com isso, os contextos de diferenciação não se restringem apenas à dinâmica das festas.

O sentido da prática aparecerá na medida em que conseguirmos relacionar a prática às formas de pensamentos e às formas sociais com as quais lidam. A ação, portanto, pode dobrar os significados na prática, reavaliando os esquemas convencionais (SAHLINS, 1990: 07).

Isso pode ser demonstrado se conseguirmos provar que a ação simbólica aqui analisada, ao operar estas distinções, dentro do curto-circuito, permite ao sujeito operar uma passagem para um quadro de relações concreto e para um plano individual. Assim, pode abrir o grupo para além de si próprio da mesma forma como abre a classificação para ser reavaliada. Captar o sujeito envolve, neste sentido, saber qual a lógica que aí se desenrola. Para nós, a singularização do comportamento (ou prática) por dentro dos espaços qualifica o espaço, na medida em que o personifica, oferecendo a estes distinções que partem de si. O efeito disso pode ser visto, por exemplo, na ação de retirar do plano da pessoa o valor positivo ou negativo que um espaço (festa, show, etc.) possa ter. Assim, o significado que para o agente o lugar possui aqui, passa por colocar o espaço à frente da Pessoa. Como se fosse o espaço uma Pessoa, ou para parafrasear Mauss (2003: 392): “uma pessoa de pessoas”.

É nesse sentido que o curto-circuito será tratado como parte de um campo simbólico, na medida em que possui uma lógica autônoma²⁵ que permite realizar certas operações, de modo consciente ou não, da mesma forma que conduzem os sujeitos a uma inteligibilidade própria²⁶. As continuidades e descontinuidades que descreveremos desenrolam-se por meio de cada grupo e permitem que possamos abordá-los do ponto de vista duplo de suas práticas e de suas relações. Como tal, envolve a comunicação da experiência muito além deste contexto

²⁵ Para os efeitos do que estamos pensando, estamos partindo de Sahlins (1990: 12) para sustentar tal pensamento.

²⁶ Do ponto de vista deste trabalho, pensamos que música pode ser considerada como um sistema simbólico. O Campo Simbólico, para nós, é uma redução lógica deste conceito. Se os sistemas simbólicos podem ser vistos como sistemas homólogos, os campos simbólicos também possuem esta possibilidade lógica contida em suas estruturas. A questão de como uma mensagem passa de um sistema simbólico a outro, ou como uma mensagem de um grupo particular passa a outro grupo do mesmo sistema, operando-se assim por meio, ou como sistemas de transformações, não se difere do que vimos aqui definindo para o Campo Simbólico. Por este motivo, montamos aqui esta aproximação de forma consciente. De forma alguma ignoramos as críticas que Bourdieu faz a Lévi-Strauss, da mesma forma que não desconsideramos as críticas que Sahlins faz a Bourdieu. Só não trataremos com mais profundidade pelo prisma da diferença, para não fugir ao escopo deste trabalho. Consideramos que apenas isso seria demasiadamente longo e atrapalharia um pouco o desenvolvimento de nosso pensamento. Neste sentido, não se trata de um ecletismo metodológico operado aqui. Em nossa conclusão esperamos retomar o conceito de autonomia em Lévi-Strauss e Bourdieu e fundamentar pelo menos em um ponto as diferenças, conforme pensamos.

particular. O pertencimento deste curto-circuito a um sistema de comunicação, no entanto, é o que permite que, para dentro do mesmo, possa-se operar estas operações simbólicas. Com isso, devemos passar a outros pontos também importantes, sendo que devemos deixar claro o fato de não estarmos postulando que os grupos partem de uma estrutura social concebida antes dos mesmos e nem mesmo possuem uma estrutura, neste sentido próprio deles. Para tanto, faremos uma diferenciação deste conceito para deixar visível esta diferença. Também nos esforçaremos para demonstrar que não estamos tratando aqui de uma relação do tipo “Estabelecidos & Outsiders”. Consideraremos que isto será possível se conseguirmos demonstrar que, tanto as pessoas se marcam por meio destas qualidades simbólicas que marcam os espaços concomitantemente, transformando-os em seus objetos, como elementos de sua comunicação.

Capítulo II

Geração, Juventude e Territorialidade

2.1 Introdução

O Objetivo deste capítulo é deixar clara a nossa percepção sobre certa bibliografia que versa basicamente sobre territórios e juventude. Nossa hipótese é que os autores deste campo de análise se basearam em alguns autores clássicos da antropologia e da sociologia para estar definindo as suas formas de pesquisa, ou seja, seus métodos. Basicamente, pensamos que a maioria acaba por trabalhar com a juventude como faixa etária sem, no entanto, superar tais determinações supostamente constitutivas da condição juvenil. E como tal, a mesma é pensada como uma forma de categoria que permite a comparação entre os mais diversos objetos.

Não é nosso objetivo propor um novo método. Muito menos discutir um objeto tão amplo quanto o ser jovem no Brasil. Contudo, pensamos que é necessário fazer uma crítica a este pensamento e entendê-lo, uma vez que, para nós, esta compreensão se faz essencial. Alguns pré-supostos desta bibliografia deverão ter maior atenção nossa do que outros justamente pelo fato de acreditarmos ser esta categoria pouco capaz de dar conta dos objetos que, costumeiramente, são alocados dentro desta perspectiva.

É sem dúvida intrigante que uma inspiração estrutural-funcionalista permaneça como fundamento de uma teoria da juventude. Os motivos pelo qual isso acontece, ou aconteceu, devem sem dúvida ser um ponto a ser analisado. Esta inspiração evidencia-se nos mais diferentes textos e não só para o tema escolhido neste trabalho, pois também se evidencia para um conjunto de pesquisas que tem como foco a periferia.

Em muitos casos, as definições de juventude e periferia perdem-se, ou mesmo confundem-se, a primeira a servir de ponto de partida para a segunda, quando não o inverso. Esperávamos que, durante a revisão bibliográfica, encontrássemos mais tentativas de definição de periferia e juventude como uma forma de habitus particular, como uma forma de “estrutura estruturada estruturante” ou como uma forma de categoria. Entretanto, ao contrário disso, o que percebemos é que os trabalhos raramente fazem menção a esta perspectiva. Por confundir, estamos entendendo que, quando a pesquisa versa sobre classes trabalhadoras ou sobre os grupos da periferia, o centro da mesma recai sobre jovens sem, contudo, passar por uma definição mais acurada sobre ser jovem. Para, além disto, a referência a ser jovem é quase sempre usada para o estudo de grupos periferizados, marginalizados. Neste caso, parte-se do ponto de vista inverso para buscar na periferia, ou na sua condição de excluído, o ponto de unificação dos mais diversos agentes. Assim, conferindo um caráter de unidade ao objeto.

Em muitos casos, o que encontramos foi uma defesa da periferia como objeto (ou categoria²⁷) que estruturaria uma série de oposições fundamentais das distinções entre os grupos, que em seu conjunto poderiam ser estudados por meio das relações entre os mesmos. É possível perceber que diversos autores utilizam-se de categorias semelhantes à periferia, que também circunscrevem contextos geográficos, para melhor delimitar seus objetos de estudo, levando estes conceitos geográficos para a própria definição do seu campo de estudo²⁸. Argumentamos isso porque parece amplo o leque de autores que utilizam-se de tal

²⁷ Aqui cabe uma distinção, a forma como os autores se referem ao conceito de categoria distancia-se em muito do sentido original que este encontra nos que chamamos de clássicos. Aproxima-se de algo como sendo um objeto delimitado ou um conceito evidente em um discurso de qualquer que seja o agente, ou objeto. Mauss (2003: 191) define muito bem o que pensa como sendo uma categoria e Dumont (1999: 192). Segundo Dumont, uma categoria sociológica é um conceito sociológico criado pelo sociólogo para dar conta de um fenômeno social, que ocorre em diversos contextos etnográficos diferentes. Assim, para a construção deste conceito, considera-se as características mais preeminentes que perpassam a todos os contextos sociológicos referidos. Ainda do ponto de vista deste autor, Mauss ao definir o Potlach está ao mesmo tempo definindo o seu conceito de prestações totais, utilizando-se de uma categoria empírica para o fazê-lo.

²⁸ Dizemos aqui local para mais a frente substituir por território.

recurso. Aparentemente, isto parece ocorrer com autores das mais diferentes tradições teóricas. Todavia, devemos ainda considerar que uma parte, não menos significativa, parte do pressuposto de não ser necessário recorrer a estes caminhos, que a pesquisa na antropologia, como sendo uma forma de texto fluida, não deve seguir o caminho da procura por bases ou estruturas mais profundas para descrever seu objeto. Neste sentido, seria algo como uma forma de tradução (GEERTZ, 1987).

Destarte, a maioria destes textos, mas não todos, tem como objetivo o próprio objeto. A maioria se orienta em construir uma oposição fundamental e desta deduzir comportamentos e representações. Ainda que certos autores não deixem isto explícito, é inevitável a percepção de que seus objetos são definidos por eles. O local nesta pesquisas representa a forma pela qual um objeto se justifica, por isso parece-me essencial entender como esta aparece para os próprios sujeitos pesquisados.

Partiremos do pressuposto de que para superar este ponto de vista da pesquisa é mais do que necessário realizarmos uma crítica desta forma de pensamento e demonstrar como ela estrutura os argumentos dos autores que abordaremos mais adiante. Pelo que observamos nestes autores, existem algumas referências que são mais comuns.

Nossa hipótese leva-nos a pensar apenas que estes autores que se alocam nas discussões sobre juventude e periferia partem de alguns autores clássicos da Antropologia e Sociologia e, com estes, possuem uma relação muito estreita. Tal relação é o que pretendemos demonstrar aqui neste capítulo. Talvez mesmo esta base comum e a utilização dos mesmos como referencial teórico possa tê-los aproximado em termos de forma, mas deixaremos esta discussão para um outro momento. Segundo o que pensamos, são três as linhas pelas quais tais autores se dividem e são estas que vamos abordar para demonstrar o que pensamos. O ponto central é demonstrar que, inspirados em tal perspectiva, fazem uma separação entre o

social e o simbólico, tomando este último aspecto apenas do ponto de vista de sua execução ou como produto dos grupos em que estão estudando, colocando a delimitação dos mesmos dentro de uma estrutura social, como o centro de sua pesquisa. O objeto destes autores já está pré-marcado pelo seu pertencimento a uma estrutura. Por exemplo: Guasco (2001), ao partir para estudar o rap, parte do pressuposto de que este se constrói a partir da periferia.

Assim, a partir da oposição entre centro e periferia, o Autor, em seu texto, não sai da discussão sobre o Rap, mas com tal divisão, qualquer outro gênero musical está automaticamente fora da periferia e torna-se centro. Como o objetivo do trabalho é provar a periferia como uma categoria do pensamento, toda operação simbólica deverá ser entendida a partir desta categoria. Por este motivo, a música não entra como organização da experiência, mas como produto de uma divisão²⁹.

2.2 Três Formas de Ver a Juventude

Dumont, Elias & Scotson, e Evans-Pritchard têm como problemas outros temas que passam ao largo do que é trabalhado aqui. Contudo, a estrutura de seus argumentos serve melhor às intenções destes autores que trabalham com juventude. Ora, veremos nos mesmos a oposição entre estabelecidos e outsiders e, em outras, veremos a oposição entre grupos supostamente holistas e individualistas. A forma como os autores constroem seus objetos pode ser vista muito bem por meio desta bibliografia clássica citada acima. Desta maneira, poderemos entender como a procura por uma comunidade, em termos de uma descrição do que é periferia, só pode ser entendida se entendermos como estes conceitos são utilizados pelos mesmos. E um conceito essencial é o de estrutura em Evans-Pritchard.

²⁹ Deve-se notar ainda que, ao defender a periferia como uma categoria, o mesmo se utiliza de uma alegoria geográfica. Esta por sinal já separa toda e qualquer expressão simbólica, tanto socialmente, economicamente, e como já dito, geograficamente.

Se lembrarmos a forma como Evans-Pritchard define estrutura, ficará mais fácil compreender estes fatos. A base das relações sociais neste autor são as que vêm por meio do gado (no caso Nuer). Para este autor, o ecológico engloba o social e o define. Neste sentido, o social seria como que uma resposta às condições de vida pelas quais este povo passaria. A comunidade é o fundamento e substrato desta resposta. E, enquanto valor, esta resposta estruturaria toda a forma de divisão do Mundo Nuer. Como cada aldeia não é em si auto-suficiente, é necessário, segundo o autor, que uma destas participe de um agrupamento maior, de uma estrutura que possibilite que as condições de vida sejam atendidas. Desta forma, o agrupamento político surge como sendo um conjunto de relações estruturais entre os segmentos territoriais (EVANS-PRITCHARD, 1970: 107).

Segundo o mesmo autor, deve-se passar do comportamento simbólico para que se perceba a estrutura social que o molda por trás. Os conceitos de representações e valores dependem de uma ordem de realidade diferente, o social, sendo que somente entendendo as relações entre estes níveis, mas reconhecendo a preponderância do primeiro sobre o segundo, poderíamos entender como a segmentação se daria e como ela é o princípio estruturante deste sistema. As relações políticas entre os segmentos são definidas por meio da incorporação dos valores, sob a forma de organização que os mesmo possuem. Neste sentido, o trabalho do pesquisador é desvelar a função social da organização a qual se está estudando.

Por conseguinte, a territorialização é a expressão máxima da comunidade entendida como unidade política e, como tal, é o fundamento da diferenciação através da linhagem e seus segmentos. Em termos de definição de estrutura, autores clássicos dentro da bibliografia sobre juventude, tais como Eisenstadt (1970), não se diferenciam em nada de Evans-Pritchard. Na verdade, este autor reconhece a sua inspiração em Evans-Pritchard. O que fica claro, pensando pela ótica deste autor, é a forma como transpõe a lógica de pensamento Nuer,

nos termos dos corolários teóricos que fundamentam esta percepção, para a questão da geração.

Em vez de segmentos territoriais, fala em segmentos etários. Do ponto de vista deste autor, as faixas etárias correspondem a uma simbolização do biológico/natural que cada sociedade opera, sendo que cada faixa etária seria marcada pelas normas e valores próprios à mesma. Esta forma de disposição de organização é a base para que sejam atribuídos a cada faixa etária, papéis diferenciados.

Para Eisenstadt (1970), seria uma necessidade, uma exigência da vida social que exista a oposição entre as faixas etárias e ocorra a socialização por meio das relações recíprocas estabelecidas entre as diferentes gerações. Seria através dos papéis sociais pertencentes a cada uma das faixas que os valores e as mesmas permitiriam certo grau de continuidade para o sistema social, cumprindo assim, a função da transmissão da herança cultural de cada sociedade. A socialização ainda estaria fundada na compreensão dos papéis que caberiam a cada faixa etária. A percepção das diferenças e semelhanças entre as faixas ocorre, principalmente, por meio da percepção da idéia de homem. As diferenças etárias assim percebidas seriam influenciadas pelo aspecto acumulativo das diferenças e dos tipos de conhecimento que são necessários para o desenvolvimento de cada um dos diferentes papéis dentro de sua progressão etária.

O processo de separação e complementaridade entre as faixas etárias envolve dois tipos de ritualização da passagem de uma faixa a outra. Então, voltando a Evans-Pritchard, o território seria o elemento de separação dos grupos políticos, singularizando-os diante dos demais que pertencem ao sistema. A estrutura pensada por Evans-Pritchard é o conjunto das relações dadas entre os grupos. Por conseguinte, o território tem valor como o elemento do sistema, não como agente, mas como elemento substancializado pelo grupo para a

diferenciação. Para Eisenstadt (1970), o processo não é exatamente o mesmo. Apesar do conceito de estrutura ser emprestado de Evans-Pritchard, o fundamento da estrutura é, para este, as relações entre os grupos etários, e não os papéis que pertenciam a cada um dos segmentos. As classes etárias estão para a teoria de Eisenstadt como os segmentos políticos estão para a teoria de Evans-Pritchard. A diferenciação das faixas etárias e sua significação vêm pela ritualização de cada uma das faixas etárias. De qualquer forma, quaisquer que sejam as diferenças, os elementos que fazem parte de seus estudos, do sistema que defendem em suas teses, não são mais importantes do que as relações que se propõe a estudar³⁰.

É possível pensar que, em Dumont, existe uma relação entre os territórios e as castas, como bem lembra este autor, pois o território não possuiria valor em si a não ser como uma forma de consubstancialização das relações entre e intra-castas (DUMONT, 1992: 221). O poder em Dumont é um elemento englobado que opera para a distinção dos níveis subordinados. Não são os níveis mais baixos dos sistemas, mas sim os que dentro da oposição puro/impuro estão mais próximos do primeiro do que do segundo (DUMONT, 1992:124). O que podemos retirar deste ponto é que, a partir da ideologia da pureza, os “níveis subordinados” pela prática aproximam-se do pólo impuro. O que significa na terminologia do autor como a inversão hierárquica dos níveis mais altos.

Da mesma forma, durante a leitura de Elias e Scotson, percebemos a mesma preocupação que identificamos em Dumont de demonstrar a distinção por meio dos elementos concretos que permitem a própria diferenciação no sistema. A figuração criada pelos autores tem como finalidade estabelecer um ponto para a comparação, se possível com outros contextos, uma vez que possui o valor de um tipo ideal. Entretanto, a relação estabelecidos e outsiders não é algo que aparece como sendo um dado da natureza humana. Ela não é algo

³⁰ O mesmo ocorre com os usos de autores como Dumont, Elias & Scotson no que se refere à relação entre “englobante” e “englobado”, para o primeiro, e a figuração “Estabelecidos” e “Outsiders”, para os dois últimos.

generalizável a este ponto, mas sim algo que, para a teoria desses autores, parte de um contexto etnográfico circunscrito, pois trata-se de uma formação social particular a uma forma de sociedade³¹. De qualquer forma, o importante é que, nesse caso, territorialização do sistema se dá a partir de uma ideologia que parte de valores criados com base no contexto entre uma população e outra que estavam chegando àquele local.

Desse modo, o valor opera uma conceituação, uma classificação de um outro que não se reconhece como o outro, como sendo um agente uno, um sujeito portador de uma identidade e uma substância, ao mesmo tempo em que reconhece a superioridade moral ou qualquer outra que seja da parte estabelecida. Portanto, do ponto de vista dos autores, ao menos para os casos observados, o que define a distinção é que aqueles conhecidos como outsiders são marcados pela dispersão e pela negação da distinção operada.

A relação estabelecidos e outsiders envolve uma dimensão de poder que lhe é correlata. Ela não é central para Elias. Porém, entender a figuração acima exposta não significa entender a estruturação do grupo e a consciência grupal que possuem, na opinião dos autores (ELIAS & SCOTSON, 2000: 40). Entretanto, para o caso de se trabalhar dentro de uma sociedade como a brasileira, sair com o objeto delimitado de antemão quer dizer colocar como objetivo do trabalho provar que aquele grupo ao qual se pretende estudar existe e cria problemas significativos. Principalmente no campo da juventude, pelo fato de que, ao buscar estes modelos criados por Elias e Dumont, o que se ressalta nestes autores é justamente o que não é central em suas teorias, como nos casos onde há a divisão em centro e periferia, classe trabalhadora entre outras³².

³¹ Talvez o interesse do autor estivesse centrado na caracterização deste modelo para a Inglaterra. Entretanto, parece considerar a hipótese para o Ocidente. Infelizmente, podemos apontar este texto, apenas não possuímos elementos para investigar esta hipótese.

³² Colocamos outras, para não sermos obrigados a colocar burguesia, classes abastadas, elite etc. Se bem que não sabemos qual é a contra parte do conceito a que escolheram trabalhar. Em Guasco (2001), se o Rap é a expressão

Por conseguinte, se pensarmos a partir destes autores para construir o nosso objeto, não poderíamos construir a juventude como se fosse um elemento do sistema etário e que se opõe aos valores adultos. Teríamos que partir da ideologia da sociedade, identificar o valor fundamental e ver como ele opera. Segundo o que pensamos, partir por meio dessa metodologia, usando do ponto de vista do que seria o elemento englobado, na ideologia, acaba por desconsiderar o que seria o valor fundamental. É o mesmo que, se para falar da sociedade indiana, Dumont partisse do impuro sem nos falar do puro. De nosso ponto de vista, colocar a geração como ponto de partida acaba por fazer este trajeto. Falasse em periferia e classes trabalhadoras também sem colocar o que é o valor englobante.

Para concluir, ao pensarmos estes autores, podemos separá-los em dois blocos. O primeiro: Evans-Pritchard e Eisenstadt, onde podemos ver como os seus objetos possuem uma dimensão morfológica e, é por isso, que do outro lado podemos juntar Dumont, Elias & Scotson pelas possibilidades abertas para se pensar o poder e as várias dimensões da vida social. Como dissemos acima, no entanto, nenhum dos autores considera que o território seja uma variável independente, que possuiria uma virtude própria, ou possuindo algum poder de configuração, surgindo como categoria³³.

De qualquer forma, do ponto de vista dos autores que trataram a juventude como um fenômeno, ao utilizarem estas oposições, conferem a estas categorias (periferia, classes trabalhadoras, proscritos, etc) um caráter histórico. Em Guasco (2001), a periferia é defendida como categoria a partir de letras de músicas, em Takeuchi (2002), a noção de proscritos vem a partir da sua colocação dos mesmos como frutos do capitalismo e da violência simbólica.

dessa Periferia, quem encarna o Centro? Em Duarte (1986), se o nervoso deve ser pensado a partir das classes trabalhadoras, quem é o Centro? Neste sentido, esta divisão operada pelos autores acaba ressaltando a divisão do Poder e trabalhando o objeto, sujeitando o objeto a ela.

³³ Nestes autores, o Território nem aparece como forma de Categoria ou Representação, estruturante ou não ao sistema.

Esta produção sobre juventude, que se inicia na década de oitenta, apesar de possuir este forte referencial de alguns autores clássicos, não incorpora a produção de autores nacionais, que trabalharam com temas diferentes, mas correlatos ao de juventude, como é o caso de Roberto Damatta (1997). Na verdade, muitos estudos possuem uma característica que se opõe ao sentido mais geral deste autor, pois não realizam uma discussão sobre a sociedade Brasileira, nem sobre a cidade, como bem nota Durham (CARDOSO: 1986). Este tem como parte dos autores acima mencionados, nominalmente mais influenciado em Dumont, Victor Turner e Lévi-Strauss. A partir da hierarquia, esse autor pretendeu entender a forma como esta se apresenta dentro de um sistema ideológico, o Brasil, a dialética que seria própria deste país, a dialética entre Indivíduo-Pessoa. A hierarquia, aprender-se-ia aqui por meio da relação traçada entre a casa e a rua. A dramatização da vida social que ocorreria no Brasil faria com que fosse possível apreender a hierarquia por meio destes dramas. Dramas estes que ficariam claros em ritualizações que fariam parte da ideologia deste país, rituais de igualdade, separação e obliteração desta hierarquia (DAMATTA, 1997).

Há, aí, uma oposição estruturante que não some com a construção do texto, nem aparece só no fim para completar o objeto. No mais, acreditamos que muitos dos autores utilizaram a oposição entre cotidiano e festa, dimensões que aparecem na agenda empírica dos estudos sobre juventude, para tentar colocar uma oposição entre papéis que estariam colocados, como o do domínio do cotidiano e papéis que estariam colocados, ou caberiam a outros momentos, como as festas.

Outra abordagem, muito cara aos estudos sobre juventude, são os estudos que têm como ponto de partida, e de chegada, a uma representação. Esta, neste caso, serve como uma forma para a caracterização de um objeto. Esta particularidade pode ser percebida também

nos estudos que abordam a periferia e as classes trabalhadoras. Sendo assim, não é uma particularidade da bibliografia de juventude.

Tomemos um desses trabalhos como demonstração desse fato, já salientando que sua perspectiva possa ser generalizada para muitos outros trabalhos. A pesquisa de Takeuti (2002) é um exemplo desta linha e argumento. De um lado, esta autora parte para definir seu objeto como sendo os meninos e meninas de rua de Recife. Desta forma, ela se encontra com outros temas que descarta em favor, ou em função, da definição prévia que tem de seu objeto. Do segmento ou grupo que pretende abordar, a periferia aparece como um dos elementos definidores de seu objeto, entretanto, esta possui importância marginal no seu texto. A autora se concentra mais na pobreza como elemento definidor³⁴, deslocando a problemática enunciada, qual seja, a da juventude, utilizando-se de alguns dados estatísticos apreendidos do senso do IBGE.

O que apreendemos deste estudo é a sua intenção de buscar a dimensão de seu objeto como um dos possíveis segmentos entre tantos tipos possíveis de excluídos sociais aos quais não aborda, mas que, em tese, seriam passíveis de serem contemplados pelo mesmo viés da juventude. Neste sentido, o fato de ser um segmento social importa mais do que o lugar e a forma pela qual aquele objeto está para si. Seu estudo, portanto, parte da definição de como os processos sociais mais amplos interferem na produção dos sujeitos. Na opinião da autora, a sociedade, além de colocar limites econômicos, acaba por não oferecer os meios simbólicos suficiente para a constituição adequada das subjetividades e para a canalização de energias. Fato este que contribui para que possamos pensar estes meninos e meninas de rua, enquanto

³⁴ Os motivos pelos quais, ora, a Pobreza é tida como mais importante para a definição do objeto que a periferia é, sem dúvida, um ponto que merece atenção para um estudo à parte. Pensamos que a definição da ordem de importância de uma ou de outra se deve ao objeto escolhido para a análise. Neste sentido, se o objeto delimitado é, ou são, “As classe trabalhadoras”, a Pobreza como representação ou categoria terá ordem de importância maior que a de Periferia. Entretanto, quando o objeto é a juventude, ou qualquer correlato desta, a periferia ganha ordem de importância em relação à Pobreza.

um produto deste sistema. Aparecem como sendo os alvos privilegiados da exclusão, não apenas da econômica, mas de várias que se somariam (TAKEUTI, 2002). Tal situação contribuiria para que não se formassem os valores correspondentes³⁵ a seus sistemas de vida³⁶ e o fundamento para que se desenvolvessem com capacidades limitadas³⁷.

A raiz deste processo está na transformação qualitativa das estruturas sociais e a missão da Sociologia seria de captar a dimensão histórica e subjetiva destes processos, destes fatos humanos. Isto, segundo a mesma autora, só seria possível se a sociologia conseguisse entrar, penetrar no campo do vivido, na capacidade que os indivíduos possuiriam de captar os elementos que os constituem como sujeitos históricos (TAKEUTI, 2002: 50)³⁸. Deve-se ainda considerar que tais identidades produzem-se em um contexto de profunda luta social por posições sociais³⁹.

Segundo Takeuti (2002), a questão deveria ser pensada como uma das dimensões da sociedade, pelo fato de ser a juventude quem mais estaria sujeita a estes processos. Para Takeuti (2002), estaria em curso um processo de dessimbolização dos sujeitos e das normas que são base da constituição dos sujeitos. Isto estaria ocorrendo concomitantemente a uma crise de projetos coletivos que deveriam sustentar práticas consistentes de sentido para os sujeitos em sociedade (TAKEUTI, 2002: 22).

Em Takeuti (2002), não conseguimos entender qual o foco que a mesma quer colocar. Em um primeiro momento, vemos que sua questão parte do global, da atual fase do

³⁵ Abramo (1994) fala também valores próprios da juventude, como veremos mais adiante.

³⁶ Este conceito tem profunda semelhança com a forma pela qual Habermans define Mundo da Vida.

³⁷ Perceba que a autora divide o objeto em duas partes, caracterizando um pela suposta incapacidade simbólica de formulação e de sua carência em relação objetos.

³⁸ Para esta autora, a antropologia não teria a “capacidade” para realizar tal análise em função de seu forte viés estruturalista.

³⁹ Neste ponto, fica evidente a sua referência à noção de campo e de disputa de Bourdieu. Entretanto, em momento algum do texto, no que tange a definição do objeto, do seu campo de observação, a autora faz menção ao nome deste autor.

capitalismo para a caracterização de quais são as identidades que seriam parte ou se constituiriam a partir desta. Segundo o que apreendemos, as identidades das quais nos fala a autora seriam como que uma forma de comunidade, um corpus definidor ou separador de subjetividades construídas no processo. Esse apontamento é essencial para entendermos a intenção da autora de passar para o fundamento da ação dos indivíduos, da dimensão subjetiva dos fatos com os quais ela deseja trabalhar.

Em Fradique (2003), percebemos uma semelhança com esta forma de construção do fato sociológico e, aqui, o objeto é o rap em Portugal. Tal qual Takeuti (2002), partirá de processos maiores para a definição de seu objeto. Isso significa entender como o rap aparece como um estilo de música mundial, associado a grupos que seriam segregados e/ou marginalizados social e/ou etnicamente. Ao pensar este estilo de música do ponto de vista da sociedade portuguesa, poder-se-ia perceber como este se prestaria à formação de um discurso politicamente correto. Considerando como o mesmo seria re-significado e como este apareceria como um produto cultural de consumo dependente de relações de poder mais amplas e conflituosas (FRADIQUE, 2003: 109)⁴⁰, o objeto é, portanto, os jovens consumidores de um produto de consumo mundial periferizados e unidos em torno de identidades práticas.

Parecida, mas um tanto diferente, é a perspectiva aberta para pensar a relação entre consumo e identidades culturais aberta pela opinião de Sansone (2000). Em termos de referencial, este autor diferencia-se em muito dos autores que vimos acima. Em primeiro lugar, pelo fato de este autor pensar a relação entre estes dois conceitos como sendo, na verdade, a relação entre identidades culturais e sua mercantilização e, como podem servir de base para a construção de uma identidade ampla. Segundo o autor, a mercantilização do

⁴⁰ Entretanto, a autora não define nem diz quais seriam as redes “mais amplas de conflitos” às quais estaria relacionado o rap.

produto cultural negro no Brasil evidencia-se desde as primeiras décadas do século vinte. E teria sido uma das bases pelas quais se deu a construção de identidades negras durante este século. Este fato seria evidenciado na juventude, principalmente. Esta perspectiva aberta por Sansone (2000), encontra paralelo e inspiração nos escritos do autor inglês Paul Gilroy (2001).

Em termos nacionais, este autor, com esta proposição teórica, representa um outro corte em relação ao que estávamos discutindo até aqui. A questão da Raça não aparece em quase nenhum texto que aborde a juventude como sendo o foco da análise. Do ponto de vista de autores como Sansone (2000), Guimarães (1999) e Maio (S/D), a separação em termos da questão da Raça e o debate em torno deste ponto são mais significativos que a definição do objeto por via da pobreza. O debate, para estes autores, em sua maioria, se dá em termos nacionais.

Em relação ao debate sobre a existência ou não de uma identidade nacional, colocam-se na posição inversa à de outros que defendem a existência de uma identidade nacional brasileira. Neste sentido, Gilroy (2001) oferece uma via para pensar a questão de como esta “categoria” estaria ou apareceria nos países que receberam negros advindos da África, durante o período da escravidão.

Este autor defende ainda, a existência de uma cultura da diáspora chamada pelo mesmo de atlântico negro. Esta cultura seria, em sua opinião, rizomórfica em sua gênese e a base de uma série de elementos pelos quais teria se constituído nas Américas um profundo processo de relacionamento entre os povos da diáspora nestes mais diferentes países⁴¹. Este

⁴¹ Segundo o que podemos ver em uma palestra proferida por Hermano Viana, na Universidade Federal de São Carlos, este autor passou a considerar seu objeto a partir desta perspectiva de Gilroy (2001).

processo de comunicação teria como um dos seus pontos-base a que teria se estabelecido através da música. Entretanto, em sua opinião esta não seria a única.

Contudo, a perspectiva de Sansone (2000) possui uma única diferença em relação às outras que vínhamos apresentando, a de privilegiar a raça como categoria. Isto em si não seria nada de anormal se, no Brasil, a questão da raça não fosse tida como algo problemático. Existe, desde Gilberto Freyre (1933), uma separação profunda nas Ciências Sociais quanto a isso. Opiniões muito diversas sobre o que seria uma etnia e se os negros poderiam ser constituintes de uma no Brasil.

Em relação a Freyre, as opiniões são as mais diversas, indo desde a aceitação de seu discurso por completo até a negação também total de sua produção⁴². Em relação à forma como o Estado teria se portado, se prestado a uma política para a construção de uma identidade nacional em termos de sujeição esquecimentos e/ou destruição de formas culturais existentes, existe uma vasta bibliografia a respeito. Contudo, não é necessário entrar no debate sobre a chamada política do embranquecimento⁴³.

Talvez, as ausências que estamos apontando nestes autores sejam essenciais para a compreensão do objeto ao qual nos propomos estudar nesse trabalho. Apesar de haver pesquisas que trabalham na perspectiva racial, devemos apontar que, em grande parte, alguns dos apontamentos que fizemos para a forma pela qual as questões sobre juventude e periferia aparecem, também são válidos para a perspectiva racial. A forma como se resolve o conceito de raça para nós não parece satisfatória e, segundo o nosso juízo, existem várias formas de se

⁴² Como é a posição, por exemplo, de Antonio Candido (2000), para quem este autor enquanto sociólogo teria sido um ótimo literato.

⁴³ Por outro lado, é necessário fazer um comentário sobre o que se convencionou chamar de Multiculturalismo. Existe no Brasil, assim como em outros países, um importante conjunto de autores que tem como referência neste campo teórico. Tal área ou linha teórica discute diversos temas relacionados ao que falamos acima, desde espaços públicos até “identidades” negras no Brasil. Entretanto, não entraremos nas principais questões teóricas levantadas por esta perspectiva.

tratar o assunto. A forma importa pelas concomitâncias teóricas que elas abrem. O conceito de raça também pode ser encontrado sob a definição de representação, Categoria do pensamento (MONTES, 1999), Categoria Social (GUIMARAES, 1999) ou Sociológica (MAUSS, 2002; DUMONT, 2000) ⁴⁴.

Outro tema importante é a questão de gênero relacionada à temática da juventude e da periferia, que pouco aparece na bibliografia. Não temos, infelizmente, conhecimento de autores e autoras que trabalham neste campo para podermos fazer algumas considerações, seguindo o que estamos fazendo com as (os) autoras (es) e os textos que estamos ora analisando. Destarte, temos a impressão que os problemas de método e de definição não devem ser diferentes.

Estas omissões que ora apontamos para a questão de gênero, de forma alguma poderiam ser deixadas de lado, conforme Heilborn (1984). Apesar disso, poucos são os trabalhos que enunciam tal característica dos fatos. As mulheres, quando muito, são abordadas apenas de forma marginal nos textos. Takeuti (2002) fala dos meninos e meninas de Rua. Todavia, de seu texto não conseguimos retirar uma visão ou qual seria as semelhanças, ou diferenças, do processo ao qual a mesma autora se coloca como objeto. O mesmo acontece em Vianna (1988), sua linha de argumento deixa de fora qual a posição ou a relação que está ou estaria no objeto que o mesmo se propõe a estar analisando.

Herchmann (2000), por exemplo, fala-nos dos estilos funk e etc, como sendo uma forma de identidade e parte da suposta lógica pela qual os jovens se relacionariam. Segundo o autor, em função da complexidade do mundo e do Brasil, que se revela autoritário e plural ao mesmo tempo, dever-se-ia considerar como esta sociedade heterogênea seria desigual nas formas de distribuição de bens e recursos e nas diferenças daí surgidas, como as diferenças

⁴⁴ E como tal, merecendo as mesmas críticas que fizemos aos autores acima.

surgidas pela ordem das carências, acumuladas durante anos e que são substrato para que surjam conflituosidades inéditas e que atravessariam toda a vida social (HERSCHMANN, 2000: 41). No texto deste autor, o lugar da mulher também é algo não descrito, escapa à sua descrição.

Segundo o mesmo autor, a violência é estruturante deste sistema. As tensões não apenas surgem deste ponto acima ressaltado, mas são também redimensionadas naquilo que denomina por política de estilos. Estes representariam estas identidades e significariam formas de se ver o seu lugar no mundo. Em sua opinião, estes estilos seriam forma de *habitus* pessoais⁴⁵ de cada um destes atores envolvidos com estes estilos (HERSCHMANN, 2000). Os autores que trabalham com a noção de geração tem posições teóricas semelhantes a estas acima comentadas.

Abramo (1994) tem importantes contribuições e representa uma das vias pelas quais identificamos como mais representativa da forma pela qual caminharam as pesquisas referentes à juventude. Seu estudo pode ser considerado pioneiro e, certamente, é uma das precursoras nos estudos juvenis. Esta autora parece ser a primeira a falar de estilos em um sentido aproximado ao que Takeuti (2002) e Herschmann (2000) utilizam. Contudo, isso importa menos que o fato de sua pesquisa ter sido realizada durante a década de oitenta e representar de certa forma uma comparação entre esta década e as anteriores. Em sua opinião, ao que parece, os anos 80 representariam um corte em relação aos demais, em virtude de certas questões que demonstraremos a seguir. Não em termos de organização, mas em termos de conteúdo. Segundo o que depreendemos da autora, esta se daria progressivamente desde a década de 70 e se radicalizaria na década de 80.

⁴⁵ O que o autor chama de *habitus* tem como referencial teórico de Bourdieu. Não farei agora a devida crítica a esta forma de uso do conceito, em virtude de prejudicar a linha da nossa argumentação. Porém, mais adiante voltaremos a este autor para discutir este ponto.

O conceito chave para entendermos este ponto, segundo a autora, seria o de Geração. Os grupos deveriam ser entendidos como sendo geracionais, como produtos específicos de um momento histórico (ABRAMO, 1994: 46). A Geração significaria uma similaridade de situações dentro de um processo histórico⁴⁶. Sendo assim, os indivíduos se conduziram por pontos comuns dentro de um processo histórico. Isso se demonstraria por meio de uma gama de especificidades e de um conjunto específico de experiências, sentimentos e modos comuns de comportamentos. Para Esta juventude, o ponto central para a sua compreensão estaria na forma como o lazer aparece como lócus da produção de laços de sociabilidade (ABRAMO, 1994: 61).

Os grupos de uma geração teriam como referência um quadro já consolidado. Teriam para a sua reflexão, como material para a construção de suas identidades, os problemas que estariam localizados em um presente e experimentados enquanto tal (ABRAMO, 1994: 48). Entender a juventude da década de 80, do ponto de vista histórico, segundo a autora, seria buscar na música a forma de entrada para este mundo, devido à centralidade no âmbito do lazer e da produção de identidades e formação de grupos, sendo que estes seriam o ponto propulsor da difusão de identidades que transformaria e singularizaria cada geração em relação a outras passadas. Estes fatos possibilitam à autora, diferenciar cada geração das demais, evidenciando suas particularidades, abrindo a possibilidade para o estudo das relações entre as gerações.

A característica mais abrangente e também mais candente da condição de jovem estaria na ambigüidade em relação a sua condição de ser ou não um sujeito de direitos plenos, o que criaria uma contradição pelo fato de sempre parecer que os jovens estariam dentro e fora dos processos sociais. Outro ponto é a condição juvenil tomada como uma categoria, ela

⁴⁶ Conforme em Eisenstadt (1970), em quem a autora se apóia quando se refere a este conceito.

própria histórica, produtora de linguagem e de uma forma de cultura própria. Isso seria possível principalmente pelo surgimento de uma linguagem internacional da juventude que teria ganhado força desde a década de 80, com o rock'n roll (ABRAMO, 1994:32)⁴⁷.

Este teria sido um terreno fértil para o desenvolvimento de uma cultura juvenil e para o aparecimento de formas intencionais de intervenção, via cenário público. A matéria prima para este processo seria as contradições vividas por parte dos jovens urbanos, que não se resolveriam no plano individual e familiar (ABRAMO, 1994:). Tudo isso estaria ainda ligado a um processo de dissolução de referências simbólicas que estaria acontecendo e teria favorecido a construção de identidades positivas por parte destes agentes em relação grupos sociais específicos.

Assim, pode-se compreender a apropriação, recriação, de elementos simbólicos e a sua integração à Indústria Cultural⁴⁸, como tendo ponto de partida o gap geracional que estaria em evidência e que teria surgido no contexto do pós-guerra. Segundo a autora, seria por meio da Indústria Cultural que as negociações de estilos e de espaços se dariam no contexto juvenil (ABRAMO, 1994:38). Esta industria cultural será um ponto importantíssimo para a produção de estilos musicais e a divulgação dos já existentes, sendo que, como já ficou explicitado na autora, o consumo dos bens simbólicos seria a forma pela qual as identidades veiculadas sob a forma de estilos musicais seriam difundidas, o que demonstraria como os elementos simbólicos se integrariam e se difundiriam por meio da esfera do consumo (ABRAMO, 1994: 71).

Então, segundo este ponto de vista, as manifestações particulares da juventude seriam formas intencionais de distinção da mesma. Esta seria, portanto, uma particularidade que não

⁴⁷ Parece que a autora considera que esta linguagem seria “extra classe”.

⁴⁸ Deveríamos abrir aqui um parêntese par nos referirmos a esta perspectiva, mas deixaremos para mais adiante estudar a forma como esta aparece nos textos acima referidos e como ela aparece originalmente.

seria própria do caso, mas sim mais ou menos inerente ao processo, categoria social ou este segmento da estrutura social. Apesar de se definir como algo específico, como uma forma de contracultura ou sub-cultura, o objeto ainda teria a particularidade de escapar a uma determinação de classe. Segundo o que podemos depreender, seria pelo fato de que, enquanto geração, as similitudes pelas quais estariam sujeitos seriam sociologicamente mais significativas do que as próprias formas de distinção que seriam operadas pelos agentes.

Contudo, tal perspectiva parece resgatar a ação do agente somente na aparência quando, na verdade, sua intenção é chegar à forma que transcende ao próprio objeto. A distinção transcende ao próprio objeto, assim como a própria questão da geração é algo que transcende. Caso esta afirmação não convença, pense pelo viés da forma como a história é apropriada pela autora. A história que aborda é a história das formas de distinções que seriam relevantes para a fundamentação de sua teoria das identidades, a história dos agentes propriamente dita não é resgatada pelo e no texto. A não ser que a autora considere que os estilos são formas de ação e que estes possuem uma qualidade própria.

Outrossim, resta-nos pensar que a ação aparece como sendo apenas uma qualidade heurística do objeto, mas que no plano da teoria ela não possui validade, senão como forma de ligar o estilo à ação e à consciência, como já dissemos acima.

Este objeto, do ponto de vista da autora, por possuir estas qualidades, escapa a uma distinção territorial e seria, então, parte de processos mais gerais que ocorreriam nas modernas sociedades industriais. A juventude, como uma categoria histórica, seria um novo elemento desta sociedade ocidental. Segundo a autora e para uma parte da bibliografia, a categoria juventude não teria sempre tido importância sociológica. Enquanto tal deve-se pensar que os papéis a que a juventude estaria associada teriam passado por um processo de transformação durante este século vinte, redimensionando sua importância. Por conseguinte, a verdadeira

transformação teria se dado por meio destes papéis sociais, uma vez que eles são a base da elaboração das subjetividades e identidades sociais. Assim, os papéis sociais apreendidos por meio das supostas identidades sociais seriam o objeto da sociologia da juventude segundo esta perspectiva.

O relevante, em primeiro lugar, é entender como estes autores assemelham-se nos seus procedimentos para a definição de seus objetos. A necessidade de se estudar estes estilos está na perspectiva de Takeuti (2002), seguindo a perspectiva de Abramo (1994). Tal qual esta autora, Takeuti (2002) se preocupa com a formação das subjetividades e parte da noção de papel social, mas ao contrário de Abramo (1994), sobre-valoriza a fratura social para a distinção dos papéis. Para ela, a separação se dá em termos socioeconômicos, enquanto que para Abramo, esta distinção permanece preponderantemente em termos da própria juventude, como uma forma de distinção própria a estes, mas operada pela forma de integração que possuem a Indústria Cultural⁴⁹.

Contudo, a preocupação com as subjetividades nas duas autoras faz com que tenham, em seus respectivos trabalhos, uma abertura para resgatar seus objetos sob a forma de agentes. Cada autora de uma forma fará esta transição da subjetividade para a ação. Em Abramo, vemos que se considera o consumo de bens simbólicos como a entrada para este campo (ABRAMO, 1994). Takeuti vê a exclusão econômica do consumo de bens simbólicos como sendo a via para a definição de seu objeto. Em Abramo (1994), seu objeto acaba sendo os papéis sociais que seriam próprios de uma juventude e dos grupos da mesma, sendo que suas expressões culturais seriam a forma como estes se dariam em termos empíricos. E demonstrar isto passa pela autora no resgate de representações por meio da música. Takeuti (2002)

⁴⁹ De certa forma, aqui há um recorte econômico subjacente a seu pensamento. No entanto, a autora não o valoriza o suficiente para colocá-lo como um elemento de distinção dos agentes, apenas reserva ao mercado a forma pela qual se dá a comunicação destes estilos e a sua integração.

apresenta não a música como porta de entrada, mas as representações apreendidas por meio de entrevistas.

Outros autores seguiram por outras vias que se assemelham a estas divisões acima enunciadas. Anteriormente às autoras comentadas, Zaluar (1983), de forma parecida, fez percurso metodológico semelhante. Seu trabalho situa-se em termos de apreender tipos ideais⁵⁰ por meio de uma figuração⁵¹. Esta combinação metodológica heterodoxa faz-nos acreditar que a autora percebe uma divisão social que permite falar de seu objeto como sendo uma totalidade separada do resto da sociedade. Na prática, sua pesquisa pretendeu captar as representações por meio da figuração dada aos papéis sociais que fazem parte desta figuração e do campo que analisou.

Herchmann (2000) e Velho (1982; 1985; 1994; 2004) possuem semelhante itinerário metodológico. Herchmann (2000) o faz quando tenta singularizar seu objeto, qualificando-o como uma forma de habitus que pertenceria a esta juventude à qual se pretende estudar. Os funkeiros deste autor estão como os punks e os Darks de Abramo (1994, assim como estão o Trabalhador, o bandido e o pivete para Zaluar (1983)⁵². Zaluar (1983), Herchmann (2000) e Takeuti (2002) o tomam como fundamento da existência de seus objetos. Todos tentam demonstrar como os papéis sociais que abordam, de alguma forma reportam a esta fratura social, como nos diz Takeuki (2002). Em Zaluar, isto é ainda mais claro em virtude deste ser o fundamento da divisão, da constituição de seu objeto. Estes autores pretendem de forma implícita demonstrar que, mesmo sob estas condições, cada qual possui sua particularidade, uma essência que justificaria suas escolhas como objetos. Caldeira (2000)⁵³, que em termo de

⁵⁰ Como em Weber.

⁵¹ Como aparece em Elias.

⁵² Lembrando que Abramo (1994) desconsidera o social como lócus da produção da diferença entre a juventude.

⁵³ Segundo o que pensamos, esta autora acaba por construir um instrumento conceitual a fim de captar as experiências dos agentes, em seus respectivos pontos de vista. Segundo o que pensamos, este aparece também

figuração é mais original, não escapa a uma divisão entre estabelecidos e outsiders, entre centro e periferia.

Para estes autores a subjetividade acaba sendo um produto. O resultado dos processos sociais nos quais os agentes então inseridos. Apesar de haver a referência às características psicológicas singulares possuídas pelos agentes, as mesmas não aparecem, não são descritas nos textos. O resultado desta forma de análise é historicizar conceitos como se fosse a própria subjetividade dos agentes. Portanto, estes autores acabam por não dar conta dos aspectos psicológicos que pretendiam analisar. Segundo o que pensamos, isto ocorre porque ao buscar a subjetividade através da ação acaba-se valorizando os aspectos intencionais e descartando as características que os agentes possuem.

O recurso de oposições – como entre centro e periferia – é utilizado como base para captar estas diferenças, partindo da ação para fundamentar esta diferenciação entre os agentes. Desta maneira, estes autores conseguem opor um grupo a outro. Com a oposição fundamentada desta forma, os agentes acabam sendo vistos pela perspectiva da sua integração cultural à sociedade.

Autores como Abramo (1994), Takeuki (2002) e Herchmann (2000) fazem este percurso contrapondo tipos de jovens, associando, de alguma forma, ação à manifestação de diferença por meio da ação. Lembrando que os darks de Abramo (1994) são aqueles que têm capacidade de intervenção no espaço público. Está excluído de sua definição os agentes que supostamente não possuem uma banda, por exemplo. Aparentemente, para o caso desta autora, o estilo não é entendido como forma de ação.

como uma forma de figuração na medida em que desnuda uma relação entre Estabelecidos e Outsiders (ELIAS & SCOTSON, 2000). Porém, da mesma forma que em diversos autores, sua visão centra-se apenas nos que seriam os Outsiders, em Elias, dispensando da análise a outra parte do objeto. Elege, desta forma, a periferia de São Paulo como uma totalidade. Acreditamos que a razão disso está em tentar escapar ao dualismo de Damatta, que critica durante seu texto, sistematicamente.

Então, aqueles atores que não participam diretamente das festas ou dos shows, que às vezes compram um disco ou vão a um bar que toca este tipo de som por ela descrito, estão fora de seu campo empírico, já que eles não desempenham o papel social de ser dark. Com isso, podemos ver que a autora acaba dividindo os papéis sociais que pretendeu estudar segundo uma distinção de poderes relativos a cada um, e preferiu aquele onde poderia captar melhor os aspectos institucionais da ação. Portanto, a partir desta definição dos critérios para a delimitação do seu objeto, Abramo (1994) consegue integrar os agentes a uma totalidade.

Outra forma que encontramos de definir o objeto é descrevendo o que falta a seu oposto. Quando a oposição é entre centro e periferia, descrevendo o que falta para o centro ser semelhante à periferia. Quando são as classes trabalhadoras ocorre o mesmo. Duarte (1985) Guasco (2001) e Diógenes (1998) têm esta particularidade. Por conseguinte, o centro é o que a periferia não é. O centro, supostamente englobante, ou hegemônico, não nos aparece em sua própria característica. O problema não está em fazer uso de oposições para poder realizar uma comparação, está na diluição de um dos lados da oposição e na descrição pura da categoria escolhida, dentro destas características comentadas aqui.

De autores como Guasco (2001) e Diógenes (1998), resta-nos apenas acrescentar que esta forma de caracterizar o objeto deixa a entender que a periferia é quem possui ação, e estaria oposta ao centro alienado. As visões de mundo, que seriam expressas por seu objeto, poderiam ser vistas nas representações que se dedicam a estudar. Estas representações são via para a subjetividade dos atores e devem ser analisadas a partir das ações destes agentes. A ação é vista como um fato e a representação, é vista como um valor. Por conseguinte, a via para chegar ao valor é ver a representação por meio da ação, vendo a subjetividade, caracterizando o papel social como sendo expressão da subjetividade. Disso, concluímos que a subjetividade, no caso, é apreendida de dois pontos de vista diferentes por estes autores:

como papel social e como representação. A fonte, por conseguinte, da coerência estrutural e das representações reside na sociedade.

Ver a subjetividade, os papéis sociais, as representações, e a ação desta maneira, acaba por subsumir com uma parte relevante do objeto. Em primeiro lugar, a qualidade de linguagem da música é desvalorizada, assim como a sua autonomia própria de um objeto que é eminentemente simbólico. Estas representações deveriam ser pensadas como partes de uma linguagem, tanto a representação do ser jovem, como a de periferia. Até mesmo a de classe trabalhadora. Como representação, elas não se prendem apenas aos seus produtores e nem adquirem validade porque são utilizadas por outro grupo como forma de identificação, mas sim porque, como formas de identificação, são intercambiáveis, pertencem a uma cultura que não é local.

A música deve ser vista como cultura, ao mesmo tempo que universal, particular por sua forma de combinação, execução e pensamento, muito maior do que apenas os produtores e fundada na sua capacidade de ser operada como linguagem. Do nosso ponto de vista, esse paralelo só é possível porque nós acreditamos que tanto o rock quanto o rap são as duas linguagens dominantes urbanas hoje, não só nas grandes cidades. Preponderantemente jovem, mas não exclusivamente, justamente por já terem produzido seus filhos ⁵⁴. Se, como formas culturais possuem esta particularidade de serem linguagem e constituírem cultura, os dois se tornam universos simbólicos contínuos em alguns lugares não por uma virtude própria, mas por vontade e contingências outras, que permitem trocas entre ambos. Acreditamos que é possível pensar assim os casos de São Carlos, S.J Rio Preto e Ribeirão Preto.

⁵⁴ Gostaríamos de comentar o Rap Metal (exemplo: Rage against the machine), ou o New Metal (Sistem of a down, Slipkinot, entre outros) como os dois “filhos caçulas” que, por um acaso, são gêmeos bi-vitelinos destes dois gêneros.

Parece que estes autores - acima comentados - pensaram que assim evidenciariam o sócius de nossa sociedade ou dos objetos aos quais se dedicaram, como se na periferia tivesse nela a forma mais fácil ou menos complexa de ver o todo. Ou ainda, referem-se a esta como uma forma de apreender o todo por meio de suas representações acerca da totalidade, como uma forma de recuperar o conceito de sociedade por meio de uma suposta comunidade formada por indivíduos pobres deste espaço social e como se a nossa sociedade possuísse uma componente simples e uma complexa, para lembrar um dos fundadores da Ciências Sociais: um componente mecânico (a periferia) e outro orgânico (o centro). Nesta estaria a forma de se resgatar a raiz ou o princípio de nossa sociedade. E isto se faria pela busca da caracterização desta como uma comunidade.

Inspirado em uma outra opção teórica, Velho aborda a questão da juventude (1985; 1990; 1994; 2004). Poderíamos dizer que o autor, na verdade, esforça-se para construir um modelo teórico para o tema na medida em que, como veremos mais à frente, importando referências de Bourdieu e de outros autores e correntes teóricas, que se convencionou chamar de interacionismo simbólico combinando, inclusive, com algumas preocupações de autores que ficaram conhecidos como pós-modernos.

Em conjunto com outros autores e em um texto do início da década de noventa, podemos ver qual a linha mais geral que sustenta sua argumentação. Em termos de juventude, falará daquela que pertence às grandes metrópoles onde haveria uma pluralidade de experiências que devem ser consideradas para que possamos entender a forma como se dariam à negociação das formas de ver o mundo e construir as identidades (VELHO, 2004: 49). Segundo Velho, a juventude seria sempre vista como algo mais ou menos central em todas as sociedades (VELHO, 2004: 41). Dever-se-ia, por conseguinte, olhar para sociedade e ver a forma que a juventude se apresenta. Este processo se daria de forma diferente em

sociedades holistas e sociedades Industriais. Em uma, haveria abertura para o surgimento de grupos individualistas e, em outra, grupos holistas (VELHO, 2004: 45).

O projeto, ou a função, da Antropologia dentro deste sistema seria avaliar as relações que se estabelecem entre projetos individuais e os sistemas e crenças. Para Velho, ao mesmo tempo em que a sociedade desenvolve uma pluralidade de experiências de forma sistemática, não consegue lidar com as diferenças (VELHO, 2004: 63). Esta constatação do autor parte de sua análise das categorias de acusação utilizadas, os estigmas⁵⁵. A questão da diferença fica explícita como problema quando se pensa os estigmas que são formulados e usados como formas de categorias de acusação em uma sociedade (VELHO, 2004: 120). Segundo o autor, deve-se tomar cuidado com a possibilidade de se acabar fazendo estudos que são psicologizantes. Para Gilberto Velho, os grupos sociais criam desvios que são aplicados às pessoas particulares, transformando-os em espécies de outsiders.

Nestes sentido, é preciso pensar na forma como estes grupos aparecem e como suas diferenças equacionam-se, projetam-se nestas sociedades. Por outro lado, deve-se considerar o que o autor chama de projeto e metamorfose (VELHO, 1994). Este texto apresenta as diferenças em termos dos desvios, recupera esta noção e, por ela, pretende qualificar o debate em conjunto com as categorias acima mencionadas (projeto e metamorfose) na construção das identidades e trajetórias dos jovens. É por este motivo, que se deve estabelecer uma relação entre a trajetória individual e o campo de possibilidades⁵⁶.

Segundo a visão deste autor, as sociedades complexas se caracterizariam pela integração de segmentos diferenciados e grupos específicos (VELHO, 1994: 38) e as mudanças não deixaram de abalar esta categoria, a juventude. As principais mudanças teriam

⁵⁵ Este conceito advém de Erving Goffman (1988) e possui um sentido aproximado deste utilizado aqui por este autor.

⁵⁶ Este conceito pertence à Bourdieu, e, como pensamos, possui um sentido muito diferente do que este em Velho (1994).

aparecido principalmente pelas mudanças em três campos distintos: o da música, o das drogas e o do sexo (VELHO, 1994: 47) ⁵⁷, fenômenos que teriam aberto margem para uma maior diferenciação dos jovens, em virtude das possibilidades múltiplas de escolha e engajamento.

Voltando para o que nos interessa, segundo o autor, qualquer estudo deve considerar todos os espaços contraditórios e divergentes, assim como os comportamentos que são divergentes e desviantes (VELHO, 1985: 117). Os interessados em pesquisa sobre a juventude deveriam pensar as margens de manobra e as possibilidades de transformação para serem avaliadas, que ficam evidentes em virtude da metamorfose operada pelos agentes. Metamorfose esta que parece mais ser uma qualidade do campo de possibilidades. Desta forma, as identidades e os focos que possuem, segundo o autor, mudam de acordo com o contexto. Para o autor, não há uma identidade que seja estanque, seja ela social ou simbólica. Há abertura no campo de possibilidades, para que o agente considere as melhores possibilidades para assumir uma dada trajetória, tanto numa determinada configuração quanto na construção de sua subjetividade fazendo uso assim, de sua capacidade reflexiva⁵⁸, o que em última instância demonstraria o caráter multifacetado do campo, da sociedade⁵⁹.

Velho acompanhou um grupo de jovens de origem caboverdiana e açoriana, residentes nos Estados Unidos. A partir da experiência desses agentes sobre a sua condição, o autor pretendeu compará-las às experiências brasileiras, no que tange os assuntos acima colocados (droga, sexo...), avaliando as trajetórias e suas relações com os projetos dos agentes. Enquanto tal pretendeu observar a forma pela qual os agentes lidavam com os assuntos que selecionou para seu trabalho e a forma pela qual assumem diferentes identidades de acordo com os

⁵⁷ Estes pontos também são comentados por Hobsbawm (1995).

⁵⁸ Este conceito aparece de forma abrupta no texto, possui sentido aproximado ao que Giddens (2003) utiliza.

⁵⁹ Aqui tudo se passa como se o agente escolhesse sempre a melhor forma de identificar-se, ou seja, que a identificação passa pela escolha do agente e não pelo jogo de representações e pelas disposições estruturadas.

locais⁶⁰. Foi desta forma, que fez o teste sobre as possibilidades do campo e sobre os estigmas que são criados e são manipulados pelos agentes.

A forma como interpreta estes dados é bem característica da forma de ver deste autor. Aparentemente, o modelo criado pelo mesmo não se restringe à juventude, pretende-se válido para outros campos e agentes distintos. Ao tentar passar da juventude para um campo mais amplo pretende tratar da relação entre o individualismo e a juventude. Aparentemente, o autor tem como objetivo trabalhar a relação entre individualismo e sociedade brasileira, a partir da juventude. Pensamos que, para este autor, a juventude aparece como o lócus da produção das diferenciações. As chamadas identidades são formas de agrupamentos que estariam ligadas a redes de significados por onde as possibilidades de ações e comunicação poderiam circunscrever a transmissão histórica e cultural⁶¹.

A dimensão da integração que aparece nos textos é uma forma de apreender os grupos e suas formas de comunicação. Em primeiro lugar, se a experiência é fragmentada, então o que se tem são imagens fragmentadas. Não obstante, as indeterminações destas identidades são fruto também, em parte, das próprias possibilidades abertas pelo campo. Por conseguinte, o que pode ser observado é: como os agentes se vêem e vêem os outros sem, no entanto, entrar na questão de como seriam eles mesmos produtores de imagem e representações que são transmitidas e sem, portanto, entrar na questão de como as redes de significados também seriam produtoras de diferenças. O autor nem aborda de que modo são ou se dão à comunicação dentro destas redes de significado⁶².

⁶⁰ Relaciona a *trajetória* a diversos *projetos* menos o mais obvio e elementar, o de que todas passavam pela exclusão da sua identidade açoriana e caboverdiana e negra.

⁶¹ Aqui pensa da mesma forma que Abramo (1994), apoiada em como em Eisenstadt (1970) define este conceito. Como já explicitamos acima.

⁶² Ao que parece, o autor faz uso deste conceito com referência às teias de significados que Geertz (1987) menciona em seu livro. Apesar de lembrar a forma como Woolgar & Latour (1997) a utilizam.

Contudo, a comunicação, no sentido mais amplo do termo, não é sua preocupação aqui, sequer a subjetivação das representações, mas sim a objetivação das categorias sob a forma de categorias de acusação. Quando observamos por este prima, percebemos que o autor pensa o que chama de negociação. Para o autor, o uso de categorias de acusação visa estabelecer fronteiras entre os grupos (VELHO, 2004: 84).

As fronteiras não são fortuitas, o potencial de agregamento das mesmas depende da forma como ocorrem e dos contextos sociais de produção. Por conseguinte, a partir deste quadro conceitual, o autor pretendeu dar conta de grupos considerados como holistas e individualistas, no contexto de sociedades complexas. Estas qualidades seriam fruto dos espaços sociais dos quais partem estes grupos. Alguns seriam holistas ou hierarquizantes, enquanto outros, individualistas ou igualitários (VELHO, 1994: 27).

Os sujeitos poderiam, portanto, passar de um lugar a outro. Por este motivo, ao que parece, estudar estratégias de trajetórias é tão importante recuperando assim, a ação dos agentes. Por conseguinte, Velho trabalha dentro da perspectiva da integração cultural a sociedade, principalmente quando seu objeto é a juventude. Seu conceito de campo de possibilidades não abarca a tensão existente entre grupos nem a subjetivação de estigmas, no caso dos agentes submetidos a depreciações. O conceito de negociação considera apenas os grupos constituídos, descarta a objetivação e a disputa classificatória entre os agentes e entre os grupos. A busca por identidades acaba ofuscando as relações entre agentes e entre grupos, colocando-a em segundo plano quando as diluindo nestas identidades, ou fronteiras como o autor as chama.

Talvez, o problema resida no fato de ver uma categoria como sendo uma forma de identidade. Categoria e identidade não necessariamente estão ligadas. Além de ver cada grupo sempre como uma novidade, parte de uma história particular e restrita a um lócus social.

Aparentemente, busca-se dar conta das ações e dos problemas do indivíduo, contudo, o aparato conceitual acaba refletindo a relação entre grupos e destes com a sociedade, subsumindo o indivíduo no final. O objetivo é a experiência do indivíduo, mas no final recupera a experiência do grupo fragmentada nos indivíduos⁶³. A forma como Bourdieu formula a sua visão de Espaço Social distancia-se, em muito, de Velho (1985; 1990; 1994; 2004), apesar de os dois terem a ação como base de sua análise.

Não assumir as identidades de origem, no caso dos Cabo-verdianos e Açorianos, não significa que estes estão realizando uma objetivação de sua identidade ou de novas identidades criadas pelos mesmos, como o autor quer nos fazer acreditar. Os mesmos estão subjetivando uma disposição estruturada que não parte de seu ponto de vista, mas da visão de mundo que estrutura todas as visões de mundo. Neste caso, entra-se para o campo de operação da violência simbólica a que estes sujeitos estão expostos.

Bourdieu, no entanto, não foi o primeiro a explicar sobre como os sujeitos considerados por alguma ideologia como sendo inferiores, ou que sofrem algum tipo de discriminação, ou ainda que passam por dificuldades devido ao pertencimento a um povo, etnia ou religião, teriam para construir pontos de identificação próprios. Opostos, ou diferentes dos grupos e etc, que seriam dominantes em sua localidade, cidade, país. Antes deste autor, Elias & Scotson (2000) quando de sua análise sobre Winston Parva, perceberam a mesma qualidade nos chamados outsiders, no que tange a sua incorporação do ponto de vista dos estabelecidos. Em Dumont, é possível ver a mesma questão apresentar-se, se atentarmos ao que o autor nos mostra por meio de sua exposição sobre o que seria relação entre englobante e englobado.

⁶³ Se não considerassem cada categoria como uma forma de identidade e buscassem ver no campo quais as mais relevantes dentro dos espaços sociais, poderiam caminhar em direção da troca entre estas categorias ser a base para a construção de identidades possíveis.

Ao abordar seus agentes por meio das categorias de acusação e, ao colocá-las associadas à capacidade que o espaço de possíveis possui de metamorfose destas mesmas categorias e identidades, Gilberto Velho acaba por estabelecer uma relação de simetria entre todas as formas de projeto, de subjetivação e objetivação de representações e categorias (VELHO,1985; 1990; 1994; 2004)⁶⁴.

Bourdieu separa o que é do domínio da prática do que pertence ao domínio das relações objetivas. Enquanto arbitrário cultural que cria a necessidade de uma prática, estas práticas aparecem como Lóci da produção de símbolos e reprodução das relações que a torna possível. A dominação é entendida como um princípio simbólico que está na base da divisão da realidade. A função a que cumpriria este livro seria a de desnudar as propriedades simbólicas que esta possui, criando a sua necessidade objetiva e subjetiva. Esta tiraria sua força de sua participação em jogo de oposições homólogas, que são congruentes umas às outras e se sustentam mutuamente através de transferências práticas e metafóricas (BOUDIEU, 1999). Segundo Bourdieu, a prática tende a ajustar-se a estes princípios divisores da realidade.

Ainda como arbitrário cultural, o habitus, hierarquizado, submete os corpos a uma intensa socialização por meio da inculcação destes princípios sob a forma de práticas corporais, disposições corporais ao mesmo tempo práticas e culturais que, reproduzidos, levam à manutenção da forma de dominação que está em sua base. Este trabalho incessante de socialização cria também a legitimação desta dominação. Esta socialização dá-se de forma difusa e cria identidades distintas, mas complementares, sob formas de virtudes diferentes, negativas e positivas.

⁶⁴ Até mesmo as oposições são subsumidas dentro desta forma de encarar o objeto.

Apenas considerando esta parte, podemos ver, desde já, como Velho (1990; 1994; 2004) apenas aproveitou o conceito de espaço de possíveis para fundamentar uma percepção teórica que se distânciava, em muito, deste autor acima exposto⁶⁵.

Voltando a Velho, o conceito de espaço de possíveis aparece em Bourdieu, por dentro deste quadro. De forma alguma, este autor desconsidera o fato de que a hierarquia dos campos acaba por conformar outros campos, a partir de disposições estruturadas pelos mesmos, ou seja, que, em virtude desta hierarquia, nunca a análise de um campo simbólico será feita sem levar em conta as disposições estruturadas de outros campos. Isto quer dizer, em última instância, que a hierarquia dos mesmos permite a troca de disposições estruturadas entre os diversos campos sob as formas muitas vezes, mas não apenas sob esta forma, de práticas que se sustentam na medida em que se sedimentam como formas legítimas de ação. Ou ainda, como formas de codificações que impõem práticas aos que estão fora ou que, no interior do espaço social, não desfrutam da preponderância classificatória e sofrem com a violência simbólica.

A negação da identidade própria, herdada dos açorianos com quem trabalhou, demonstra como o autor desconsidera a articulação entre os diferentes níveis e as trocas que são feitas e admitidas dentro do campo. Assumir, enquanto um grupo, o ponto de vista dos grupos que detém o poder da classificação, por meio da adoção da língua ou de outras práticas⁶⁶, mesmo quando entre eles próprios apenas, seria para Bourdieu a concretização de uma violência que é sutil: a de que as trocas entre os mesmos só são admitidas na medida em que os que não participam primariamente do valor que está embutido em uma classificação assumem a superioridade dos mesmos e adotam suas práticas em uma clara tentativa de fugir

⁶⁵ Herschann (2000) é outro autor que parte da teoria de Bourdieu. Este autor aproveita outros pontos da teoria de Bourdieu e se difere do mesmo, construindo seu ponto de vista a partir do indivíduo.

⁶⁶ Como é o caso aqui.

à estigmatização promovida por meio deste campo simbólico. Esta é a legitimação do poder de uma classificação, do ponto de vista de Bourdieu.

Para o nosso caso, na medida em que fomos entrando no nosso campo de observação, percebemos também que, sem captar as disposições que acabam por informar os agentes, não seria possível compreender a forma das inter-relações entre os agentes. Partimos do pressuposto de que não havia para dentro deste campo uma subjetivação completa de uma identidade, mas sim uma nítida separação entre os grupos, embora os espaços freqüentados pelos diferentes agentes muitas vezes fossem os mesmos. Encontramo-nos, aí, diante do imbróglio de que aceitar as práticas seria uma forma de participar, ou subjetivar a classificação.

Nossa observação preliminar partiu das festas entre os universitários de São Carlos e dos demais setores que compunham esta cidade. Estes setores de forma alguma juntam-se, em qualquer que seja a Festa. O contingente que participa dos espaços alocados no centro da cidade não se dirige aos espaços que estão alocados em bairros que deste se distanciam. E isto ocorre com os mais diversos Bairros, não apenas com aqueles que são chamados ou considerados como sendo a periferia de São Carlos. O Maria Stela Fagá e o Jokey Club⁶⁷, por exemplo, possuem espaços de sociabilidade que, em nada, diferem, enquanto espaço, dos que estão no centro da cidade.

Observando a prática de ir a festas, Vianna (1988), dentro da sua noção de festa, parece incluir, não apenas ao que tradicionalmente se entende como festa, mas todas as reuniões de pessoas que possuam um caráter não formal e que, de algumas forma, escapam ao domínio do cotidiano ou ao mundo do trabalho. Parece supor que, de algum modo, nestes

⁶⁷ Isso pode ser observado passando-se, à noite, por estes bairros que possuem alguns Bares e congregam todos os fins de semanas pessoas para os mesmos. Inclusive com som ao vivo.

momentos construa-se algum tipo de relação que pode ser diferente das que se constroem nos espaços citados. Consideramos esta uma percepção importante, pois assim, não precisamos definir o ambiente da festa necessariamente oposto ao cotidiano em geral e podemos perceber que certas disposições deste cotidiano são importantes para conectar o domínio da sociabilidade com o domínio de um universo simbólico que não está conectado a ele de forma direta.

Seguindo este raciocínio, os Shows de Ira, Wander Wildner, Guilherme e Santiago, entre outros, podem ser colocados ao lado de Shows dentro dos Festivais de Rock e Festivais do Clima (São Carlos), Festival Internacional de Teatro (São José do Rio Preto) e MV BILL. O primeiro ponto é perceber que o gosto próprio por um tipo de música não entra em contradição com os locais em que freqüentam nestas cidades. Os motivos que os tiram de suas casas e os levam ao show de uma dupla sertaneja, famosa em sua região, são mais complexos do que pensar que os mesmos só saem para ir a lugares onde se ouve seu tipo de som preferido.

Se estivemos certos no que pensamos, é possível apresentar todos os bairros destas cidades⁶⁸ e perceber que as distâncias entre as pessoas não estão baseadas nas diferenças de Bairros. O Fato de estarem separados por condição geográfica, em virtudes de razões econômicas, não os leva a estarem distanciados, em termos Simbólicos, de seu gosto musical. Se, pelo ponto de vista de seu cotidiano, suas vidas também estão distantes, não significa que as mesmas razões econômicas estejam reproduzidas neste cotidiano diretamente. Este campo simbólico traduzido, ou composto, por estes mais diversos estilos derivados do rock e pelo rap e os acontecimentos dele advindos, pode servir para criar um domínio em que é possível haver uma sociabilidade que não seja a reprodução perfeita de qualquer um destes campos

⁶⁸ São Carlos, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto.

acima comentados, mas que incorpore distinções dele, disposições estruturadas que podem facilitar ou distanciar os contatos entre diferentes pessoas, com diferentes gostos.

Isto nos faz pensar que o fato de haver espaços, em certos momentos, que consigam atrair pessoas de diversos gostos musicais, mesmo tendo na maioria das vezes já definido de antemão qual será o show, sertanejo, pagode ou rock, leva-nos a considerar que a possibilidade de uma sociabilidade está, em muito, ancorada na disposição de cada um que vai a estes locais em não se fechar em seu próprio mundo e admitir, ao menos, a hipótese de um contato, mesmo que mínimo, visual.

Então, se estivermos corretos, e conseguirmos passar esta visão, esta pretensa sociabilidade da qual falamos não seria aquela que supostamente se constrói internamente, entre pessoas que participam de uma mesma identidade ou estilo de rock, ou entre pessoas que estão identificadas ao rap. Aqueles que escolhem demonstrar um gosto, ou que não demonstram, mas freqüentam estes locais, têm a possibilidade de, entre estes espaços, afirmarem sua diferença da mesma forma como outras pessoas o fazem, não apenas a partir do Power Metal, do Heavy Metal etc, mas, pelo fato dos espaços não exigirem que os mesmos sejam obrigatoriamente iguais ao estilo que este espaço procura colocar em evidência, quando o faz. Desta forma, podemos colocar não como o ponto de partida, ela muitas vezes nem é um fim. O que estamos aqui adiantando é um resultado que, segundo o que percebemos, está em desacordo com a ação normal destes agentes.

Na prática, estes agentes não procuram construir qualquer igualdade. Na verdade, eles procuram se distinguir da maioria. E, realmente, os jovens que fazem esta operação não são a maioria. Por se distinguir entende-se que o agente possui a referência em algum estilo que, não necessariamente, possua outros iguais a ele naquela cidade. Anderson 25 anos, antes de se tornar Black Metal era um fã de Heavy Metal, principalmente de Heavy Metal Melódico. Sua

banda preferida da época era Iron Maiden⁶⁹, hoje sua banda preferida é Samael. Possui até hoje todos os cds, vários posters e, mesmo não se identificando mais com este estilo, saiu de São José do Rio Preto, onde mora, e foi aos shows em São Paulo desta banda, em uma excursão de oito ônibus.

Os integrantes dessa excursão eram basicamente desta cidade e de Catanduva. Não foi sozinho nesta excursão, foi com seu melhor amigo, que possui também 25 anos, mas que, de forma diferente, continua fã de heavy melódico. Contudo, sua banda preferida é Manowar⁷⁰. Nenhum dos dois foi em qualquer momento a qualquer show de rap que aconteceu naquela cidade. Contudo, quando vão a um lugar, escolhem geralmente entre um posto onde param pessoas como eles, fãs de rock, não apenas de seus estilos, mas de outros também⁷¹, e um Bar. Foram nos últimos anos a todos os shows que ocorreram, mas nenhum de seus estilos preferidos.

As condições especiais destas pessoas acima relatadas não são diferentes do conjunto de outros jovens que, como eles, possuem claras as suas preferências e já as sustentam há vários anos. Na sua maioria, são homens, jovens e solteiros. As mulheres estão em menor número, mas ainda assim de forma bem significativa. Eles, como os demais, não deixam de levar as relações que participam diariamente e não deixam de levar toda a bagagem, sua construção cultural que os levou até aquele momento. Acompanhá-los em suas ações não nos levará em direção a um mundo fechado de roqueiros. A maioria de seus amigos não se orienta em qualquer de suas preferências musicais, mas nem por isso deixam de acompanhá-los.

⁶⁹ Banda Inglesa, principal referência neste estilo de som. Abriu caminho para que outras bandas buscassem o que se chama de virtuosidade instrumental.

⁷⁰ Outra Banda Inglesa da década de 80, tributária do Iron Maiden. Também pertence ao Heavy Metal Melódico.

⁷¹ Como Maurício, também 25 anos, fã de vários estilos, nenhum em especial, mas que tem preferência pelo cantor Bon Jovi.

Estes jovens de São José do Rio Preto não são diferentes daqueles que vi se deslocando para assistirem a palestra e ao show de MVBill, em São Carlos, por duas vezes. E, que também vi em outros shows, como o do Art Popular, na mesma cidade. Em comum, podemos dizer que estes possuem quase todas aquelas vontades que geralmente se relacionam à juventude. O que os aproxima é uma certa contingência que, talvez, seja própria destas cidades.

Tanto em uma cidade quanto em outra, estes jovens, que nos dedicamos aqui a pensar, não possuem qualquer relação mais direta com os bairros de onde vêm. Ver-se-á, mas adiante que sua experiência é extremamente fragmentada e que, em termos de sociabilidade própria, a daquele bairro sirva para que se criem condições de aproximação. Mesmo os nomes dos bairros têm pouco a ver com os mesmos, são homenagens a pessoas que não possuem qualquer relação com sua história mais imediata ou com a de sua família⁷².

As escolas que freqüentam (quando freqüentam) não são diferentes, seus nomes ou a história destas escolas não oferecem um conteúdo simbólico, tal qual os nomes dos próprios bairros, para servirem de elementos para que pensem em si mesmos e em sua situação. Em termos de sociabilidade, talvez a escola forneça mais oportunidades do que o próprio bairro. Além disso, estes bairros, considerados de periferia, são freqüentemente associados a uma imagem de bagunça, a uma zona perigosa. Não estamos em condições de discutir este ponto, mas apenas ressaltar que não existem, ou são raras, as referências positivas a estes bairros e a estas escolas.

Se estes rappers não vêm de lugares em que o nome invoque imagens de poder ou que tenham a ver com suas famílias, pelo menos encontram nesta cidade espaços que permitem a

⁷² São Carlos: Maria Estela Fagá, Jacobucci, Cidade Aracy, Arnon de Mello, etc. S. J. Rio Preto: Eldorado, Maria Lúcia, Duas Vendas, Cidade Jardim, São Francisco, Urano, Ouro Verde, etc. Deve-se levar em consideração ainda que, em termos de vivência nestas cidades, as famílias moradoras destes bairros não possuem mais de dez anos. Em muitos casos, seus filhos mais novos são os primeiros a nascer aqui.

sua passagem, na maioria das vezes. Destarte, a sua experiência não pode ser caracterizada como sendo uma mera experiência geracional, embora ver-se-á que existe para eles uma característica muito particular, o fato de serem filhos de migrantes. Porém, contudo, estes não transmitem ou não valorizam para a sua distinção esta particular. Portanto, não levam adiante o que poderia ser chamado de herança cultural de sua família. Muitos deles, aliás, carregam no nome uma clara referência a esta história⁷³. Guasco (2001) percebe este fato, mas não o trata como sendo algo importante. Isto é importante, segundo pensamos, porque sua própria história mais imediata não se constitui como sendo também uma matéria simbólica, para ser trabalhada em termos de uma música ou em termos de servirem como marcas de distinção.

Não queremos com isso dizer que as festas ofereçam tal material simbólico, até porque a própria não é nosso objeto, mas como, por meio dela e do próprio cotidiano, surgem distinções que envolvem a subjetivação do rap e dos estilos derivados do rock para expressar uma experiência e uma diferença. E, em relação a este assunto, não será novidade dizer que estes espaços muitas vezes são espúrios, ocasionais, não possuem sistematicidade, não possuem uma continuidade muito relevante, a ponto de torná-los referência para servir aos fins que estamos procurando descrever. Guasco (2001), Vianna (1988) e Diógenes (1998) já colocaram meio que, marginalmente, essa questão.

Com isso, queremos colocar que construir a diferença envolve também construir espaços para viver a mesma, ou participar do espaço ou da festa que, de alguma forma, deixa a abertura para isso. Outrossim, tanto a festa quanto os espaços são construções, como já ressaltamos. Apesar de sairmos em nossa descrição do espaço para chegar à festa, não significa que são estes que possuem a virtude de oferecer aos rappers e a estes roqueiros o que

⁷³ Edireti, Izir, Juziano, Paina, Joelana, Michael, Izaias, Lilio, Jullio, Mizael, Digeó, entre outros.

e como devem se distinguir, não são estes espaços e festas portadores da explicação, são um meio para que possamos compreender um pouco este campo.

Antes de passarmos para o próximo capítulo e de entrarmos no objeto em si, devemos deixar clara a nossa visão sobre o que entendemos de juventude. Já fizemos mais de uma menção ao fato de não deduzirmos estas ações e esta forma particular de articular a experiência que nosso objeto possui, de uma suposta experiência geracional. Pensamos que a juventude não é uma categoria do pensamento e, com isso, queremos dizer que ela não é uma categoria empírica, que serve como uma forma de distinção ente os jovens e para com as gerações mais velhas. Quem segue este caminho supõe que há uma diferença de valores entre as gerações. Não voltaremos a este ponto, já o criticamos acima.

Outrossim, este ponto precisa ser examinado de outra forma. Pode-se ver por nossa descrição que só tocamos na palavra juventude quando falamos de outros autores. Preferimos seguir uma linha de argumento que afasta desta perspectiva. O objeto que nos dedicamos a compreender é eminentemente jovem, isso não há como negar, mas nem por isso ele se define por essa razão ou se restringe a essa qualidade. Segundo o que pensamos, não são muitos os agentes que caminham na perspectiva que abrimos aqui, que são parte integrante desse campo aberto por meio da música. Nem de longe estes atores possuem uma organização do tipo ou próxima às juventudes partidárias destas cidades, nem são tão numerosos quanto as juventudes religiosas destas mesmas cidades. Talvez estas ainda possuam mais organização que os atores que estamos descrevendo, que estão descompromissados de realizar algum tipo de prática mais organizativa ou de construir um ideal a ser passado aos demais jovens. Os mesmos não disputam ideologicamente a juventude. Com isso, nossos atores representam uma pequena parte destes jovens. Contudo, o rap e os estilos comentados de rock não oferecem menos oportunidades que as religiões e as tendências partidárias de compreender o mundo e

de organizar sua experiência. Podem ser colocadas lado a lado por esta qualidade. Nem por isso, seria possível dizer que estes atores em cada um destes campos, o político, o religioso, e o musical sejam três formas, entre tantas outras, de ser jovem nestas cidades. Porque, desta forma, estaríamos caindo em um relativismo sem fim e admitindo nas entrelinhas que ser jovem é uma qualidade necessária e que participa de todos estes campos.

Ser jovem não é um valor que atravesse estes campos segundo o que pensamos, nem todas as formas de expressão que participam destes que se afirmam como jovens. Podemos juntar todos estes jovens apenas de forma analítica, não que isso seja possível de ser observado de forma mais geral. Neste sentido, acabamos admitindo mais a juventude como uma qualidade de nosso objeto, mas que não fica em primeiro plano. Assim, não dissolvemos totalmente a juventude nestas várias formas diferentes de visão de mundo. Seguindo este raciocínio, acabamos caindo no fato de nosso objeto possuir a qualidade de ser eminentemente jovem, mas não se restringir a isso. O importante para nós disso tudo é que os atores deste campo não buscam afirmar o rap ou o rock como sendo uma forma de serem jovens. Dito isso passamos adiante com o nosso campo.

Você conhece o Mano Brown?
- sim eu conheço.....
- Mas porque cê tá fazendo esse monte de pergunta?
Eu estudo em São Carlos, faço ciências sociais lá, na antropologia
- antropologia? (vira-se para o lado e dirige-se a um terceiro)
- cuidado com esses caras... eles estudam a gente que nem fosse
bicho

Capítulo III

Minhas Perguntas: Nossas Tartarugas

3.1 O Cenário

É certo que, quanto mais nos achávamos próximos ao objeto, mais amplo ele nos parecia⁷⁴. Perguntamo-nos, de partida, se tais e tais grupos poderiam influenciar-se mutuamente. Perguntamo-nos também, se estes possuíam, para além de uma relação direta, via violência, ou outra via qualquer consultada, algo que pudesse fornecer-nos uma imagem de qual seria o quadro concreto pelo qual as relações se desenrolariam, que nos possibilitasse uma reflexão sobre as suas formas de agir, pensar e sentir. Por isso, este trabalho procurou, de alguma maneira, solucionar este problema, procurando estabelecer pontos mínimos para a comparação e para pensar o que acontecia em certas cidades do interior paulista.

Neste sentido, onde alguns procuraram encontrar a raiz da separação, nós procuramos deixá-la em suspensão para estabelecer a sua medida de influência sobre uma categoria puramente sociológica⁷⁵ estabelecida, ou escolhida por nós, a saber, a juventude. Por conseguinte, não definimos esta palavra como uma categoria do pensamento, nem mesmo como um grupo de status. Achávamos que os estilos professados pelo objeto fossem, de alguma forma, uma boa medida, uma boa entrada para o campo. Recusamos, portanto, partir de categorias amplas como a raça e o espaço e de oposições pré-concebidas.

⁷⁴ A entrevista acima, que serve aqui de epígrafe, foi concedida por um Rapaz de aproximadamente trinta, trinta e cinco anos. Denominou-se integrante de um Grupo de Rap chamado “Credo”, originário de Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo. Seu nome é Valério.

⁷⁵ No sentido que discutimos acima, conforme o pensamento de Mauss (2003) e Dumont (1999).

Escolher o que deveria constar para a reflexão é, sem dúvida, uma tarefa difícil porque, constantemente, somos chamados pelas redes objetivas que nos ligam ao campo (SILVA, 2000). Constantemente, somos testados pelas redes de significado, que nos prendem ao campo (SILVA, 2000). Entretanto, de forma nenhuma achamos que isso fosse um problema para a compreensão objetiva dos sentidos, aos quais nos propusemos fazer no início de nosso projeto. Tivemos de fazer algumas concessões e algumas mudanças de fato, mas nada que mudasse em absoluto o teor deste trabalho. Neste sentido, partimos da cidade de São Carlos e também de Catanduva, as duas em virtude de se apresentarem para nós como pontos importantes do interior, onde havia uma concentração de eventos significativos para se pensar nosso objeto. A cidade de São Carlos não apresentava grandes shows de rock, mas sim de hip-hop⁷⁶.

Isso a colocava ao lado de duas outras cidades, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. A cidade de Catanduva possuía uma particularidade: ela congregou shows de bandas do cenário rock nacional e internacional⁷⁷. Lá foram realizados dois shows em particular, duas bandas de nome internacional (o que não é em si um absurdo, para uma primeira constatação, certos costumes que antes eram pensados como fruto das grandes cidades agora apareciam bem longe da capital), uma vez que não é normal isso ocorrer (estes grandes shows costumam acontecer em São Paulo ou Rio de Janeiro).

Contudo, isto não nos ofereceu um ponto de partida, mas quem conhece estas cidades sabe que não é de hoje que são organizadas, por exemplo, excursões para os grandes eventos

⁷⁶ Nos últimos anos, vimos que os grandes Grupos de Rap, como Racionais e Fação Central, Xis etc, passaram por São Carlos.

⁷⁷ King Diamond e Halloween (internacional). Ratos de Porão, Garotos Podres, entre outros.

que acontecem na capital⁷⁸. Pensamos que, daí, poderíamos partir para uma reflexão mais ampla destes gostos para o interior paulista. A cidade de Catanduva está a, praticamente, meio caminho de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, Araçatuba e Presidente Prudente. Por este motivo, a sua escolha para a realização dos eventos nos pareceu correta e estratégica. O importante disso é o acolhimento de caravanas destas cidades para estas outras, o que indicava, no mínimo, que deveríamos repensar a extensão do sistema ao qual deveríamos tratar. Poderíamos pensar, também, que havia gente o suficiente nestas cidades para oferecer-nos estes grupos como pontos de partida e pensarmos como, localmente, estariam se desenrolando as relações entre estes grupos com grupos que não se pautam por estes meios simbólicos.

Belém (2002), em seu trabalho de monografia sobre bandas de rock em São Carlos, ofereceu-nos um outro ponto, qual seja, a constatação de que a cidade de São Carlos oferecia uma espécie de Curto Circuito na sociabilidade jovem ao redor dos estilos musicais no sentido de que não haveria consumo suficiente⁷⁹, nem mesmo gente suficiente, para que se sustentasse a diferenciação de grupos por meio do surgimento de locais diferenciados de consumo musical (bares, casas de shows etc.). Este fato forçaria ao convívio, ou à diferenciação, na fruição dos mesmos espaços, quer dizer, ao contrário das grandes metrópoles onde se constata circuitos de sociabilidade que podem ser caracterizados como sendo deste ou aquele consumo determinado no caso da cidade referida, também veiculavam outros estilos muitas vezes muito contrastantes, impondo uma aproximação entre grupos jovens e gostos distintos. Ótima constatação para a cidade de São Carlos, mas ampliando a perspectiva percebemos que

⁷⁸ Literalmente, para todos os shows que ocorreram na cidade de São Paulo, ocorreram estas viagens, geralmente organizadas por lojas de produtos relacionados ao Rock. Não possuímos notícias de que tal evento possa ter ocorrido para com grupos de Rap.

⁷⁹ A questão do consumo será debatida mais adiante neste capítulo. Entretanto, não exporemos esta perspectiva.

idades do interior de médio porte⁸⁰ possuem a mesma particularidade percebida em São Carlos. Em outras cidades, como São José do Rio Preto e Ribeirão Preto (e também São Carlos), ao longo dos anos, espaços foram abertos com esta intenção, mas nenhum lugar sustentou-se por muito tempo⁸¹. As exceções são a cidade de Mirassol e as casa de shows Caverna do Rock e Taverna do Rock⁸², que permanecem como espaços bem caracterizados deste estilo musical e já possuem pelo menos cinco anos de existência, convergindo para elas o consumo das práticas relacionadas a estes meios simbólicos, aos quais nos referimos aqui.

No entanto, esses locais não possuem nenhuma apresentação que pudesse se aproximar ao que se chama de rap ou hip-hop, apesar deste estilo existir em São José do Rio Preto e nas cidades vizinhas⁸³. Isso, no entanto, não impede que as pessoas gostem de rap, ou mesmo de rodeios, pagode⁸⁴, e freqüentem esporadicamente estes locais, daí a idéia de curto circuito. Quando não, estes podem ser vistos no posto de gasolina da entrada da cidade de Mirassol, onde se toca som somente a partir dos aparelhos dos carros, geralmente música sertaneja. Por sinal, constata-se que, nesta cidade, o público do hip-hop é muito maior que o do rock, mas, no entanto, a não ser quando há shows de grupos de rap na cidade, não há qualquer espaço que veicule de maneira mais continuada tal estilo de som.

⁸⁰ Apenas para efeitos de definição, definimos como cidades médias aquelas que possuem acima de 150 mil Habitantes e menos de 1000000 de Habitantes. Nossa reflexão aqui se prende a estas cidades apenas, apesar de termos algumas considerações a fazer sobre cidades vizinhas a estas que comentamos, como se verá durante o texto.

⁸¹ Talvez com exceção de Ribeirão Preto, em nenhuma das cidades acima citadas uma casa de shows, fosse ela de qualquer estilo (ou mesmo tocando todos), sustentou-se por muito tempo.

⁸² Um detalhe é o de que uma se localiza em frente à outra.

⁸³ Os dois locais são pequenos se nunca tiveram em suas dependências qualquer show de bandas famosas, nacionais ou internacionais, apenas tem em seus quadros bandas de cidades vizinhas, a maioria de São José do Rio Preto.

⁸⁴ Pagode não representa aqui uma forma de Samba, um estilo, mas sim um gosto musical, como que se separa do Samba.

Em relação a isto, São Carlos⁸⁵ e Ribeirão Preto⁸⁶ se destacam. A existência de organizações negras tradicionais tem notória influência sobre a juventude negra das duas cidades. Aguiar (1998) fez uma pesquisa tentando pensar a sua referência para a comunidade negra local. Estas até hoje guardam relação com os movimentos negros mais amplos de influência nacional⁸⁷. Este autor pondera que sua origem remonta à segregação operada pelo principal clube da cidade, que não permitia a entrada de negros em suas dependências e festas. A segunda geração da primeira organização irá politizar o debate sobre a discriminação, durante a década de oitenta e noventa. Afinal, estes são os filhos e netos dos organizadores das décadas de 20, 30 e 40, que foram os jovens das décadas de 60 e 70. Neste local, organizou-se inclusive uma escola negra de ensino⁸⁸.

Aguiar (1998), no entanto, acaba por deixar de abordar a transmissão da experiência da segregação, abordando-a apenas marginalmente via discurso de alguns entrevistados. Isto, sem dúvida, é importante pelo fato deste local realizar até hoje o que se chama de Bailes Black. O autor ainda poderia nos dar uma imagem se, do ponto de onde descreve seu objeto, os participantes destes eventos nas décadas que abordou possuíam esta experiência como sendo um mote para a explicação de suas formas de associação. Outrossim, os frequentadores deste local hoje vêm de outras regiões da cidade, não são somente os netos e filhos dos organizadores das décadas de 80 e 90 que vão a este local, sendo que, em maio de 2005, o Flor de Maio, clube negro de São Carlos, participou junto com a prefeitura da cidade, através

⁸⁵ O Flor de Maio existe desde 1928, o Congada desde 1970, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros desde a década de 80 (AGUIAR, 1998).

⁸⁶ Apesar de sabermos da existência de organizações negras tradicionais em Ribeirão Preto, não pudemos pesquisar sobre a história, desde quando existem. O que é sem dúvida uma pena.

⁸⁷ É preciso dizer que organizações negras deste tipo surgiram com muita força nas décadas de 20, percebendo-se como excluídos e denunciando a discriminação na sociedade. O movimento Negro ressurgiu com a abertura política realizada com a anistia (1979). Durante a década de oitenta, os movimentos foram para a universidade com o objetivo de provar através de pesquisas científicas a discriminação na sociedade, sendo que, somente na década de 90, ressurgem colocando suas questões na agenda nacional (GUIMARAES, 1999).

⁸⁸ Uma das principais reivindicações dos movimentos desta época é a inclusão através do ensino, uma vez que este não era de forma nenhuma universal até a década de 80 (GUIMARAES, 1999).

de sua secretaria de cultura, de um evento no dia da abolição da escravatura. O evento envolvia uma palestra e um show com MVBill, conhecido rapper do Rio de Janeiro⁸⁹. Mais adiante voltaremos a este ponto.

Voltando ao que estávamos falando, pensar os grupos em si, localmente, era somente parte do que deveríamos fazer. Como podemos constatar, há uma dinâmica de relações entre jovens que dinamizam um fluxo entre as cidades, sendo que o mesmo vale quando partimos de outros grupos e estilos musicais. Por exemplo, em todas as cidades citadas, os rodeios constituem uma dimensão importante na sociabilidade, não somente jovem. Os rodeios têm duração aproximada de 4 dias, variando de lugar para lugar, sendo que alguns são considerados de grande porte, tais como os que ocorrem em São José do Rio Preto, Araçatuba, Ribeirão Preto, Palestina, Barretos, Santa Fé do Sul, Franca.

As cidades de Barretos e Palestina são significativas para se pensar este processo. São cidades que, embora de menor porte que as citadas, tornaram-se referências nacionais em se tratando dessas festas de rodeio, mobilizando toda a região. No entanto, nenhuma destas cidades, para além desses eventos mais típicos que são os rodeios, possui um local que seja referência de música sertaneja ou country, seja um bar ou mesmo uma casa de Shows. A cidade de São José do Rio Preto possuiu, a mais ou menos 10 anos atrás, uma boate com estas configurações. O lugar não durou mais do que dois anos, falindo e deixando a cidade sem espaço para a manifestação deste estilo. Nas cidades onde se tentou abrir bares ou casas noturnas com este apelo, estes não duraram muito tempo.

Os bares de consumo jovem de São José do Rio Preto, geralmente estavam localizados no centro da cidade, muito próximo ao setor comercial. Não há apresentação de duplas

⁸⁹ Em menos de seis meses, este Cantor veio a São Carlos duas vezes. Apenas em uma o mesmo realizou show, nas outras duas comentou seu livro recém lançado, em parceria com um antropólogo, sobre a vivência da violência. Deve-se ressaltar que, na segunda, o mesmo veio participar de uma atividade chamada semana cultural do Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira (C.A.A.S.O).

sertanejas nos bares destas cidades, como há apresentações de bandas de rock ou de hip-hop. Estas se apresentam sob a forma de shows em clubes das cidades ou, ainda, nas chamadas Exposições Agropecuárias⁹⁰.

Nota-se que, em nenhuma destas cidades, houve um espaço determinado, um bar ou casa de show que se firmasse como sendo referência para um estilo de música específico. Salvo a exceção dos já citados na cidade de Mirassol⁹¹.

Os bares em São José do Rio Preto localizam-se, em sua maioria, próximos ao centro, em uma avenida chamada Alberto Andaló. Nos mesmos não há música ao vivo, salvo em alguns que, de vez em quando, tocam MPB. Por outros locais da cidade, há outros bares espalhados. Na avenida chamada Bady Bassity e na Murchid Honsi (ambas são paralelas à primeira citada), bares com as mesmas características podem ser vistos. Os que não se encontram nestas localidades surgem em regiões que contornam o centro. Esta cidade tem a particularidade de possuir três grandes clubes (Palestra, Automóvel Club, Monte Líbano)⁹², que realizam diversas atividades culturais. Todos possuem uma boate para seus associados, que abrem aos finais de semana. Os grandes eventos realizados por estes clubes são formaturas, casamentos e festas temáticas e o evento de maior densidade é, com certeza, o Carnaval de salão realizado todos os anos⁹³.

⁹⁰ Em algumas cidades não há rodeios, mas as exposições são mais relevantes. Nestas ocorrem shows com as grandes bandas do chamado Pop-Rock Nacional e com as grandes duplas sertanejas. Jota Quest, Capital Inicial são algumas que mais aparecem. Por outro lado, CPM22 e Detonautas são outras duas que têm sido bem requisitadas. Isso pode ser visto nas cidades de Catanduva e Araraquara. São José do Rio Preto, Santa Fé do Sul possuem exposições que atraem pessoas de toda a região.

⁹¹ Parece que na cidade de Ribeirão Preto há um bar que há alguns anos se apresenta como referência de espaço para o Rock.

⁹² O Palestra é um clube que tem como origem os descendentes de Italianos na cidade, o Automóvel Club e o Monte Líbano são criações das colônias Síria e Libanesa.

⁹³ Estes sempre possuem um tema, o de 2004 do Monte Líbano foi o “Egito antigo”.

Contudo, o acesso é permitido apenas para as pessoas que possuem os títulos destes clubes⁹⁴ que, a propósito, não estão à venda, pois são hereditários. As pessoas só podem comprar títulos de outras pessoas que desejam vender os mesmos, o que não parece muito comum. Algumas cidades menores, próximas, possuem clubes que se assemelham a estes de S.J. Rio Preto. Nos mesmos todas as festas são realizadas e atraem pessoas das cidades vizinhas. Estes Clubes de fim de semana costumam ter boates, mas o principal evento acaba sendo o Carnaval⁹⁵. Quando pessoas das cidades vizinhas viajam para as mesmas, inclusive as que vêm das maiores como S.J. Rio Preto⁹⁶, podem comprar os ingressos sem maiores restrições, por um preço parecido com de boates.

Na maioria das cidades, os eventos acabam sendo patrocinados pelas prefeituras que, raramente, apóiam outras iniciativas e formas de entretenimento que partem da sociedade. S.J. Rio Preto realiza o Carnaval de rua, assim como muitas cidades, mas também realiza uma festa popular no Carnaval e no Ano Novo nas quais ocorrem shows e apresentações. No Carnaval (e no Ano Novo), monta-se um palco em um lugar chamado Júpiter Olímpico. Este local fica próximo ao centro e em uma área de transição entre a zona sul e a zona norte da cidade (a zona norte é a área mais populosa da cidade, mais adiante poderemos falar da mesma), ao lado da represa municipal. Neste mesmo local, também nas margens da represa, mas do lado esquerdo da mesma, existe um lugar chamado Swift⁹⁷ que, na década de vinte, foi uma fábrica de óleo e durante muito tempo ficou abandonada. Em 1996, começou um movimento pela preservação do local contra uma proposta de demolição do mesmo. Após longa discussão, o local foi revitalizado e tornado lugar próprio para a realização de um

⁹⁴ Na verdade em qualquer evento realizado somente sócios dos clubes podem entrar nos mesmos.

⁹⁵ Poderíamos citar as mais variadas cidades, mas falaremos apenas das que conseguimos ver: Potirendaba, Nova Granada, Ícem, José Bonifácio, Auriflama, Ibirá, Pindorama, dentre outras.

⁹⁶ Nestas cidades, apesar de haverem sócios como nos clubes de São José de Rio Preto, aqui é permitida a venda de ingressos (a preços acessíveis) para os não sócios, sejam eles da cidade ou não.

⁹⁷ Este local tornar-se-á, dentro em breve, a “Universidade Municipal Livre de Artes”. É onde se realizam as festas deste encontro. Em média, as festas possuem mais ou menos 5 mil pessoas.

evento Cultural, o mais importante da cidade – o Festival Internacional de Teatro de S.J. Rio Preto⁹⁸.

Na zona sul da cidade⁹⁹, não há um local ou evento que seja comparável aos que acima relatamos. Esta área é a mais antiga da cidade, embora existam nela vários centros comunitários atuantes que promovem várias atividades e festas. Contudo, não diferem em nada do que acima já vínhamos relatando sobre os clubes das cidades vizinhas. Em relação à zona leste¹⁰⁰, podemos dizer o mesmo, com exceção da UNESP de Rio Preto, que dinamiza a sociabilidade jovem na região por possuir, em seu entorno, várias repúblicas de estudantes. A zona oeste da cidade apresenta-se de forma um pouco diferente. Está localizada entre a zona sul e a zona norte e nela são encontrados alguns dos principais locais da cidade: o SESC, o Shopping e a Faculdade de Medicina de Rio Preto. Neste bairro, em virtude do acima citado, encontra-se outro conjunto das repúblicas da cidade.

A zona norte começa depois da linha do trem¹⁰¹ que a separa, de um lado, do centro da cidade e, de outro, da zona oeste¹⁰². Nesta área, localiza-se a zona de prostituição e nela a maior parte de migrantes de outras cidades e Estados. A grande parte dos migrantes localiza-se ali por ser a área que possui os menores aluguéis e parte significativa da população “carente” mora nas imediações destes bairros.

Contudo, apenas os mais distantes do centro possuem casas de pau ou barracos. Mesmo assim, apesar de “carentes”, esta área formou-se pela expansão, em anos anteriores,

⁹⁸ Durante o evento ocorrem apresentações pelos diversos lugares da cidade. Nas associações comunitárias e em teatros espalhados pela cidade, como também nas ruas.

⁹⁹ Para quem vem pela Rodovia Washington Luiz, vindo de São Paulo, começa com os bairros Cidade Jardim e São Francisco e vai até o bairro Sinibalde (no eixo sul – norte), no outro eixo (oeste – leste) vai da igreja Santa Rita até o Jardim Urano.

¹⁰⁰ Esta vai da Vila Toninho ao Cristo Rei, em um eixo (sul – norte) e, no outro (oeste – leste), vai do Jardim Soraia até o bairro conhecido como CAIC.

¹⁰¹ A mesma parte do Jardim Eldorado e vai até o chamado “Duas Vendas” (no eixo sul – norte). E do mesmo Jardim Eldorado até o chamado “Cecap”.

¹⁰² Os limites não são tão fixos, não é um “costume” na cidade dividi-la por “zonas”.

de loteamentos populares realizados pela prefeitura da cidade. Foram 16 anos de expansão que fizeram a cidade saltar de 281.382 habitantes para 400.000 habitantes neste mesmo período. Talvez, em virtude disto, o déficit habitacional de S.J. Rio Preto não seja tão grande. Destarte, a área não possui um local ou evento que seja comparável aos que vínhamos comentando ou construindo. Nas áreas sul¹⁰³ e leste, as quermesses até hoje são eventos importantes¹⁰⁴, mas que não se restringem à juventude. Contudo, pessoas “mais velhas” não costumam ir para quermesses de outros bairros¹⁰⁵. Fora esta ressalva, não podemos identificar um ponto para que sirva de comparação. Falaremos um pouco de outra cidade para podermos voltar a esta com mais propriedade, indicando os pontos que julgamos relevantes que gostaríamos de descrever.

Também para quem vem de São Paulo, a cidade de São Carlos “começa” pela sua zona norte. É uma parte relativamente nova em relação ao resto da cidade. De início, vê-se o que se chama de “Maria Stela Fagá” e a “Vila Nery”¹⁰⁶, possivelmente, o maior bairro em extensão da cidade, encostado no centro. O primeiro fica do lado direito da pista, e nele encontram-se diversos bairros menores. Por outro lado, seguindo a Washington Luiz, passa-se a Universidade Federal de São Carlos e depois chega-se aos últimos Bairros da Cidade, o Jokey Club, também do lado direito da pista¹⁰⁷. Em frente à UFSCar, localiza-se o bairro chamado de Estância Suíça, tomado de Repúblicas de Estudantes. Os bairros do entorno

¹⁰³ Na zona sul, existem os Centros Comunitários do Jardim Urano (que não realiza nenhuma atividade cultural) e o Centro Cultural da “Asa Delta”, na praça da “Asa Delta”, Jardim Ouro Verde. Este realiza várias atividades para a terceira idade e tem, no Carnaval, a atividade mais geral para todos dos Bairros do entorno.

¹⁰⁴ O calendário das mesmas segue o religioso. As festas ocorrem de acordo com o dia do Santo a quem se homenageia. No caso, são: São Francisco de Assis, Santa Rita de Cássia, São Judas Tadeu, Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima.

¹⁰⁵ Estas são eventos religiosos e terminam, no máximo, à meia noite. Podemos citar as quermesses mais “famosas” como sendo às do Jardim Urano, Cidade Jardim, São Joaquim, São Judas Tadeu, São Francisco e Santa Rita de Cássia.

¹⁰⁶ Jardim Munique, Residencial Itamarati, Parque dos Coqueiros, Parque Primavera, Jardim Tangará, Parque Sabará.

¹⁰⁷ Direito para quem vem de São Paulo.

(Jacobucci, Vila Costa do Sol) ¹⁰⁸ possuem diversas Repúblicas também, mas não tantas quantas o anterior. Outro bairro que possui a mesma configuração é a Cidade Jardim¹⁰⁹, que não dista em muito dos que vínhamos falando. E por todos os bairros até o centro haverá esta configuração. Seguindo mais ao Oeste da cidade, isso diminuirá após a Vila Santa Paula, quando começa outra porção da cidade que se liga ao Bairro Santa Felícia¹¹⁰.

A Leste liga-se aos bairros já mencionados da Maria Stela Fagá e a Vila Nery. Depois do centro e dos bairros que compõem o Centro, diminui a presença de repúblicas. A porção Sul da cidade começa após o calçadão ¹¹¹ da cidade. E, entre os bairros que são chamados de periféricos na cidade e este calçadão, existe uma grande porção da cidade que se caracteriza por ser habitada por boa parte dos moradores mais antigos da cidade, do Cardinalli a Vila Prado¹¹². Depois, a periferia da cidade propriamente dita que, em si, é representada quase sempre pelo bairro Cidade Aracy¹¹³.

Para quem vem de São Paulo, há dois caminhos possíveis: entrar por uma pequena vicinal, pegar pela Avenida Getúlio Vargas, chegar à rotatória da praça Itália e de lá passar para a Avenida São Carlos, seguir em Frente e entrar pela Rua Larga ou pegar o caminho da Cidade Aracy atravessando o Cruzeiro do Sul; ou, conforme dito acima, vir pela Rodovia Washington Luiz e entrar pela Avenida São Carlos que margeia o cemitério da cidade. Por meio dessa, passa-se por uma grande porção da cidade. De início, passa-se por toda uma região universitária da Cidade, já comentada acima, até o momento em que o sentido da

¹⁰⁸ Vila Marina, Jardim Santa Helena, Vila São Gabriel, Parque Belvedere, Vila Laura, Vila Elisabeth Vila Caetano, Vila São Jose, Vila Max e Chácara do Parque.

¹⁰⁹ Jardim Paulistano, Jardim Centenário, Jardim Bandeirantes.

¹¹⁰ Loteamento Social Santa Angelina, Residencial Parati, Morada dos Deuses, Jardim Planalto, Parque Sisi, Residencial Monsenhor Romeu Tortorelli.

¹¹¹ “Calçadão” é uma área por onde não passam carros e a rua foi transformada em uma grande “calçada”. Isto também existe em S.J. Rio Preto, também no centro da cidade.

¹¹² Jardim das Torres, Jardim Beatriz, Jardim Santa Tereza, Jardim São Paulo, Parque São Jorge, Jardim Cruzeiro do Sul, Vila Conceição.

¹¹³ Cidade Aracy I e II, Arnon de Mello, Presidente Collor, Antenor Garcia, favela do Orfanato, Jardim Gonzaga, e Monte Carlo.

Avenida se inverte e, para quem está de carro, é necessário trocar de rua. Nesse momento, pode-se escolher a Rua Episcopal ou a Rua Dona Alexandrina. Se for pela primeira, pode-se passar pelo lado da Universidade de São Paulo (U.S.P), campi São Carlos, e continuar até seu fim, próximo à praça Itália. A outra rua comentada possui a diferença de, por ficar do lado esquerdo da Avenida São Carlos, não possibilitar a passagem pelo lado da U.S.P, no entanto, possibilita também alcançar a Praça Itália.

A entrada para a parte periférica não se faz por uma ponte e uma estrada de Ferro, como acontece em S.J. Rio Preto. A favela do Orfanato e o Jardim Gonzaga estão incrustados entre a Cidade Aracy e o Cruzeiro do Sul¹¹⁴. O que nos chama a atenção é o fato de que, talvez, a separação destes para com a Cidade Aracy promova um maior impacto. Desce-se uma rua sem calçadas, sinuosa, e que se avizinha a um verdadeiro penhasco, sendo este coberto de uma vegetação rasteira¹¹⁵. Do outro lado da pista, está um paredão de pedra e terra enorme. O caminho é razoavelmente grande, pelo menos uns trezentos metros. A pista não é duplicada, é simples. Ao fim da mesma, chega-se aos bairros aos quais ela permite o acesso. As casas espalham-se principalmente pelas laterais do bairro e, no centro, foram conservados diversos terrenos baldios, provavelmente para serem vendidos depois que o lugar for valorizado. O primeiro Bairro, como dito acima, é a Cidade Aracy e o último é o Presidente Collor. Ao lado deste está o Antenor Garcia¹¹⁶ e o Arnon de Mello¹¹⁷. Contudo, o Presidente Collor é o único que não possui ruas asfaltadas, apesar de todas as casas possuírem Luz e Água encanada. As casas destes locais são, quase todas, fruto de loteamentos populares, feitos em anos anteriores. Acompanhando o bairro Presidente Collor, podemos perceber que, com o

¹¹⁴ O Jardim Gonzaga é algo impressionante, ele encontra-se após a Travessa sete, entre a rua Julio Rizzo e a Rua Alberto Martins. Fica em uma depressão e suas casas são quase sempre feitas de alvenaria, mas não todas.

¹¹⁵ Típica da zona de transição para o Serrado.

¹¹⁶ O Antenor Garcia e o Arnon de Mello possuem apenas algumas das suas ruas sem asfalto.

¹¹⁷ Entre o Presidente Collor, Arnon de Mello e o Antenor Garcia também há uma quantidade de terrenos baldios. Talvez para a mesma finalidade que acima comentamos.

passar dos anos e a chegada de parentes ou da união¹¹⁸ de pessoas que moravam na casa, esta cresceu em dimensões, surgindo novos cômodos adjacentes ou separados da casa original, onde, hoje, moram os jovens casais ou os parentes que acabaram de chegar à cidade¹¹⁹.

As pessoas destes bairros diferem-se, essencialmente, das que participam do resto da cidade, principalmente pela origem. De um lado, podemos ver que existe uma considerável migração nordestina para a cidade, acompanhada de uma paranaense e de uma mineira, em menor escala¹²⁰. A maioria trabalha nas lavouras da região, tanto na laranja quanto no corte da cana de açúcar. As mulheres, em grande parte, são donas de casa, quando não, ocupam-se como domésticas, além de, ocasionalmente, trabalharem na lavoura da região, mas isso não é a característica geral destes bairros. Em termos de construção das casas e dos tipos de emprego, o bairro da Cidade Aracy não difere muito do resto da cidade, mais precisamente dos moradores dos bairros Cruzeiro do Sul ou Vila Prado, que possuem empregos tanto no comércio como nas indústrias da cidade¹²¹.

Diferente do que ocorre em Rio Preto, os bairros da cidade de São Carlos não possuem associações de bairro consolidadas¹²² e nem há centros comunitários que sejam expressivos para que possamos comentá-los. Menos ainda, pudemos ver neste tempo algo que se compare

¹¹⁸ União por “amasiamento”, casamento civil e/ou religioso ou simples união por moradia, sem qualquer referência ao Estado ou Religião.

¹¹⁹ Em um domingo, partindo da rodoviária para a Cidade Aracy, de ônibus, comecei a conversar com um Sr. que havia acabado de chegar à cidade. Ele veio de uma cidade no Paraná (Londrina), na esperança de encontrar seus parentes que viveriam em São Carlos. Disse-me ele que já havia andando por todo o bairro e que não havia encontrado a casa. Este senhor recorreu a um programa de Rádio muito popular na cidade, onde anunciou a sua chegada e procurou por seus parentes. Esperou o dia todo e não houve qualquer contato por parte de seus parentes. Neste dia, ele estava voltando para caminhar novamente pelo bairro, na esperança de encontrá-los.

¹²⁰ Infelizmente, não possuímos dados estatísticos que possam comprovar numericamente o percentual destas pessoas nesta cidade. Apoiamo-nos em nossa observação participante para fazer esta afirmação.

¹²¹ Afirmamos isto excetuando os moradores da cidade que trabalham nas universidades. Por outro lado, devemos colocar que a Cidade Aracy possui um centro comercial que, em nada, se difere dos que podem ser vistos em qualquer bairro da cidade, com supermercados, farmácias, lojas de roupas etc.

¹²² Nas associações de bairro existentes em S.J. Rio Preto são realizadas semanalmente eventos voltados para a comunidade. Entretanto seu ponto alto, em termos de eventos, são as quermesses e os bailes de carnaval. Durante o festival internacional de teatro os mesmos sedem seu espaço para a apresentação de peças. Cada qual possui em si um teatro.

às Quermesses de São José do Rio Preto e, por isso, o evento maior da cidade acaba sendo a chamada “festa do Clima”, que ocorre uma vez por ano e quase sempre é feita nos meses de Junho ou Julho. A Festa do Clima ocorre durante vários dias, com a exposição de diversas atividades culturais e, à noite, há shows com bandas da cidade, grupos famosos ou duplas sertanejas¹²³. Já os bares, que às vezes fazem apresentações com bandas, localizam-se, em sua maioria, nas imediações do centro da cidade, próximos à Catedral da Cidade e à “Praça dos Pombos”. Entretanto, seguindo pela assim chamada “rua Larga”, existem diversos bares que abrem durante toda a semana, mas concentram movimento aos fins de semana. Nos mesmos, às vezes, podem ser vistos shows com grupos de pagode da própria cidade. No Maria Stela Fagá e no Jockey Club também há bares com as mesmas características que estes acima relatados.

A cidade possui duas Universidades, como já dito, e estas possuem duas entidades diferentes que têm como objetivo a organização do Movimento Estudantil e são as responsáveis pela representação institucional dos estudantes de graduação. São elas o Diretório Central de Estudantes da UFSCar (DCE)¹²⁴ e o Centro Acadêmico Armando Salles de Oliveira da U.S.P (CAASO)¹²⁵.

A USP possui ainda três entidades diferentes que são responsáveis, em conjunto com esta última, por boa parte dos eventos que são realizados pela U.S.P. O grupo de som, responsável pelo som da entidade, a Associação Atlética do CAASO, e o GAP (Grupo de Apoio à Putaria). A sede do DCE encontra-se ao lado da Catedral, e a do CAASO, ao lado da

¹²³ Acompanhamos, em especial, os shows das Duplas: “Édson & Hudson”, “Rud & Robson” e “Guilherme & Santiago”. Em dois anos diferentes, e por duas vezes cada dupla.

¹²⁴ A UFSCar possui ainda vários Centros Acadêmicos que representam cursos de graduação. Estes podem ou não realizar festas, alguns possuem a característica de realizar suas festas na sede social do DCE, outros preferem realizar em boates suas festas. Estes cursos possuem, em sua maioria, comissões de formatura que realizam festas também para arrecadar fundos para a realização da formatura dos mesmos no fim do ano. Geralmente, juntam-se para isso três ou mais cursos nestas comissões. No geral, estas realizam festas em boates também. Sobretudo, no Café Cancun e na Usina de Eventos.

¹²⁵ Este Centro Acadêmico possui uma escola de segundo grau, supletivo e cursinho com o mesmo nome.

própria U.S.P. À exceção destes locais, perto do Maria Estela Fagá, há uma boate conhecida como “Usina de Eventos”. Perto da “Praça dos Pombos”, existe outra que, de tempos em tempos, muda de dono e de nome, até bem pouco tempo chamava-se “faraós” e, atualmente, chama-se “Beats”¹²⁶. Após a praça Itália, próximo à avenida Getúlio Vargas, encontra-se a “Rua Larga”. Este local possui a particularidade de possuir alguns bares onde se realizam vários shows de pagode. Essencialmente neste local, as pessoas passam pela mesma até o fim e voltam. O movimento intensifica-se aos sábados e domingos à tarde. Outro local que deve ser mencionado é o clube Ítalo-Brasileiro¹²⁷, onde são realizados shows com bandas de rock e de pagode e, ainda com estas características, também podemos relatar a existência do Píer 1111¹²⁸.

Do ponto de vista dos universitários de São Carlos, a grande Festa é o T.U.S.C.A¹²⁹ e, em São José do Rio Preto, não há nada que seja comparável em termos de expansão ou de organização. Em outro momento, já fizemos algumas considerações sobre esta festa (SANTOS,).

Nossa pergunta de partida era como essa festa poderia organizar a vida e as relações internas à Universidade e se dispor como um marco para a construção de relações entre pessoas. Pensamos poder expandir esta pergunta, uma vez que, por nossa observação, pudemos perceber que alguns grupos possuíam a característica de não participar desta festa. Para este momento da pesquisa, interessou-nos, também, a forma marginal como a cidade se insere na mesma, em termos do discurso, mas como se insere maciçamente do ponto de vista da prática e da participação. Este contingente não universitário que acaba participando não é a

¹²⁶ Existe ainda o Café Cancun, que se localiza dentro do Shopping de São Carlos.

¹²⁷ Neste local, acompanhamos o show do grupo de pagode “Art Popular”. Além deste show, ocorreu a apresentação do grupo de Rap Racionais Mc’s.

¹²⁸ Este, no último dia 05 de novembro, apresentou um show com diversos grupos de Rap de São Carlos.

¹²⁹ Torneio Universitário de São Carlos. Ocorre também uma vez por ano e dura aproximadamente quatro dias.

maioria da cidade, de forma alguma, são pessoas que de alguma forma participam do cotidiano¹³⁰, ou se ligam à universidade de alguma forma.

Por este motivo, acabamos por concluir que não poderíamos pensar que este evento organiza-se do ponto de vista da cidade relações, que se configuraria como um espaço de trocas da cidade. Poderíamos pensar, assim, do ponto de vista dos Universitários, não apenas os de São Carlos, uma vez que outras universidades são sempre convidadas a participar das mesmas. E, é comum neste momento, que estudantes de outras localidades venham para o evento, mesmo se a universidade deles não estiver participando, ou nunca tenha participado. É comum que estudantes tragam amigos de suas cidades natais¹³¹ para as festas.

Em relação ao resto da cidade, começa pelo calendário das festas¹³². As que ocorrem na sede social do DCE são, invariavelmente, nas quistas-feiras. As que ocorrem no CAASO são, invariavelmente, nas sextas-feiras. As festas das comissões de formatura e centros acadêmicos ocorrem, geralmente, nas terças-feiras ou nas quartas, podendo ocorrer em repúblicas, na Usina de Eventos e no Café Cancun¹³³. Em contrapartida, os bares da cidade têm movimento muito reduzido durante a semana, com exceção do Bar to Toco, que possui picos de presença nas terças, quintas e sextas, não abrindo aos sábados. Este bar é predominantemente universitário.

O próprio T.U.S.C.A desenrola-se durante a semana, terminando no fim de semana. Esta festa já é tida como uma Tradição destas universidades, não podendo ser comparadas

¹³⁰ Trabalhando nas mesmas, por exemplo.

¹³¹ Podendo estes serem ou não universitários. A maioria dos estudantes que vem são universitários e, em sua maioria, de universidades públicas. Durante uma das festas, conversei com diversos universitários de Direito da USP de São Paulo (São Francisco), que não estava participando do evento. Estes vieram pelo fato de poderem participar da festa. No momento que conversei com os mesmos, estes se encontravam “ensinando” músicas que a Politécnica cantava em eventos, quando a USP São Carlos estava presente.

¹³² Isto não é um fator limitante, mas impõe, do nosso ponto de vista, uma diferença.

¹³³ Antes de fechar, a Faraós tinha uma porção na distribuição das festas. O píer 1111 foi palco, nos últimos dois anos, de poucas festas. As que presenciamos foram feitas pela Atlética da UFSCar.

com qualquer outra que se desenvolva pela cidade. Pensamos que o universo simbólico que ela mobiliza faz parte do arcabouço dos que dela participam, como já constatamos anteriormente (SANTOS,). Aos finais de semana, encontram-se funcionando o Capela do Chopp, o Espaço Bar, a Casa do Café, o Armazém, o Bar Ócio, o Almanaque e o Vila Brasil. O Café Cancun também abre nas sextas e nos sábados. Nos bairros, os lugares não estão abertos durante a semana (durante a mesma não há apresentação de bandas), e os lugares que abrem aos fins de semana são poucos e não existem em todas as regiões da cidade. Fora deste circuito, não há um lugar para a apresentação de bandas além dos espaços acima relacionados e fora da agenda por eles apresentada. Então, a observação de festas não contemplava a dinâmica dos grupos, pois estes estão organizados em outros eventos que não passam apenas pelas festas.

Em São José do Rio Preto, esta dimensão revela-se algo semelhante. Os Bares possuem as mesmas características, mas com uma diferença, o peso dos universitários na cidade é bem menor do que em São Carlos e, como dito acima, concentram-se perto do centro da cidade. Nas duas cidades, o centro é um lugar vazio, que não é ocupado por qualquer grupo. Na verdade, encontrá-los depende de se perseguir lugares que estão fora dos circuitos das festas e dos espaços de sociabilidades dos bares. Encontrá-los é observá-los nas praças afastadas e nos postos de gasolina das cidades. Qualquer pessoa pode vê-los nestes locais.

Em São José do Rio Preto, nas três avenidas mencionadas, estão os postos de gasolina que são ocupados pelos jovens. As praças têm uma dimensão relevante, na medida em que há concentração de pessoas de várias partes da cidade. Tal como acontece com os postos, estas se separam não pela distância, mas pelas pessoas que freqüentam o mesmo local. Os jovens que percorrem o caminho das boates, bares e shows da cidade acabam por ficar em postos próximos aos locais onde freqüentam, nominalmente na Avenida Andaló. Enquanto que, do

ponto de vista dos que não estão relacionados a qualquer destes locais, pelo consumo simbólico que oferecem, acabam por se unir em pequenos grupos e se distribuir pelos postos onde a concentração de pessoas é pequena ou irrisória. Há ainda, aqueles que passam por estes locais apenas para comprar bebidas e depois irem a algum lugar próprio deles, uma casa ou uma praça.

Pensando o que é a população jovem destas cidades, podemos oferecer uma dimensão melhor do que estes locais e práticas representam. Tanto em São Carlos quanto em São José do Rio Preto, este representa um pouco menos de 20% da população total das cidades¹³⁴. É a maior faixa etária, tanto percentual quanto quantitativamente, nas duas cidades. Comparadas às cidades que se avizinham, não há nenhuma outra que possua uma quantidade tão expressiva de jovens¹³⁵. Por outro lado, esta é a faixa etária que mais cresce, enquanto todas as outras em conjunto, nas duas cidades, apresentaram crescimento de 3%. Em São Carlos, a primeira cresceu 21,17% (entre 1991 e 2000), enquanto que, em São José do Rio Preto, a mesma cresceu 24,16% no mesmo período (IPEA, 2004).

Embora chame atenção pela magnitude dos números, esta juventude não se apresenta de forma total, faz-se aparecer com esta magnitude sempre. Observando cada local descrito acima, vemos que, em nenhum, se junta mais de 100 pessoas em um mesmo local, seja uma praça ou um bar. As boates comportam um número maior, entre 300 e 1000 pessoas, em dias lotados. Somando todos os locais, não há 20 espaços em cada cidade. Desse modo, passamos a olhar de outra forma cada grupo que observamos e a perceber quais eram as suas magnitudes. Quem for à praça das Vivendas, em São José do Rio Preto, ou à Praça Quinze de São Carlos, verá não mais do que 20 pessoas que, subseqüentemente, vão àqueles locais e

¹³⁴ Para São Carlos representa 19% e, para São José do Rio Preto, 18%, no ano de 2000 (IPEA, 2004).

¹³⁵ São Carlos: 36 676 Jovens. São José do Rio Preto: 66 891. Em 2000 (IPEA, 2004).

encontram as mesmas pessoas com as quais estudam e/ou moram¹³⁶. Em sua maioria, são pequenos grupos formados por poucas pessoas que freqüentam locais comuns e saem de um mesmo local, geralmente moram em um mesmo bairro, ou freqüentam a mesma escola ou a mesma universidade. Suas particularidades não estavam na sua participação nos espaços, mas na sua exclusão dos mesmos. Creio que tais jovens estão articulados de outra forma e que, na maioria das vezes, não passavam por uma sociabilidade construída nestes espaços.

A reunião dos grupos, então, é um evento não corriqueiro e que possui motivos para acontecer. Podemos ver os pequenos grupos nos mais diversos locais. Os Carecas¹³⁷, em São Carlos podem ser vistos pelos botecos do centro da cidade e em Festas Universitárias. Os Straight edges¹³⁸, em São José do Rio Preto aparecem em bares da Murchid Honsi, jogando Bilhar. Entretanto, aparecer em um mesmo local não é algo que aconteça sempre. Neste caso, tanto os Carecas, de São Carlos quanto os Straight Edges, de São José do Rio Preto possuem uma imagem destes locais e uma imagem de outros tipos de pessoas que, às vezes, também vão a estes locais. Buscar estas imagens pode dar uma idéia, ainda que fugida, da forma como pensam estes locais.

Pesquisador: você ou algum amigo já teve problemas por causa de escutar este estilo de música?

“Em Jaú não tive problema com isto.... lá tem quatro lugares só...dois que tocam um estilo Play-Boy pra caralho, dois que vai Play-Boy mas curte Rock. Dois lugar que vai a galera que curte rock , vão neste bar. Um dos bar um amigo é dono, ele toca também ele é burguês, deu pau, o lugar é mal visto pela galera. Os cara acha que só vai drogado e perversa e nada

¹³⁶ Isto não significa que estas pessoas morem perto destas praças. Na maioria das vezes, o que ocorre é justamente o contrário.

¹³⁷ Definem-se como “nacionalistas”, alguns também se reivindicam Punks, mas não são todos. Possuem uma ideologia fortemente marcada por inspirações fascistas e autoritárias de outras colorações. Não se professam racistas, sendo que muitos dizem ser contra o mesmo. Contudo, são, em sua maioria, anti-semitas.

¹³⁸ Grupo que se define pela sua abstinência de diversos itens: são vegetarianos, não usam Drogas e só praticam sexo após o casamento. Trazem marcado em uma das mãos um X. Também se definem como nacionalistas.

haver”

pesquisador: o que aconteceu com o cara?

“tomaram batida, filmaram a batida. Engraçado, neste local tem um bar GLS¹³⁹ -tem um lugar que só vai preto. É um quarteirão, os bar ficam todos um em frente do outro. Os caras que vai no pagode não vai no bar que eu vou... Jaú é um puta povo racista... não se mistura de jeito nenhum. Os negros que vão são os caras que são camaradas que tocam em banda. Todo mundo conhece as banda de pagode. Mas as bandas não aparece no jornal” .¹⁴⁰

Esta Fala foi escolhida mais pela lógica que subsiste ao fato narrado do que pelo Fato em si, para colocar como os espaços são vistos como sendo localidades de certos tipos de pessoa e, conseqüentemente, tipos de público. Infelizmente, não pudemos conferir, em Jaú, estes locais e constatar como operam as coisas. Podemos indicar, no mínimo, que a cidade em um mesmo local possui seus pontos de referência para a noite. No caso, o entrevistado percebe, de certa forma, os participantes dos locais aos quais estão habituados a freqüentar. O ponto essencial é saber quem freqüenta estes locais. Como vínhamos falando acima, no contexto são-carlense, os freqüentadores dos bares, postos de gasolina e praças das imediações da “Rua Larga” não são os mesmos freqüentadores do Café Cancun, do D.C.E, por exemplo. Contudo, os mesmos podem ser vistos em muitos dos shows que assistimos durante o período de nossa pesquisa.

Estes locais não são apenas regionalizados, eles possuem redes de sociabilidade que não se tocam o suficiente para que disto possamos concluir que os mesmos serviam para congregar diversas tendências de pensamento diferente, apesar de os pontos acima relacionados não possuírem uma aparência regionalizada. Isto quer dizer que a arquitetura ou a decoração não possuem indicações de que os mesmos possam ser concebidos como algo

¹³⁹ Distinção que visa indicar que lugar ou Pessoa é ou simpatiza com causa Gay.

¹⁴⁰ O Entrevistado é Leandro Vieira, 25 anos, músico e morador da cidade de Jaú.

que forneça uma diferença substantiva. Apesar disso, nem sempre podemos encontrar outros grupos que não aqueles que seriam associados a outros locais e possam ser pensados de outros locais. Na verdade, a presença ou não em tais locais deve ser pensada por outro prisma que não este, que localiza os grupos e os associa diretamente ao local. Contudo, os diversos bairros possuem, associadas à eles, representações que são em si muito patentes como, por exemplo, a fala acima e outras como a de uma senhora de São Carlos a quem fiz uma pergunta simples:

- Onde fica o CDHU?
- CDHU? O que você vai fazer lá?
- Ver uns negócios, ver umas coisas que acontecem lá...
- Hum, cuidado, só tem preto lá..... você vai achar um monte de “negócios” lá.

Em outro momento, fomos até a porta do local onde se realizaria o show da banda Racionais Mc's e ficamos diante do local observando as pessoas comprarem seus ingressos e se preparando para o evento. Contudo, neste momento pude ficar ali e diversas pessoas pareciam também interessadas em “acompanhar o movimento”. Da conversa que tive com algumas pessoas, uma em especial disse-me o seguinte:

- Você não vai entrar no show?
- imagina! Fica neste local onde só tem este monte de preto fido eu? Nunca.....

A relação com a questão da cor/raça em si não nos interessa. Ela revela outras coisas que estão associadas aos eventos referidos acima e podemos ver que os atores e aqueles que

se encontram nas suas imediações, sem participar diretamente deles, possuem opiniões sobre os eventos. Outrossim, no caso parcialmente relatado acima, devemos ressaltar que, mesmo possuindo esta representação sobre o teor do evento que ocorreria naquele local, o dono da fala não deixou de ir até a porta do local e ficar em frente vendo quem ia até lá. E isto não é a única coisa que está associada apenas a estes eventos, o que nos leva a pensar que, apesar de os locais e os eventos muitas vezes terem várias representações associadas a eles, os mesmos não incorporam estas representações como elementos próprios e nem expressam abertamente estas representações. A participação, ainda que muitas vezes indireta, mostra-nos que nem sempre o gosto pelo estilo de música a ser tocado é o que importa, mas sim o tipo de pessoa que se espera que vá àquele local. Neste dia, por exemplo, havia vários universitários e não apenas pessoas da cidade.

Isto nos diz que o local fica marcado mais pela pessoa que o frequenta do que pelo estilo musical que aquele local quer professar. Quem dará a cara, portanto, serão os atores que participam daquele local, mais até do que as imagens que estão lá para decorar o local.

3.2 Os Atores e seus Locais ou Os Locais dos Atores

No capítulo anterior, criticamos os pontos de vista que se baseiam na defesa do objeto pela categoria de juventude, como já visto. Da mesma forma, criticamos também os que passam pela questão da periferia e, a partir da mesma, como categoria do pensamento ou como representação. Nosso ponto foi defender o quão pode ser problemático partir também da noção de identidade. Decidimos abordar o espaço social que não se restringe ao universo chamado pela bibliografia de juventude, mas que se estende às demais “faixas etárias”. Nem mesmo o nosso objeto se define apenas pela idade, até aqui apenas fizemos uma parte do que Magnani (1996: 37) define como necessário, a saber, a descrição do campo de atuação (ou o

“cenário”, nas palavras do autor) dos agentes e as suas intersecções¹⁴¹. Outrossim, separamos duas coisas, uma é o espaço consolidado, que se apresenta fixo em algum ponto e, a outra, são os que se apresentam como formas de eventos mais ou menos esporádicos. Os dois são, em nosso modo de ver, formas de eventos, no sentido que Salhins (1999) define este conceito.

Por este motivo, pensamos que, como construção simbólica, os mesmos possuem intersecções não apenas enquanto espaços, indicando tipos de pessoas que estão aos mesmos relacionados. Devemos tomar o fenômeno juvenil pelas conexões que estabelecem com outros fenômenos que, à primeira vista, seriam pensados separadamente e que com estes também estabelecem conexões, ajudando a definir o que poderia ser chamado de Campo Simbólico por Bourdieu seguindo seu pensamento. Magnani (1996: 39) chamaria isto de estabelecer os “eixos significativos de análise”. Com isto, adiantamos a nossa interpretação do objeto.

A questão importante, portanto, é saber quais são as pessoas que vão a cada local e qual a conexão que surge a partir do caminho realizado por meio dos mais diferentes locais, já que, conforme dito anteriormente, os locais não se diferem tanto. Nem é normal para os bares, boates exigir um tipo de roupa ou qualquer coisa para que se entre nos mesmos. Os shows, ao contrário, possuem uma dimensão bem marcada em termos de gênero musical. Outrossim, isso, ao contrário do que se poderia pensar, não leva-os a se singularizarem por possuírem apenas pessoas que são fãs do mesmo estilo ou de determinada banda, em específico. O que vimos foi, na maioria das vezes, muitas pessoas que, mesmo em shows que não tinham nada a ver com seu gosto, não deixavam de marcar sua presença. Não que a convivência nestes momentos fosse harmônica sempre.

¹⁴¹ Devemos indicar aqui, que seguiremos o roteiro proposto pelo autor. Primeiro, descrevemos o cenário e, agora, passaremos para escrever os atores e as formas de ações que consideramos como essências a serem descritas (MAGNANI, 1996: 37).

O que também não significa que determinados shows não fossem semelhantes aos bares e boates que descrevemos acima, singularizados por um tipo de pessoa. Foi assim, por exemplo, no Show da Banda Capital Inicial, realizado dentro do São Carlos-Club, na cidade de São Carlos, o que nos faz pensar que existem espaços mais abertos, ou momentos que são mais abertos e outros mais fechados. Nas cidades de S.J Rio Preto e São Carlos, isso pode ser visto em seus Clubs, que congregam basicamente os seus sócios e, em menor grau, seus convidados. A fala abaixo diz-nos um pouco sobre isso:

- “Estava dia desses no Pimentas¹⁴² e o posto de conveniência que existe em frente estava lotado de pessoas que ficam ali bebendo e observando o movimento do bar, mas que não pertencem ao círculo social dos que o freqüentam – os “populares”, que estudaram nos melhores colégios e moram nos bairros mais abastados – quando pára um carro da polícia militar em frente. Questiono o que a polícia está fazendo ali e ouço que “é por causa da ‘baianada’ que agora resolveu ficar parada aqui em frente. Eles não têm mais nada pra fazer e vêm invadir nosso espaço.”

- E foi à primeira vez que ouviu isso?

Não... essa não foi a primeira vez que ouvi coisas desse tipo.... Desde que comecei a sair as histórias de alguns bares e casas noturnas da cidade têm sido praticamente a mesma. Quando a “nata” da sociedade Sãocarlense se sente “invadida” deixam de freqüentar aquele espaço (que acaba fechando) e procuram outro que não tenha sido “tomado pela ‘baianada’ ”¹⁴³.

¹⁴² Este Bar se localiza entre a Rua Alexandrina e a avenida São Carlos na cidade de São Carlos.

¹⁴³ Fala de Marina, 26 anos, São Carlense.

A distribuição dos atores por meio dos eventos e dos shows pode ser um caminho para que se pense os tipos de relações que estão colocadas nestes espaços, ainda que, como dito, eles não expressem tal ou qual tipo de pessoas. Aparentemente, nem sempre os agentes se colocam firmemente como sendo um estilo. Nos casos de São Carlos e São José do Rio Preto, isso é mais uma particularidade do rap. Contudo, a estes e a outros atores, que se identificam no rock, estão associadas certas representações que não são incorporadas pelos mesmos. Nem por isso, estes deixam de, mesmo que marginalmente, passar até por estes eventos mais fechados.

Uma outra coisa são os eventos mais gerais que são construídos não por um grupo ou outro, mas pela prefeitura ou órgão da mesma. Vimos principalmente dois destes eventos, o Festival Internacional de Teatro de São José de Rio Preto e a Festa do Clima de São Carlos, como já foi dito. Os dois eventos são anuais e destinam-se a toda a cidade, não apenas a um determinado bairro ou determinada classe social. Faremos, mais à frente, uma descrição mais acurada da Festa do Clima e da forma como achamos que ela se revela. Entretanto, com isto uma questão vai se apresentando.

A observação dos fatos e dos eventos em parte relatados acima, em conjunto com nossa percepção, leva-nos a pensar que certas classificações dos agentes podem ser apreendidas por meio do seu comportamento nestes locais e pelo tipo de relações que demais grupos, dentro deste Espaço Social, colocam em movimento. Portanto, saber quem são os agentes, o que fazem e de onde partem é mais que necessário para entender seus movimentos dentro dos espaços citados, na cidade de São Carlos. Aparentemente, o lugar de onde se parte dentro deste espaço social parece ter muito a ver com a possibilidade de circular pelos mais diversos espaços.

A questão posta fica da seguinte forma, as distinções usadas pelos rappers lida, ou faz

parte, de um campo simbólico, na cidade de São Carlos e São José do Rio Preto, com outras distinções que são reivindicadas pelos mesmos, ou apenas em parte? As percepções destes como negros e nordestinos, aqui para o caso destas Cidades, não fazem parte de um discurso aberto em favor das mesmas. Não são duas distinções assumidas pelos agentes, mesmo em eventos que fazem referência ou que foram construídos para discutir estas questões, dando elas visibilidade através destes eventos. Destarte, apesar de nossa percepção sobre os agentes, no que toca a este tema, os mesmos são chamados, convidados a comparecer nestes eventos. Como foi um caso, em especial, que iremos descrever mais adiante, chamado: “... Quão Negro Somos.... Sem Perceber....”.

Os organizadores deste evento eram, em sua maioria, estudantes das duas universidades públicas da Cidade de São Carlos. Estes, em sua maioria, estavam, na época, ligados, ou pelo menos podem ser considerados, como partícipes de um pensamento de “esquerda”. Destarte, para o evento foram chamadas todas as entidades que, na cidade de São Carlos, discutem a questão negra. Como já se pode pensar por meio do nome, o evento tinha como objetivo demonstrar como o elemento negro faz parte da composição de uma cultura Brasileira que teria se formado na miscigenação das culturas africana, branca e indígena. A intenção era desnudar o quanto isso faz parte da cultura brasileira, mas que não é valorizada, ou mesmo é esquecida.

Tal percepção é francamente oposta ao que a soma maioria do Movimento Negro organizado defende. No entanto, todos os que têm sede em São Carlos foram convidados e compareceram ao evento. Neste sentido, o hip-hop aparece como uma das criações miscigenadas de nossa cultura, como exemplo dessa miscigenação. De fundo por esta perspectiva, pretende-se demonstrar o hip-hop como contra-cultura que representa mais do que apenas os Negros e os Afrodescendentes, mas a todos os considerados explorados. Neste

sentido, o hip-hop aparece como a síntese destes dois elementos, da exploração econômico-social e de sobrevivência¹⁴⁴ de uma cultura negra no Brasil.

Podemos dizer oposta pelo fato destas organizações não se colocarem como sendo uma parte miscigenada da nação brasileira, mas como que pretendendo apresentar-se como uma etnia dentro do Brasil e, do ponto de vista destes, o hip-hop representaria a juventude da etnia negra. Sabemos por Aguiar (1998), que estas organizações negras não possuem qualquer relação social, cultural ou econômica com os jovens do rap. Como bem apresenta este Autor, estas organizações surgem a partir de negros que possuíam duas outras origens sociais. A primeira hipótese levantada é a de que estas organizações teriam como seus organizadores negros que chegaram à cidade de São Carlos para trabalhar na Ferrovia e em certos setores da economia. E, a segunda, menos comentada por Aguiar (1998) é a de que seriam organizadas por negros remanescentes do tempo da escravidão. Sua origem social está mais ligada às populações que chegaram a esta cidade muito recentemente, advindas de outras regiões do Brasil.

Esta perspectiva, lançada em relação aos jovens do rap de São Carlos, não é particular ou monopólio dos seguimentos organizados do Movimento Negro da Cidade e da esquerda universitária¹⁴⁵. Durante nosso campo, pudemos ver estas duas visões voltarem por meio de um único local, entretanto em eventos diferentes. Estamos falando, mais propriamente, da Festa do Clima de São Carlos e do evento do Dia Treze de Maio, ao qual compareceu o rapper Fluminense MVBill.

¹⁴⁴ Segundo o que pensamos, esta palavra representa melhor o que entendemos como sendo o sentido que este evento queria dar para a questão Negra.

¹⁴⁵ Por Esquerda Universitária, estamos entendendo como parte desse grupo todas aquelas pessoas que participam das juventudes dos Partidos de Esquerda representativos, dentro de São Carlos. São eles, o Partido dos Trabalhadores e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado, que compreende todas as tendências de esquerda sem partido e membros das mais diversas correntes anarquistas. Não entraremos em detalhes sobre as suas diferenças, mas, em geral, os mesmos partilham em comum desta visão.

Na Festa citada acima (Festa do Clima), o hip-hop foi chamado por seu duplo caráter, de ser um grupo jovem e negro. Por jovem aí, queremos dizer que, do ponto de vista que apareceu neste evento, eles foram chamados para que também representassem o segmento populacional jovem dos bairros mais afastados da cidade, da chamada periferia de São Carlos. Nesse dia, tiveram apenas um espaço no interior do galpão do evento, não fizeram parte das apresentações no palco. Já no Dia Treze de Maio, evento também organizado pela prefeitura, os mesmos apareceram no Palco Principal e abriram o show do rapper fluminense.

Vistos desta forma, os eventos acima comentados não parecem tão distantes assim uns dos outros. Queremos, com isso, colocar o jogo das classificações por trás destes acontecimentos, embora estes rappers não coadunem com as visões que se fazem deles e ignorem, na maioria das vezes, a disputa entre estas diferentes visões. Os mesmos assumem-na ao participar dos eventos. Porém, o mais importante é que todas estas visões do rap convivem aqui uma ao lado das outras, disputando entre si. Devemos somar a estas duas perspectivas, uma delas é a do rapper como sendo nordestino, conforme enunciado nas visões acima, relatadas por fala de agente, mesmo assumindo-se como rapper aqui em São Carlos, que na prática é diferente do que estes movimentos negros e de esquerda colocam.

Contudo, as relações que constroem com todos estes grupos vêm por meio das representações que estes grupos possuem do rap. E, mesmo as relações entre si, entre estas diferentes formas de se ver o hip-hop, são dadas pelo que cada qual aí pensa ser o rap. Mais que a forma pela qual o rap assume-se, o que importa para eles é a forma como o enxergam, justamente porque os querem como partidários de sua visão.

Já falamos um pouco sobre como vemos o rap e como os mesmos localizam-se dentro do espaço social que estamos comentando. Falaremos agora de onde vem estes jovens ligados ao rap, para poder, depois, sustentar melhor o que vínhamos afirmando acima.

3.3 O Espaço dos Atores

Devemos dizer quem são e de onde vêm estes jovens para poder discutirmos sobre as proximidades e as relações entre estes e os demais grupos. E, para isso, é necessário saber de onde vêm e o que fazem para poder entender aonde eles vão e com quem são construídas as suas relações. Nosso contato vem de dois momentos diferentes, um onde fizemos parte de uma O.N.G chamada Casa Aberta e, quando pudemos ir até os bairros Cidade Aracy, em sua parte mais próxima ao Presidente Collor, e Antenor Garcia, este também na parte mais próxima ao Bairro precedente.

A maioria dos que estavam nesta condição desempenha alguma função e, no caso, dedica-se também ao hip-hop, que era o mais freqüente, ou ainda, estavam na escola. Indicamos acima que uma parte significativa encontra-se casada. Os mesmos, em sua maioria moram com os pais na mesma casa e, na maior parte das vezes, é a mulher quem vai para a casa do “sogro e/ou sogra”. Estes, no caso, são os que mais freqüentemente estavam associados à procura de um emprego e desempenhando alguma ocupação. As casas a que visitei diferem em pontos essenciais. Os que são filhos, descendentes de nordestinos migrados para a cidade, possuem casa com um número muito mais significativo de pessoas do que os paranaenses e seus descentes, não sendo comum, para estes, muitos filhos casados¹⁴⁶ na mesma casa, até que porque a média de filhos por casal deles é menor¹⁴⁷.

Para estes jovens, a participação nos lugares que descrevemos acima é muito menos freqüentes. E, para o caso do que poderia ser chamado de periferia, os espaços abertos pelas igrejas, em sua maioria igrejas evangélicas pentecostais, são mais significativos para pensar

¹⁴⁶ Nem todos são casados no cartório, a maioria “amasia”, moram juntos.

¹⁴⁷ A pesquisa de Silvério (1992) sobre Territórios Negros em Campinas, a grande extensão das Famílias negras como sendo uma das características que a diferem das demais não Negras naquele Bairro estudado pelo autor, aqui também parece ser uma característica. Apontamos, apenas, porque não possuímos dados oficiais quanto a isto, nossa percepção é fundada totalmente na observação.

estes que se encontram casados. Há uma parcela muito grande de católicos também, mas a maioria das igrejas católicas encontra-se em outros bairros que não estes. Para o caso das primeiras, podemos ver que uma parte das igrejas são construídas a partir de espaços abertos nas próprias casas dos agentes. Também aqui, podemos perceber que as mais tradicionais (Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Testemunhas de Jeová, entre outras), ou conhecidas das igrejas pentecostais (como a igreja Universal), encontram-se também fora dos bairros chamados de periféricos¹⁴⁸. Ficam dispostas na sua maioria muito próximas umas das outras.

Não apenas os jovens não Negros da Cidade Aracy, Presidente Collor e Antenor Garcia possuem esta característica, para os que moram nos bairros mais tradicionais e entre os estudantes das universidades públicas isto também parece diferente. Entre estes, é muito menos comum encontrar casados ou amasiados, sendo que esta condição muito mais associada à pessoas que vieram de outras cidades para fazer universidade em São Carlos¹⁴⁹. Filhos são comuns a todos, em diferentes proporções, mas o que difere neste ponto é a ação em relação a este fato. Para as classes mais baixas, os filhos levam, em sua maioria, a casamentos, mas somente uma ínfima parte do centro possui esta ação como sendo seu itinerário. Chama a atenção o fato de, em diferentes famílias menos abastadas, ser comum encontrar casais onde as crianças e jovens são de pais diferentes¹⁵⁰.

O que não é comum entre os primeiros, assim como também a participação em igrejas é muito menos freqüente, principalmente entre os universitários, tanto os que estão na

¹⁴⁸ Por diversas vezes, tentamos obter junto à prefeitura da cidade um mapa destas igrejas da cidade para avaliar melhor a sua distribuição. Fomos passados de departamento a departamento até que, em certo momento, não conseguimos qualquer informação, em virtude do desconhecimento de como fazer para juntar tais dados pela parte de diversos funcionários públicos. Não conseguimos. Junto à igreja católica, também não conseguimos, mas em relação a esta não sabemos o porquê não foi fornecido.

¹⁴⁹ Estas uniões parecem ser muito menos duradouras do que quando vistas nos outros locais acima relatados.

¹⁵⁰ Um caso em específico chamou-nos mais a atenção. Em certa casa do Bairro Cidade Aracy, conheci uma família onde havia cinco crianças. O fato é que a mulher da casa era a mãe de todos. No entanto, somente os dois primeiros filhos e o último eram de seu atual marido, os dois outros eram de pais diferentes um do outro.

universidade pública quanto entre os que estão nas particulares da cidade ou da região. Entre os que são filhos de moradores dos bairros mais antigos da cidade, os mesmos já possuem um perfil de participação mais ativo e, é mais comum encontrar entre estes, os casados. Poucos são os que participam dos espaços mencionados neste trabalho, mas, como os demais, podem ser encontrados em momentos muito específicos como as festas de suas comunidades e de sua cidade, ou mesmo nos shows que ocorrem esporadicamente.

Mesmo assim, na maioria dos locais, e neste caso falamos tanto dos bares quanto dos shows que neste período foram possíveis de serem acompanhados¹⁵¹, e ainda do festival de Teatro Internacional de São José do Rio Preto e da Festa do Clima, os participantes são, na maioria, homens, sendo que, a maior parte deles é solteira. Mesmo quando incluímos as mulheres nesta visão, estas podem ser definidas como solteiras também. Os tipos de práticas associadas a cada local variam de acordo com a extensão da festa e com a duração da mesma. Para algumas, existe uma preparação que antecede a mesma. Assim como a roupa não é mesma para todos os locais. Festas maiores pedem preparações maiores. Neste caso, estamos dizendo que, para alguns momentos, existe um consumo de álcool e drogas associados a certos tipos de eventos e a outros a não.

Contudo, retomando o que vínhamos dizendo acima, aquilo que podemos chamar de festa pode trazer aqueles mencionados acima, que se encontram casados ou amasiados e se escapam a uma observação fixa nos espaços abertos como os bares, praças, e demais espaços de sociabilidade, uma vez que não saíram do rol de ações, nem saíram do campo de relações que os agentes possuem, apenas alteraram as suas condições. Não que a condição de solteiro seja essencial, mas é prerrogativa.

¹⁵¹ Para além dos que já mencionamos aqui estivemos presentes ainda durante as apresentações das bandas: Capital Inicial (em Araraquara, 2004), Wander Wildner (Araraquara, 2004), Ira (por duas vezes, sempre na “festa do clima de São Carlos, 2003;2004), Zé Ramalho (SESC São Carlos, 2005), De Menos Crime (S.J. Rio Preto, 2003) e Charlie Brow jr (S.J. Rio Preto, 2005) e duas vezes MVBILL (São Carlos,2005).

Pela forma que vemos este campo, podemos considerá-lo essencialmente fragmentado. Apresentar os atores desta forma só serve aqui para demonstrar como os agentes não estabelecem suas diferenças a partir dos espaços de sociabilidade ao qual freqüentam, mas através dos mesmos, sejam Festas ou qualquer outra forma de manifestação, como os shows. Os espaços não se caracterizam pela apropriação de todos os grupos, como também não se definem pela exclusão de um grupo ou outro. O caso de haver preferências não significa exclusão.

De todos os Shows que freqüentamos neste tempo, pudemos perceber como isto não estava em questão, haja vista que a dimensão dos grupos é pequena apesar de, quantitativamente, o número de jovens ser alto. Quando falamos em preferências, estamos atentando para uma característica que se revelou a nós de forma muito inesperada.

Os locais concentram-se em uma única forma de música, ou colocam-se fora do circuito aqui colocado, ou fecham definitivamente. Vianna (1988) faz uma consideração sobre seu objeto, na qual reporta o fato de os locais onde as “coisas acontecem” não se sustentarem por muito tempo. Guasco (2001) e Herchmann (2000) também colocam isto de forma marginal. O que nos levou a pensar na possibilidade de os mesmos, no nosso caso, não atenderem à diferenciação por meio dos estilos musicais, mas sim atenderem à um outro sentido, que não é apenas a construção da Pessoa, também indicada por nós, isto do ponto de vista de sua identificação ou estabelecimento de alguma forma de identidade, mas passa por uma “capacidade” de estabelecer relações por meio destes espaços e por meio dos referentes simbólicos que demonstram esta capacidade. Isto seria como uma disposição estruturante e estruturada de quem é Pessoa neste campo. No próximo tópico, apresentaremos a etnografia de dois momentos muito específicos e esperamos poder definir isto melhor.

A separação que surge aí descrita coloca-se, então, não apenas pelas diferenças entre

os locais de onde partem os agentes. Esta chama a atenção e pode leva a pensar que, do ponto vista social, poderíamos resolver o objeto na oposição entre centro e periferia. No entanto, quando nos colocamos diante dos mesmos, percebemos que se o hip-hop partisse única e exclusivamente da periferia e o rock do centro poderíamos adotar tal visão. Todos estes locais acima descritos mostram-se que, apesar de serem fluidos e de ter pouca duração, os locais em que aparecem não muda muito. O que muda, ou pode mudar, são as pessoas que neles vão para se divertir ou para realizar qualquer outra forma e ação.

O Fato de terem formas de sociabilização separadas não evita que haja uma hierarquia entre os mesmos. No meio de tudo isso, aparecem eventos que, em tese, deveriam reunir todos os agentes. As festas grandes e os shows deveriam cumprir este papel. No entanto, para cada qual, vemos que os locais constroem formas de sociabilidades próprias. Quando falamos que os mesmos esvaziam-se simbolicamente, queríamos dizer que ao entrar em cada um destes locais não vemos que sejam reivindicados como sendo parte de alguma forma de identidade. Nem mesmo são localizados por uma história particular, ou em relação a uma história particular. Estranha que os filhos destes nordestinos, residentes em São Carlos, não chamem este ponto para si em qualquer referência.

Os bares e os locais constituídos, na maioria, fazem referências apenas a imagens que são provenientes de ídolos da música popular brasileira. Suas mesas são de madeira, sem que haja espaço para dançar. O que se toca basicamente nestes locais é MPB¹⁵², sem definição de um estilo musical propriamente dito. Muitas vezes, toca-se rock, mas é mais raro. Estes locais estão em descompasso com a maioria, já que o pagode, rap ou o sertanejo não são

¹⁵² Aqui quando falamos que estes locais tocam Rock estamos, com isso, dizendo que, nestes locais, são tocados clássicos do Rock. Doors, Led Zeppelin, Deep Purple, Beatles, Rolling Stones, Janis Joplin, às vezes Black Sabbath, Hendriks, Creedence, entre outros. Em suma, apenas quase Hard Rock. Devemos dizer que o Rock nacional aparece com força nestes contextos, mais especificamente o Rock nacional da década de setenta e início da de oitenta: Secos & Molhados, Rita Lee, Mutantes. De oitenta: Barão Vermelho, Ira, Cazuza, Titãs. De noventa poucos são as referências, quase nulas, às vezes Cássia Eller

tocados em qualquer um destes. A experiência de entrar por meio de qualquer um destes locais coloca para o agente, caso não se conheça ninguém, a sensação de um isolamento. As pessoas conhecem-se nestes locais. Os locais que colocam o rap, o pagode, e o sertanejo são os shows que ocorrem de vez em quando.

Para o caso destes, percebemos que, na ida aos mesmos, as pessoas também se conheciam e sofremos com a sensação de isolamento que isto proporciona, já que, naquele local, não há nada que lhe prenda. Não é diferente da sensação que tivemos ao ficar sentados dentro de alguns bares que existem na “Rua Larga” em São Carlos. Estes também não são marcados como sendo de tal ou qual forma de música, a mais recorrente é o pagode, não o rap nem o sertanejo.

O lugar que estes estilos musicais ocupam na vida dos agentes varia, depende do fato de serem músicos ou não. Para o caso do pagode, isso é mais radical, já que desfilar pela cidade com camisetas de bandas de pagode não é algo que tenhamos visto em todo este tempo. O que é o contrário para o rap e para o rock. Apesar de o rap não ter um local seu em qualquer uma das cidades que fomos, o número de eventos que leva estas pessoas a aparecerem é muito maior dos que levam ao pagode e ao sertanejo, haja vista os shows que relatamos terem acontecido em São Carlos, nos últimos dois anos. Não vimos, nem ficamos sabendo, qualquer apresentação de rap que só possuísse grupos locais, sempre houve um grupo maior que depois se apresentou, o que não é o caso do rock¹⁵³ que, em diversos momentos, são organizados festivais¹⁵⁴ de bandas onde não há qualquer banda grande para

¹⁵³ Aqui estamos falando de Bandas que incorporam realmente um estilo de Rock. São bandas de Heavy Metal, Heavy Metal Melódico, Black Metal, Doom Metal, Trash Metal, Speed Metal NeoMetal. Não vimos nestes Festivais nenhuma banda Punk, ou Grunge. Os Shows de Hardcore (Punk Rock e variações) se deram fora destes shows. Em eventos próprios em locais afastados. Contudo, são bem menos frequentes.

¹⁵⁴ Foram oito os festivais em São Carlos, no entanto, os mesmos não possuem qualquer periodicidade.

fechar o show. As bandas circulam, muitas vezes, de cidade em cidade. A Banda Macabra¹⁵⁵, apenas no ano de 2005 passou por: São Carlos, Araraquara, Franca, Ribeirão Preto, Salto, São José do Rio Preto, Americana e São Paulo. São estes jovens que encontramos aparados muitas vezes nas praças as quais relatamos acima. Tanto nas praças quanto nos locais assinalados, eles vão com as camisetas das bandas que levam como marca de seu gosto, sumariamente Pretas¹⁵⁶.

Eles vêm de diversos locais diferentes, para ali, encontrarem amigos e outros que não conhecem, mas que têm a mesma prática. Basicamente, estes encontros são regados a vinho, conhaque, pinga, e cigarros. Formam-se rodas que refletem não um gosto, mas algum tipo de conto prévio entre os mesmos. Conhecem-se, a maioria, de escolas ou moram no mesmo bairro. Não os vimos em qualquer um dos shows que fomos presenciar, dos que foram realizados pela Cidade de São Carlos e S.J. Rio Preto.

Apesar das bandas se deslocarem para os shows em outras cidades, o público não se desloca. O deslocamento ocorre quando há shows de bandas grandes, em São Paulo ou Cidades que ocorram tais shows. Para o último Show da banda inglesa Iron Maiden, no Rio de Janeiro, saíram de São José do Rio Preto oito ônibus lotados. Entre o rap, a prática parece ser diferente, as bandas vão até os locais onde existem os grupos.

No entanto, estes locais, tantos os shows de Rock quanto os de Rap, são espaços onde a soma maioria é homem, tanto as praças quanto os postos de gasolina e os bares. A concentração de pessoas não se dá em uma divisão igual. A maioria das mulheres daí é namorada de alguns dos que se encontram nestes espaços, mulheres que se orientam em tais

¹⁵⁵ Banda de Araraquara. Existe há quatro anos e já possui um CD lançado. Toca basicamente Neo-Metal e Trash Metal.

¹⁵⁶ Iron Maiden, Black Sabbath, Hellowin, Metallica, AC/DC, Korn, NightWisch, Pantera, Megadeth, Lacuna Coil, Rage Against the Machine, Pearl Jam, Nirvana, Offspring, Ramones, Sepultura, etc. Quanto mais desconhecida a banda melhor, dá mais destaque.

bandas são raras. Contudo, em algumas bandas pode-se ver um número maior de mulheres, mas isso para o caso de shows destas bandas em São Paulo, Rio de Janeiro etc¹⁵⁷, não para estes espaços. Com isso, os eventos onde há presença maior de mulheres são os grandes eventos. Entrar ou chegar a um local nunca é um ato independente, quer dizer, isolado, apresenta-se em grupos em tais locais e é, nestes locais, que vimos as mulheres. Homens, individualmente, vão a estes locais, mas mantendo a referência nos locais onde podem “achar alguém”. Individualmente, não é comum vê-las chegando a tais locais.

Se, desse ponto, a Festa e os Shows são pontos necessários para que se desenvolva este lado, estes locais não servem apenas para isso. As querelas que existem entre os agentes atravessam os locais, fato que dá importância diferente para estas. Particularmente, vimos verdadeiros acertos de contas entre partes e um chamou muito a nossa atenção.

Em um dos dias de Festa do Festival Internacional de Teatro de S.J. Rio Preto, um grande número de jovens movimentou-se de forma a cercar apenas um Jovem no centro. Neste momento, após cercado começou o seu linchamento, que só terminou após ser esfaqueado pelas costas, durante a briga. Conforme o desenrolar deste evento, as pessoas presentes apenas olharam o que acontecia, algumas horrorizadas outras, no entanto, literalmente assistiam ao acontecimento. Após o ocorrido, procuramos saber o motivo do acontecido. Pessoas ligadas a um dos lados informaram-nos que o indivíduo que havia sido linchado, algumas semanas antes, havia patrocinado o linchamento de um dos que ali naquele dia estavam linchando-o. Este que vimos apanhar, possui (a) uma namorada, o irmão desta, seu cunhado, por motivos desconhecidos dos informantes, havia agredido-a sensivelmente. Por isto, o primeiro resolveu chamar seus amigos para operar um tipo de “acerto” com o cunhado. Depois deste dia, ficou a promessa do “Cunhado” de acertar com ele, na próxima

¹⁵⁷ Smashing Punpikins, Radiohead, Coldplay, Strokes, Perl Jam, Nirvana entre outras. Sem falar das nacionais, Titãs, Detonautas, CPM22, Pitty etc.

vez em que se encontrassem.

Uma outra história também chamou nossa atenção. O CAASO patrocinou um evento com a participação da banda paulistana Velhas Virgens. Neste dia, por razões que desconhecemos, um grupo de Jovens provenientes dos bairros Cruzeiro do Sul (e adjacências) foi até o local e lá começaram uma briga com jovens Brancos. A coisa foi indo com muita discussão até que, por motivos também desconhecidos por nós, apenas um de cada lado ficou no centro da disputa. O jovem negro acabou sendo superado pelo outro e, neste momento, entrou mais uma quantidade indeterminada de pessoas que espancaram-no.

Um dos que participou da agressão ao jovem caído, foi encontrado por nós, semanas depois, em um bar do centro de São Carlos. Neste dia, o mesmo relatou que duas semanas antes, portanto depois do relatado acima, havia se envolvido em outra briga, com um “mauricinho”, segundo suas palavras. Contudo, neste dia, acabou levando uma paulada na nuca e desmaiou no local, só acordando muito tempo depois sozinho. Explicou que poderia ter “morrido” e, por isso, não se envolveria mais em tais “confusões”. Exatamente uma semana depois, foi espancado até a morte, em frente a um bar de São Carlos.

Neste ponto, temos de abrir um parêntese para poder discutir um pouco o que tudo isso acima parece significar. No fim do Capítulo 2, fizemos uma pequena exposição argumentando que, simbolicamente, na Cidade de São Carlos, os membros e simpatizantes do rap/hip-hop não tinham algo diante de si que se oferecesse como um material simbolicamente trabalhável, no sentido de servir como uma base preliminar para a construção de uma sociabilidade por meio do rap.

A partir de nossa observação, chegamos à conclusão de que, para a cidade de São Carlos, podemos pensar o rap como uma forma de organizar a experiência. Achamo-nos em

condições de pensar que ele, como referencial, permite a estes jovens colocarem-se diante de si mesmos e de outros que possuem outros estilos musicais como referência. As condições sociais das quais estes partem parece mais dificultar a construção de uma sociabilidade, do que servir de base para a mesma. Desta forma, o rap aqui se constrói contra esta experiência da qual os mesmos partem.

Pensamos o contrário de Guasco (2001), Diógenes (1998) e Takeuki (2002). Não é a experiência de exclusão e de pertencimento a uma dada condição social comum que fornece as oportunidades de se construírem por dentro de uma forma de linguagem que permite com que façam a denúncia de sua condição, ao contrário, é o rap que fornece sentido a esta experiência, que fornece uma compreensão para ela; não é porque não existam outras formas de se fazer o mesmo. Como vimos acima, por meio do rap, estes agentes lidam com diferentes interpretações que outros atores têm sobre eles. Se estes se orientassem pela facilidade, aceitariam outros pontos de vista e se construiriam por meio destes. O que vemos, contudo, é o contrário disso. Ser do rap é uma das formas que confere sentido a pertencer a uma periferia, ou se ver como excluído.

Outrossim, mesmo aqueles que não o professam com fé, podem participar do espaço de possibilidades que ele abre. Por meio do rap, estes jovens podem colocar-se ao lado de outras formas que permitem o mesmo tipo de organização. Não se deve pensar aqui, que estamos propondo que o rap fornece a sociabilidade que lhes faltam no seu cotidiano. Pelo contrário, o rap aqui, para a cidade de São Carlos, abre a possibilidade para que se construa alguma sociabilidade, aparece mais como um caminho do que como um fim, para estes atores.

Há um outro ponto: se, de um lado, ele não se apresenta como uma identidade, não oferece de verdade uma identidade a estes jovens. A existência dos que preferem viver o rap

como um estilo de vida permite que se abram espaços, inclusive para que não são orientados em sua forma de linguagem. Ao abrir os espaços, ele permite não apenas que os identificados participem das redes de relações construídas através deste. Com isto, queremos dizer que a sua existência, por meio do trabalho incessante de seus participantes, é que coloca uma diferença, primeiro em relação às outras pessoas dentro do espaço do qual parte, a partir dos bairros chamados de Periferia da Cidade de São Carlos.

Concomitantemente, para além do espaço dos bairros, ele abre também outras possibilidades. Ao colocar a sua diferença por meio dos espaços, os mesmos colocam a distinção em relação às outras pessoas e, também, permitem a diferenciação do próprio espaço ou evento. Do ponto de vista do espaço, portanto, a sua diferenciação partirá do tipo de diferença que couber, ou que seja aceita dentro do mesmo. Como vimos, nem todos estão abertos a total diferença entre aqueles que o freqüentam.

Fizemos menção a este ponto, para retornar mais à frente com uma leitura própria para estes eventos e particularidades. Colocaremos, a seguir, a etnografia de dois dias muito separados no tempo, mas que, para nós, condensa bastante das coisas que vínhamos falando. Queremos, contudo, que o leitor considere o que já adiantamos como interpretação dos mesmos.

3.4 Quão Negro Somos Sem Perceber.....¹⁵⁸

Chegamos às quatorze horas e lá ficamos até as duas da manhã. O evento era promovido por uma entidade chamada T.E.I.A (Casa de Criação), uma organização não governamental da cidade. Era apoiado por outras entidades: Ekodilê (centro de referência de mulheres negras), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), NEAB (Núcleo de Estudo

¹⁵⁸ Este Evento ocorreu dia Cinco de Junho de 2003. O nome deste evento não será comentado aqui. Deixaremos para o próximo capítulo, colocar uma visão sobre o mesmo.

Afro-Brasileiro), Secretaria municipal de Assistência Social (seção de combate ao Racismo e a discriminação) e Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Departamento de artes e cultura).

A idéia do evento era demonstrar as “raízes negras” da “cultura brasileira”. Por este motivo, estariam lá dispostos diversos destes elementos que pertenceriam à “cultura africana” e que demonstrariam o “quão negro somos... sem perceber”. O cartaz foi anunciado pela cidade inteira e com um período relativamente grande. Voltando aos “elementos”, cada cômodo da casa possuía uma representação de um orixá diferente. Em cada lugar do Espaço, havia uma representação de um Orixá e, ao lado de cada uma destas representações, estavam escritos em um papel, um tipo de painel pequeno, o que cada uma destas entidades representa e a qual “força da natureza” se ligam. Assim, por exemplo, Nãñã liga-se ao barro. Não havia somente representações de Orixás, fora convidado um artista plástico Negro, que faz esculturas inspiradas no Camdomblé, para expor suas peças no evento. Da mesma forma que as representações dos Orixás, suas peças ficaram soltas pelos salões e pelos outros espaços do local.

O lugar estava distribuído da seguinte forma: para quem entrava pela porta da frente, havia um salão de proporções razoáveis, seguindo mais à frente, por outros cômodos bem menores que o primeiro (esse possui mais ou menos uns vinte metros quadrados). Do lado de fora havia um espaço, grande também, onde estava montado, bem ao fundo um palco ao lado, um bar para a venda de cervejas e refrigerantes. Este espaço tinha a configuração de um L, por isso a parte da frente deste espaço dava para a rua, enquanto que o palco e o bar davam para o fundo de uma outra casa. Chegamos ao local lá pelas duas horas da tarde, quando ainda não havia muitas pessoas no espaço. Isso sem contar as pessoas que estavam organizando o evento e que participam daquele espaço. Depois de passar por todos os lugares onde estavam

os Orixás e ver cada qual como estava colocado¹⁵⁹, paramos e ficamos observando a chegada das pessoas ao local.

Cada um que chegava, via as esculturas e os Orixás e, aos poucos, dirigia-se para o fundo, onde se encontravam, na maioria das vezes, com outras pessoas que já estavam lá. A maioria das pessoas que chegava era amiga ou mantinha contatos com as pessoas que estavam organizando o evento. Em relação aos organizadores, a maioria era composta de Brancos e Universitários¹⁶⁰. Esta O.N.G. organiza não apenas eventos, mas também oficinas culturais, talvez a mais conhecida seja uma de “Maracatu”¹⁶¹, cuja maioria também é feita de brancos e universitários, entre estes havia predomínio de Negros¹⁶². Estes, sem exceção, eram Negros de fora da cidade de São Carlos, alunos da UFSCar. As entidades ligadas ao Movimento Negro da cidade enviaram representantes seus para acompanharem o evento¹⁶³. Aos poucos, eles foram chegando e sua postura diante de tudo ali não foi diferente das demais pessoas, foram passando por cada uma das representações e se acomodando em um local destinado às mesmas e, lá permaneceram pelo menos até a hora em que começou a apresentação de rap. No mais, a tarde passou sem que houvesse uma constância maior de pessoas, além destas que já descrevemos. A maioria passava, via as coisas e ia embora em seguida. Às seis horas da tarde, começou a primeira atividade cultural, com a apresentação de um grupo de capoeira. Este, por sinal, treina dentro dos limites territoriais da UFSCar e tem como mestre uma pessoa

¹⁵⁹ Não estavam representados todos os Orixás, apenas os mais conhecidos. Oxalá, Nãã, Xangô, Ossaim, Iemanjá, Exu, Iansã, Ogun, Oxumaré, Oxun, Orummilá, entre outros. São dezesseis os principais Orixás.

¹⁶⁰ A maior parte das pessoas era da UFSCar, mas havia alguns da U.S.P São Carlos. Estes organizadores, em sua maioria, eram ex-integrantes do Diretório Central de Estudantes da UFSCar ou participaram do grupo de apoio deste grupo neste diretório.

¹⁶¹ Esta é uma forma Musical tradicional do Nordeste Brasileiro.

¹⁶² Todas as vezes que aqui nos referimos a alguém como negra é porque estamos adotando a postura do IBGE de incluir nesta classificação todas as pessoas que se autodenominam desta forma, e aqueles que se denominam utilizando uma classificação próxima ou que denotam uma gradação, como Mulato, Pardo, Preto etc. Só utilizamos estas últimas no texto quando a palavra partiu da própria pessoa, para se autodenominar.

¹⁶³ Durante todo o evento não percebemos uma única manifestação de qualquer um destes membros, nem a favor nem contra qualquer coisa que estava acontecendo ali.

conhecida como “Pé de Chumbo”¹⁶⁴. Eles fizeram uma roda onde se sentaram com o mestre, em uma das pontas do círculo, e começaram a entoar as músicas pertinentes a este estilo. Concomitantemente, começou o “jogo”, entravam e saíam os alunos da roda e o próprio mestre, durante a apresentação. A duração disso foi de, aproximadamente, uma hora. Durante este período, as pessoas que não eram do grupo viram, todas do lado de fora do círculo, aqueles que sabiam as músicas acompanharem durante a apresentação, cantando e batendo as palmas das mãos.

Depois deste tempo, abriu-se a roda para todos que queriam participar da mesma. Antes disso, o mestre “Pé de Chumbo” fez um discurso para todos os presentes, explicando o que é a Capoeira. Depois de colocá-la como parte da tradição afro-brasileira, explicou o caráter da composição de seu grupo de alunos, elogiando a dedicação destes e o porquê de abrir a participação para pessoas não negras. Neste ponto, explicou o suposto caráter miscigenado da “Cultura Brasileira” para explicar sua postura, mas destacou a dificuldade de se manter, em termos de cultura, em um país como o Brasil. Criticou tal fato, a falta do reconhecimento por parte do Brasil e comentou a particularidade dele próprio precisar passar meio ano na Alemanha para poder se sustentar aqui. Ressaltou que tomou a mesma postura de diversos outros mestres de Capoeira que, como ele, faziam o mesmo caminho, não só na Alemanha, mas em outros países da própria Europa e nos Estados Unidos. Depois de acabado tal discurso, aplaudido por todos, começou a roda novamente, neste momento, aberta a todos os que quisessem participar.

Um pouco antes da apresentação, já havia aumentado o ritmo de pessoas chegando ao local. Em geral, o perfil era o mesmo: universitários que chegavam juntos, em grupos e, às vezes, mas raro, sozinhos. Quando chegavam sozinhos eram, em sua maioria, homens.

¹⁶⁴ A maioria dos alunos é estudante, principalmente da UFSCar Poucos pareciam não ser alunos universitários.

Poucas foram as mulheres que chegaram sozinhas. Ao fim de sua apresentação, os representantes das entidades que apoiaram o evento estavam indo, ou já tinham ido embora. No decorrer do dia, esta apresentação fora retardada propositalmente para que houvesse mais pessoas para assisti-la. Com isto, todas as outras atividades também foram atrasadas.

Contudo, os grupos de rap chegaram depois da hora que estava marcada para sua apresentação. Chegaram e foram acomodando-se nos espaços do fundo, ao lado do palco. Não passaram por qualquer uma das ditas representações de Orixás. Conversaram com uma mulher, que parecia ser, dentre os organizadores, a que possuía mais conhecimento sobre tudo que estava acontecendo e sobre o que cada um fazia ali. Entre a primeira apresentação do Rap e a de Capoeira, houve um espaço de mais ou menos uma hora. Eram poucos grupos, cinco. Havia apenas um D’J que fez o som de todos. Os integrantes já eram conhecidos nossos, de outros momentos e, depois desse dia, nunca mais os vimos em qualquer outra apresentação de rap a que fomos¹⁶⁵. Estes grupos chegaram com um grupo maior de amigos. No momento de suas apresentação, seus amigos foram até a frente do palco. Na hora em que começou o seu show, imediatamente parou a musica mecânica que estava tocando, as pessoas que dançavam estas músicas saíram da frente, voltaram até o fundo e deixaram a frente para os integrantes que ainda não tinham cantado e seus amigos, como dissemos. Ao fim de sua apresentação, eles voltaram a se misturar com os demais participantes do evento e depois, lentamente, foram indo embora, quando começou a apresentação de uma banda de Reggae¹⁶⁶. A partir do meio da apresentação deste grupo, já não havia presença significativa dos primeiros, alguns permaneceram até o fim, mas, a partir daquele momento, a presença significativa voltou a ser dos universitários.

¹⁶⁵ Cantaram apenas Músicas próprias.

¹⁶⁶ Cantaram Músicas de Bob Marley e Jorge Bem, covers.

3.5 O longo dia 30 de abril.

Perto do fim de Março, fomos procurados por uma aluna da Universidade Federal de São Carlos. Ela ofereceu-nos a oportunidade de coordenar a construção de um Fanzine que pretendia cobrir toda a “cena” hip-hop de São Carlos. O fanzine¹⁶⁷ fazia parte de um projeto maior, uma oficina de escrita promovida pela organização não governamental chamada “Casa Aberta”. Na Reunião em que fomos apresentados à organizadora do projeto e da O.N.G, Olga, conversamos sobre o caráter e sobre os participantes do projeto. Ao chegarmos lá, vimos que todos os “alunos” estavam do lado de fora da casa principal do projeto, ouvindo o último CD do grupo Racionais MC’s (Nada como um dia após outro dia).

Durante a conversa, eles explicaram o que queriam e o que achavam de cada um dos integrantes do projeto como um todo. A dita aluna da UFSCar começou por diferenciá-los de seus alunos de uma escola particular da cidade, pois estes alunos “estão acostumados a serem ouvidos e a serem incentivados desde sempre”. Na opinião de Olga, a questão era romper com um processo de estigmatização própria e com uma idéia de vitimização, “isso os colocava em uma posição cômoda, que eles assumem”. Terminaram por me indicar dois “educandos” de lá, com quem eu poderia começar a lidar. Eram esses: Edna, moradora da Cidade Aracy, estudante, tinha na época 15 anos e Gilferon também 15 anos, estudante e morador do Jockey Club¹⁶⁸.

Após este dia, realizamos diversas reuniões nas quais conversávamos sobre o assunto do Fanzine. As conversas giravam, na maioria das vezes, sobre o que é o Rap, o Grafite e o Break. As reuniões mudaram de dia, da segunda para a sexta, e voltaram para a segunda em

¹⁶⁷ O Nome: “Paz e Atitude: a Voz da Periferia”.

¹⁶⁸ Ambos são Negros.

menos de um mês. Por estas reuniões, passaram ainda Ed, Guigor, Ailton e Dijeó¹⁶⁹, todos “educandos” também. Durante estas reuniões que se seguiram, conversamos sobre o que seria a linha do Fanzine, aproximava-se a data de uma apresentação que ocorreria na “Festa do Clima” daquele ano, de vários grupos de Rap. Haveria ainda, a apresentação de pessoas que “fazem grafite”, inclusive, Edna seria uma delas. Durante estas reuniões, deu-se a primeira vez em que ouvi o nome de Sérgio Santos. Este seria, na opinião de Edna, “um apoiador do rap”. Na ocasião da reunião sobre o que deveria ser feito durante a Festa do Clima, para captar material para o próximo Fanzine, em que se dividiram as tarefas para cada um, Edna comentou que eu deveria “conhecer” Sérgio Santos. Conversamos novamente sobre quem ele era e, imediatamente após a minha concordância sobre vê-lo em algum momento, ela saiu da sala, foi até o telefone e ligou para o mesmo. Voltou e mandou que eu o atendesse ao telefone, conversamos rapidamente e marcamos um entrevista para o dia seguinte.

No dia seguinte, fomos até o encontro de Sérgio Santos. No local, descobrimos quem ele era, era o chefe do departamento de Ação Cultural da secretaria de Educação e Cultura e São Carlos. Também era o responsável por toda a atividade cultural que se opera na cidade. Em tal “entrevista”, conversamos sobre todas as que ocorreram nos últimos tempos e as próximas, que aconteceriam após a Festa do Clima. Conversamos por mais ou menos uma hora e meia, depois, o mesmo iria ter uma reunião com todos os grupos de Rap que se apresentariam durante a Festa do Clima. Eram eles: Simples Mortais, Resgate Social, Protesto Verbal. Estes vieram a se apresentar no primeiro dia da Festa, antes do show principal, de Hud & Hobson. No dia seguinte, apresentaram-se Ideologia Cristã, Raciocínio Consciente,

¹⁶⁹ Dijeó, particularmente, perguntou-me, mais de uma vez, se eu entendia o que era o Rap e o que queria dizer Hip-Hop, de onde vinham e porque eles gostavam daquilo. Nas duas primeiras vezes, eu disse que sabia a diferença e o que cada um queria dizer, mesmo assim, ele explicou-me o que cada um significava e justificou porque gostava. Todas as vezes foram diferentes.

Mentes do Crime e Ato Criminoso¹⁷⁰. Depois da reunião, pudemos ter mais um pouco de conversa e Foram-nos apontados os dias em que haveriam as próximas atividades, inclusive a estrutura que se organizaria para a recepção de MVBILL, em São Carlos. Sérgio Santos disse que a razão da escolha do conhecido Rapper do Rio de Janeiro devia-se a uma escolha de parte do “movimento” e que o Nome da atividade devia-se a uma demarcação política sobre o significado do Treze de Maio. Tradicionalmente, o Movimento Negro organiza-se para o dia da Consciência Negra, dia 20 de Novembro. E, para ele, era mais do que necessário colocar um novo significado para o dia, uma vez que “passa batido, na maioria das vezes”. Disto saiu o nome da atividade que, não por acaso, dá nome a esta seção de nossa dissertação.

Dias antes do início da Festa do Clima, fomos até o local onde seriam realizadas as atividades deste evento. Vimos parte dos preparativos e ficamos passando por dentro do CDHU, conjunto de prédios que fica em frente ao galpão da Festa. Este é um condomínio feito pela Secretaria de Habitação do Estado de São Paulo e se destina às pessoas pobres que moram na cidade, em sua maioria, migrantes de outras cidades e Estados, principalmente do Nordeste, e também Negros. Fomos até lá três vezes, para que fizéssemos anotações sobre a mudança em relação ao que viria a acontecer nas imediações. Não houve, aparentemente, qualquer mudança.

Conforme o combinado com os integrantes do Fanzine, fomos até a “Festa do Clima”. Os portões abriram-se pela Manhã, às nove horas. Em todos os dias, o movimento fora fraco no primeiro período, só aumentando após as 11 horas da manhã. Dentro do espaço do galpão, havia barracas de todos os tipos possíveis, desde plantas, orquídeas ornamentais, passando por

¹⁷⁰ Sérgio Santos apresentou-nos a todos e pude ver a reunião, na qual ele apenas foi explicando como “funcionariam as coisas”. Todos foram muito receptivos aos seus apontamentos e pareceram possuir boa relação com o mesmo.

bancas de faculdades, onde se oferecia tipos básicos de atendimentos médicos¹⁷¹. Havia barracas de comidas típicas do Nordeste e outros tipos de comida mais convencionais, como pizzas e churros. No centro do galpão, havia um palco pronto para apresentações.

O público que freqüentava as manhãs era claramente diferente do que veio a aparecer durante a tarde. Eram provenientes dos bairros de imediação à Praça Itália: Cruzeiro do Sul, Vila Prado, Cardinalli¹⁷². À tarde, chegaram pessoas que vinham do próprio CDHU, Cidade Aracy (e adjacentes). A maioria deles vinha até o interior do galpão e voltava para fora, lá ficando até o começo do Show¹⁷³.

Durante o primeiro dia, um fato chamou a atenção. Foram eleitas a Rainha do Clima, a Princesa do Clima e a Dama de Honra da Festa. Todas muito Bonitas, com certeza. O que chamava atenção era sua forma de apresentação. Foram apresentadas logo após vários corais e crianças das escolas municipais que, uma a uma, foram cantando músicas com a orientação de suas professoras. Após sua apresentação, o público, os pais de tais crianças foram saindo e indo embora do local.

O apresentador explicou a atividade seguinte para o novo público que se colocava diante do palco. Uma a uma foram chamadas, apresentadas e aplaudidas, concomitantemente, pelo público. A Rainha era Branca, loira, com cabelos muito lisos e olhos azuis. A Princesa era Branca também, com cabelos lisos e pretos e olhos também pretos. A Dama era a mais diferente: era Negra, alta, com cabelos alisados e pintados de cor castanha. Uma a uma receberam uma coroa e um buquê de flores. Isto tudo ocorreu com diversas bancas ao lado, onde havia dezenas de pessoas que não se moveram para ir até ao palco e nem mesmo se

¹⁷¹ Aferição de pressão, nível de açúcar no sangue e colesterol. Havia uma banca onde fisioterapeutas da Universidade de Araraquara ofereciam alguns tipos de massagens e exames. A Universidade Federal de São Carlos e a USP São Carlos não possuíam qualquer banca nem apoiaram este evento. Nenhum centro acadêmico ou Diretório de Estudantes apoiou também o evento, nem possuía qualquer banca no evento.

¹⁷² Brancos em sua maioria, suma maioria.

¹⁷³ Em sua imensa maioria Negros.

viraram de onde estavam para ver o que estava acontecendo. Acabada a apresentação, as garotas desceram do palco e foram, gradativamente, indo-se do recinto, em conjunto com seus familiares. Logo após, subiu ao palco um grupo de dança de rua da cidade. A atitude do público não foi diferente e, mais uma vez, vimos surgir um novo público.

No local destinado aos grupos de rap, havia grandes placas e madeirite prontos para serem pintados, havia também um tipo de tapete, parecido com um carpete. Ali, dançava-se passos de break. As pessoas foram chegando e ficando por ali, vendo aqueles que se aventuravam a fazer algum passo. Não vi muitas apresentações de break, mas sim uma seqüência de saltos mortais dos mais variados tipos, um a um sendo feitos no meio do tapete, ao som de rádio levado por um dos que estavam dançando. Aos poucos, foram indo para fora e ficando já no território do evento principal. Nenhum dos integrantes do projeto apareceu por lá, conforme havia sido combinado.

Às seis da tarde, começou a movimentação mais intensa em frente ao palco, que estava localizado ao lado do galpão onde há um longo terreno de terra batida. Ao fundo, havia barracas de comidas de vários tipos e camelos vendendo seus artigos habituais. Antes das oito, quando estava marcado para começar o show de Guilherme e Santiago, o fundo do terreno já estava tomado pelas camisetas pretas de 2 Pac, Consciência Humana, Facção Central, Racionais¹⁷⁴, de jovens negros vindos de ônibus da Cidade Aracy, Jockey Club,

¹⁷⁴ O Primeiro é um conhecido Rapper americano, assassinado, símbolo da modalidade de Rap conhecido como “bling bling”, em um primeiro momento e, em um segundo momento, conhecido por sua crítica ao crime como via de ascensão social para os negros. O mesmo é ídolo de diversas bandas nacionais, inclusive dos Racionais, sendo citado por estes em diversas músicas. As demais são bandas de Rap de São Paulo. “Bling Bling” significa um tipo de Rap que coloca a violência não em cheque, mas como via, e o crime pelo seu lado mais sedutor, dinheiro e Mulheres.

Maria Estela Fagá¹⁷⁵. Não podemos deixar de ressaltar os blusões de times de Basquete Americano e as camisetas da marca FUBU¹⁷⁶.

O movimento em frente ao palco ficou por conta dos fãs de música sertaneja, com seus chapéus de rodeio, calças jeans e camisas básicas ou xadrez. Formavam-se grupos de pessoas uns ao lado dos outros. Basicamente, poucos casais estavam dentro destes grupos. Casais avulsos podiam ser vistos nas laterais do terreno. Estes ocuparam a parte da frente até o fim do show. Nos dois outros shows de Hud & Hobson¹⁷⁷ observados por nós neste evento, em dias diferentes, a forma de distribuição das pessoas não nos pareceu oferecer diferença. Ao fundo, a diferença dava-se pela postura diante do que vinha acontecendo. Os grupos de pessoas colocavam-se bem divididos entre mulheres e homens. Andava-se em duplas, no caso das mulheres, na maioria das vezes, no máximo em três pessoas. Os homens andavam mais soltos e circulavam de grupo em grupo cumprimentando a todos os que conheciam, de início e, depois, para conversas com cada um destes. Parados um ao lado dos outros foram assim até o fim do palco. Tudo transcorreu sem qualquer ato de violência.

Ao fim do Evento, acompanhamos a maioria destes até o ponto de ônibus. Lá ficamos observando as pessoas subirem em seus ônibus e indo embora. Entretanto, decidimos por ir embora a pé. Fomos acompanhados por um grupo em particular, que logo foi conversando sobre o evento e nos convidou para ir até o Show do grupo de Pagode Art Popular. Chegando ao local, conhecido como clube Ítalo-Brasileiro, ficamos diante da porta vendo o movimento e, depois, acabamos entrando. Incrivelmente, as pessoas que ali se encontravam também estavam antes na festa em que estávamos. Na verdade, aqueles que estavam ao fundo do

¹⁷⁵ Neste momento, estávamos em frente ao ponto de ônibus e lá ficamos por bom tempo vendo chegar, um a um, ônibus apinhados de jovens, esvaziando estas conduções.

¹⁷⁶ Marca que quer dizer “*For By Us*”. Suas estampas mantêm, como referência, imagens do Hip-Hop americano e de atividades esportivas ligadas ao Hip-Hop, Basquete e Skate.

¹⁷⁷ Durante os Shows, o público tinha aproximadamente três mil pessoas, de acordo com a polícia militar.

terreno. Vimos às mesmas camisas coloridas, mas em bem menos quantidade e quase nenhuma camisa das bandas de rap, do show de Guilherme & Santiago. Dentro do show, a continuidade dos grupos e das conversas entre os mesmos, com perfil de distribuição semelhante ao que vínhamos descrevendo¹⁷⁸.

3.6 MVBill em São Carlos, O Treze de Maio, abolição da Escravatura?¹⁷⁹

A atividade começou à tarde, quando foi montada uma banca em frente ao mercado municipal e este rapper fez uma apresentação de seu livro lançado, na época, há pouco tempo¹⁸⁰. Terminada a sua apresentação, abriu-se para perguntas. Na maioria, estas versaram sobre o próprio livro e sobre o rap no Rio de Janeiro¹⁸¹.

Esta parte acabou perto das sete da noite. O show com as bandas de rap começou perto das oito horas e foi até às nove e meia da noite. Isto ocorreu logo em seguida à apresentação de grupos de rap da cidade de São Carlos. Alguns eram diferentes daqueles que vimos na “Festa do Clima” e em outros locais. Seu show começou com um discurso para todos os participantes e com uma comparação da comunidade de São Carlos com as do Rio de Janeiro, na qual este mostrava a sua admiração em ter um público tão bom em uma cidade onde o mesmo nunca imaginava existir alguém que ouvisse seu som. Excetua-se a sua primeira apresentação no Interior de São Paulo, segundo o próprio.

Durante o show, as pessoas ficaram o máximo que podiam perto do palco e cantaram, com força, as músicas do rapper. Não houve qualquer movimentação mais tensa, nem

¹⁷⁸ Durante este tempo em que segui o “fluxo” das pessoas, em qualquer momento vi universitários da UFSCar e USP. A não ser aqueles que são moradores da cidade e moram nas proximidade do local. Nos shows propriamente ditos, não vi nem mesmo os que são moradores, isto é, os que sabemos que são alunos moradores.

¹⁷⁹ Na realidade, o Show e palestra ocorreram no dia quatorze, e não no dia Treze. Era um sábado.

¹⁸⁰ O Livro tem o nome de “cabeça de Porco” e tem como co-autor um antropólogo chamado Luiz Eduardo Soares.

¹⁸¹ Este Cantor de Rap ficou conhecido primeiramente por um clipe de uma música chamada “soldado do Morro”, no qual aparecia ao lado de diversos traficantes com armas, a maioria era composta de jovens de, no máximo, vinte anos. Semanas antes desta apresentação, MVBill havia aparecido no programa popular que acontece todos os domingos no canal aberto Rede Globo.

qualquer briga durante a apresentação. Havia, aproximadamente, trezentas pessoas assistindo a apresentação. MVBill terminou o show com duas frases fortes: “nós não somos negros dois dias do ano, somos trezentos e sessenta e cinco dias negros” e “tem quem pensa que vai fazer revolução contra a televisão, nós queremos e vamos ocupar os espaços que queiram nos dar e os que nós conquistamos já”, despediu-se de todos e, depois de descansar por um tempo, deu autógrafos ao lado para algumas pessoas. A maioria absoluta do público era de negros e jovens, muitos dos quais tínhamos visto há pouco tempo, nos outros espaços citados acima e em shows e apresentações de rap pela cidade. Terminado o show, as pessoas foram embora, sem haver qualquer movimento em direção aos bares da cidade¹⁸².

¹⁸² Neste Evento, os únicos universitários vistos por nós eram, de alguma forma, ligada se não ao próprio Hip-Hop da cidade, a outros movimentos sociais de outros locais.

Capítulo Quatro

O Campo Simbólico e sua Manifestação

4.1 O Lugar da Sociabilidade, da Música e da Identificação

Para encerrar este texto, faz-se necessário que apresentemos a nossa interpretação dos fatos e dos processos dos quais julgamos estarmos diante, durante a execução desse trabalho. Como já foi dito acima, de início, imaginamos que estávamos falando de alguma coisa parecida com uma forma de identidade. Para nós, a discussão deveria contemplar as formas pelas quais os agentes relacionavam-se através da música. Para tanto, tínhamos, como hipótese, que esta servia como ponto para a construção de representações e como forma de comunicação entre estes grupos. Pensamos, também, que a forma de organização fosse contingente, no sentido de que, para cada local, as relações estabelecidas entre os mesmos produzissem diferenças tanto em termos de suas representações como em termos de suas formas de sociabilidade.

Com esse recorte, pretendíamos pensar, a partir de nosso contexto Etnográfico, como se desenhavam as teias de relações que por aí se desenrolavam. Para tanto, de início, deveríamos partir dos grupos mais significativamente relevantes e destes partir para os “grupos eleitos”, para cada local, como sendo o ponto de referência para a construção da própria forma de se pensar. Com isso, também pretendíamos sair da oposição entre centro e periferia e não cair na definição das práticas destes jovens como um corolário da sua geração. Pensamos que a capacidade de intervir, de pensar e propor uma forma de representação fosse algo que poderia fornecer a saída para estas chaves.

Na primeira parte deste trabalho, pode-se ver que tivemos que optar pelo conceito de campo simbólico em vez de sistema simbólico. Isto significa que, como forma de

comunicação, o nosso objeto possui uma dimensão muito mais localizada do que pensamos também de início, apesar de vermos que a extensão do campo e as características de cada localidade são, mais ou menos, semelhantes e nos oferecem a oportunidade de pensar em um sentido mais amplo. A música, como forma de comunicação, servia de alguma forma para colocar em relação estes grupos que estão distantes uns dos outros, geograficamente. Desta forma, pensar que a música pode servir a tal propósito é pensar que se podem estabelecer relações entre o que se pensa por meio da mesma. Isto significa que, para um tipo de pensamento, para um tipo de grupo, poderia-se apreender uma forma de sociabilidade e uma forma de prática que fosse característica, própria deste grupo. Pensávamos que a fragmentação fosse uma dimensão própria do sistema como um todo, sendo que o plano sociológico da qual deveria ser apreendida deveria ser o das relações entre os grupos. Com esse pensamento, também fica nas entrelinhas que supomos que, para cada grupo deste, poder-se-ia pensar uma forma de experiência, e que a música seria a forma privilegiada para a comunicação dessa experiência.

A observação de nosso objeto fez-nos pensar todas estas coisas de uma forma diferente. A participação em determinado gosto musical não é uma adesão a uma determinada forma de sociabilidade¹⁸³. O primeiro plano para a construção de uma sociabilidade, visto neste trabalho, foi a própria localidade de onde se parte, o segundo plano, a escola. Para o caso desse primeiro plano, as relações partem de dois elementos diferentes: o primeiro é a própria família e o segundo são as relações de vizinhança. O segundo plano é mais aberto e envolve a construção de relações que não se prendem apenas a vizinhança, haja vista que a participação em uma escola não está diretamente relacionada a esta. Essas, segundo o que pensamos, são as primeiras marcas que se impingem nos grupos, mas não apenas elas que

¹⁸³ Isto na forma como pensamos que cada grupo fosse uma forma de sociabilidade.

delimitam os mesmos. A experiência destes agentes não se fecha nestes limites, para entendê-los devemos pensar que os mesmos abrem-se de forma diferenciada para o estabelecimento de relações, como já apontamos acima, em virtude destes elementos não se apresentarem como significativos para a elaboração simbólica destes agentes.

A representação da forma como pensam a sua experiência refere-se, no mais, à forma como os mesmos enxergam esta experiência, mas refletem pouco as relações às quais se inserem. De certa forma, a representação fecha-se sobre si, poucas vezes vimos referências diretas a outras formas de conduta operadas por meio das músicas. As referências, aí, ficam para o estabelecimento de igualdades para agentes que, de alguma forma, se pesam nos mesmos marcos, como que participando de uma mesma experiência. A localidade, neste caso, é a forma pela qual as diferentes comunidades colocam-se no mesmo plano. Forma-se, assim, uma comunicação entre os contextos, pela abertura feita por meio da representação das relações em que vivem através de uma representação de pertencimento a uma localidade. Assim, para este pensamento pode-se igualar o Capão Redondo (São Paulo) ¹⁸⁴ ao Jacobucci¹⁸⁵, ao Jardim Irene¹⁸⁶. Sob este ponto de vista, o Cidade Aracy não dista do Maria Fagá. Estamos falando não apenas, portanto, de uma sociabilidade real, no sentido de praticada, mas de uma sociabilidade possível, que faz parte de um quadro de possibilidades dadas para este pensamento¹⁸⁷. O ponto importante é que se estabelecer à possibilidade de Relação na medida em que, por meio de conceito, se podem estabelecer igualdades, reconhecendo o que há de semelhante em cada uma destas localidades, sem esquecer as diferenças em cada uma delas.

¹⁸⁴ Bairro de Mano Brow e Ice Blue, do Grupo Racionais.

¹⁸⁵ Bairro de São Carlos.

¹⁸⁶ Bairro de São Paulo.

¹⁸⁷ Este processo pode ser visto nos mais diferentes Raps, onde durante uma pequena parte da música o Mc oferece ou agradece as mais diferentes “comunidades”.

Deve-se considerar que a possibilidade do contato está dada aí de uma forma muito limitada, já que os grandes Grupos de Rap vão até as localidades do interior, os rappers mesmo não se deslocam até a capital para ver os shows. Em todo caso, se pretendêssemos colocar para este estudo a obra, no caso a música, captaríamos o processo de estabelecimento de simetrias entre as localidades entre os agentes. Contudo, conservamos disto o fato de este estabelecimento colocar a assimetria em relação aos demais grupos que não cabem, ou que não são referidos pelos agentes em sua produção simbólica. Isto fez com que, para entender a relação com estes, devêssemos procurar por suas relações construídas por meio de outros “caminhos”. E um destes caminhos é a forma de ocupação e distribuição através do Espaço Social.

Os espaços próprios que surgem para as relações pertencentes a estas localidades vão possuir a mesma lógica. Contudo, em uma forma mais limitada e com uma coloração um pouco diferente, já que se abre para as relações locais e para a possibilidade de se desenrolarem dentro deste contexto. Aí, já se marcam também por uma sociabilidade possível, não apenas em termos de grupos, mas de Pessoas. Desta forma, estes locais conectam-se aos seus locais de existência e participam do significado que aos mesmos é atribuído, como também emprestam significados aos mesmos.

Acreditamos que esta seja uma das particularidades do que chamamos aqui de Curto-Circuito. Se a observação começa pela apreensão da distribuição no espaço, ela acaba não se rendendo ao pensamento de que este ofereceria a distinção entre os agentes. Esta distinção é incorporada pela mesma. As possibilidades do agente estão relacionadas com a escolha que os agentes fazem. Quando optam por quererem o reconhecimento de sua participação em Estilo, acabam por inscrever suas preferências dentro deste espaço. Isso não significa que adquire ou que se insere em uma sociabilidade imediata, por não haver um grupo que possua

continuidade o suficiente e que faça a seleção de seus membros, muito pelo contrário, os estilos vêm e vão e os próprios espaços não conseguem às vezes acompanhar estas mudanças.

Seguindo este raciocínio, não estamos separando a periferia do centro. Pela observação de suas posturas, os mesmos não possuem suma diferença entre si, poderiam ser descritos como sendo uma prática, ou o exercício da diferença entre os mesmos. No decorrer dos dias, eles estão presos às relações mais cotidianas e, enquanto estão operando suas ações neste ínterim, orientam-se de forma diferente.

A observação mostra-nos que os mesmos consomem os objetos simbólicos individualmente, o grupo na prática forma-se para ocasiões especiais, ele não existe permanentemente. Entretanto, para o caso relatado acima, não estamos falando do rap, mas do rock. Para este, a forma como ele individualiza-se é mais patente. Os grupos ligados ao rock operam uma forma de apropriação do espaço e dos produtos culturais que é muito particular. Não há uma valorização do espaço de onde os mesmos partem, de suas origens, na verdade, os locais, espaços onde se desenrolam os seus encontros, ganham em valorização na medida em que permitem estabelecer uma diferença em relação aos demais espaços freqüentados por pessoas consideradas de outros tipos, mais especificamente, que não ouvem rock, ainda que se trate de lugares onde não se possa ouvir qualquer coisa, como praças e postos de gasolina. Em shows, quando há shows, as bandas tocam quase que somente covers de bandas consagradas, salpicando algumas músicas próprias no meio da apresentação.

Tentar captar o significado da ação simbólica destes agentes envolve apreender os agentes que, em suas ações, se envolvem diretamente com os tipos de relações que estamos pensando, assim como os agentes que, de forma indireta, se relacionam a estes contextos. Além disso, devemos considerar como significados que são operados pelos agentes e não são definidos apenas pelo que os agentes querem dizer, mas também pelas exclusões que operam,

tanto em termos de discurso quanto de forma silenciosa. Então, para considerar o que significa participar de algo aqui, devemos entender o que não é significado pelos agentes. Pensando o que é uma relação distintiva entre os agentes, muitas vezes o que os diferencia não é a oposição aos elementos distintivos dos outros grupos, mas a não menção aos mesmos.

Podemos ver isso na maioria dos que se relacionam ao rock. Fabio, 18 anos, Morador de São Carlos, fã de rock, sem ter uma banda preferida, pode ser visto, quase todos os sábados, na praça XV de São Carlos. Ele não toca qualquer instrumento, mas acompanha com frequência bandas de amigos e os próprios amigos quando estão nesta praça. Outros jovens, que são rappers, podem ser vistos não muito longe dali, em um posto, na avenida São Carlos. O que importa é que, mesmo sem haver qualquer música neste espaço, quando alguém passar pela frente destes locais e vê-los, irá fazer o que estes jovens esperam, o reconhecimento deles, enquanto parte destes estilos, pelo reconhecimento dos mesmos em relação aos demais jovens que ali não estão. Desta forma, utilizam do espaço, marcando este a partir de sua presença ali. E pela ausência de uma diferença.

Entretanto, devemos considerar que, para alguns destes agentes, o pertencimento a um ou outro não é uma função exclusiva de uma necessidade de distinção, há mais elementos que devem ser considerados para pensá-los. Este é o caso do hip-hop.

Isto só surge como um problema na medida em que, para os contextos etnográficos em que estivemos em contato, esta forma de relação apresentou-se de forma muito patente. Para as três cidades em que nós pudemos ter contato com o hip-hop nós não conseguimos ver os agentes reclamarem-se como descendentes de nordestinos e paranaenses¹⁸⁸. Durante toda a nossa pesquisa, este fato nos incomodou na medida em que, para o caso destes agentes serem filho destes migrantes, este fato não apareceu como sendo algo significante para os mesmos.

¹⁸⁸ Paranaenses para o caso de São Carlos e Ribeirão Preto.

O que pelo contrário, do ponto de vista do “São Carlense” não descendente, muitas vezes isso nos foi verbalizado e usado como sendo o ponto de referência para a classificação destes agentes.

Por conseguinte, a observação deste contexto etnográfico, do contexto social de produção deste estilo musical, percebe-se que os agentes excluem aquilo que fornece aos mesmos uma origem comum, ou uma forma de experiência comum. Buscam na raça e na construção de uma representação da periferia, o estabelecimento das bases para se pensar sua própria experiência¹⁸⁹.

De outro lado, quando passamos a pensar o que é a forma de apropriação do rock, vimos algo semelhante¹⁹⁰. Na verdade, quando falamos do rock assim, desta forma, estamos querendo com isso designar aquelas pessoas que, nessa cidade, não se vinculam a esta experiência de migração, não estão relacionados às descendências nordestina e paranaense. Por conseguinte, se quisermos entender a construção social das diferenças entre estes diversos agentes, devemos passar a compreender de forma diferente o que significa ser rapper e ser roqueiro, nesta cidade. Portanto, o rap e o rock, neste contexto, cedem em parte as qualidades que possuem como esquemas interpretativos da realidade, para se apresentarem por meio de sua contextualização a estes locais como signos de distinção próprios a um campo, como elementos diacripticos.

Neste ponto, cabe dizer que estamos seguindo, em parte, as recomendações metodológicas que são apontadas tanto por Geertz (1997) quanto por Sahlins (1990). Para o

¹⁸⁹ Um ponto não abordado por este trabalho e que deveria ser alvo de alguma reflexão mais pormenorizada é o de como a Raça aparece neste contexto como a base para uma representação sobre a periferia, e como a periferia é uma “base” para a construção de uma representação sobre o Negro. Os estudos deveriam abordar como ocorre a interconexão entre estes dois pontos diferentes e como se sustentam mutuamente.

¹⁹⁰ Neste caso, podemos falar apenas para o caso da cidade de São Carlos. Infelizmente, não tivemos oportunidade de nos aprofundar nesta perspectiva para a cidade de São José do Rio Preto e para a cidade de Ribeirão Preto.

primeiro, quando o problema passa por fazer uma análise da ação dos indivíduos, deve-se, ao máximo, procurar por estabelecer as relações entre a ação e seus significados (GEERTZ, 1997: 56). Segundo o mesmo autor, quando o problema vincula-se a uma forma de Arte, a questão passa a ser a de captar em que medida a mesma faz parte da vida destes agentes (GEERTZ, 1997: 146) e, em que medida ela pode ser pensada por meio de sua conexão com a vida destes agentes (GEERTZ, 1997: 150). Para o autor ainda, esta conexão dá-se em um plano semiótico, já que, para o mesmo, a Arte não pode ser pensada por um viés instrumental.

O Rock, assim pensado, permite lançar uma luz sobre as distinções entre as pessoas no Campo. Durante este tempo da nossa pesquisa, pudemos ver que as apresentações de rock Universitárias não eram ponto de encontro dos que se orientam por este gênero, apesar de que em suas festas os mesmos aparecem vez ou outra. Porém, no geral, quando isso acontecia iam aos mesmos como um bloco e se distanciavam dos demais. Fomos a três festivais construídos pela escola CAASO naquele tempo. E disto pudemos ver que, quando o evento era construído por estes agentes da cidade, o setor universitário possuía mínima participação. O mesmo pode ser dito em relação aos festivais de bandas que ocorreram neste período¹⁹¹. E, não raro, nos dias em que havia bandas de rock tocando no CAASO, encontramos-nos com diversos São-carlenses na Praça Quinze, bebendo e conversando, sem se importarem com o que se passava naquele local. Em relação aos festivais, basta dizer que ocorreram, sem exceção, em fins de semana, fora da agenda universitária, o que não quer dizer que foram excluídos deliberadamente, mas demonstra como sua participação não é considerada para a delimitação do Evento. Estão fora do espaço de possíveis que é construído por estes agentes¹⁹².

¹⁹¹ Também forma três vezes, um por ano.

¹⁹² O CAASO é reconhecido regionalmente como sendo um espaço do Rock. Um de seus símbolos é um Tiranossauro Rex estilizado tocando uma guitarra. O outro símbolo é um porco com uma caneca de cerveja. Este ganha em exposição, em virtude de ser o símbolo do CAASO no TUSCA, referência direta à masculinidade de sua torcida. Devemos citar o caso da eleição de sua Diretoria do ano de 2005. Nesta eleição o debate girou em

A participação em um grupo aqui significa que a escolha operada pelo agente leva o mesmo a colocar-se dentro do Espaço Social, em uma posição que irá caracterizá-lo de uma forma particular. Neste sentido, o pertencimento a um determinado grupo surge, aqui, a partir do momento em que os agentes passam a se diferenciar pelos locais que freqüentam e pela forma que freqüentam os locais. Isto quer dizer que todos, neste caso, participam do mesmo Campo. Neste sentido, se pudermos colocar que a participação em termos de um estilo é algo como a escolha de um signo de distinção, a partir de um sistema de representação maior (o Rock, enquanto gênero), então poderemos discutir esta escolha como uma forma de individuação operada pelos agentes através deste sistema (LÉVI-STRAUSS, 2002: 193). Ser do rock é ser São-carlense roqueiro, fã de metal¹⁹³, freqüentador da praça quinze e dos festivais de fim de semana; significa caminhar com suas relações por dentro dos que assim se definem, mesmo nos eventos que não façam parte do Rock.

Segundo nossa visão, o estilo, enquanto uma forma de elemento de distinção, como um signo pertencente a um sistema, oferece a oportunidade da particularização dentro deste sistema, por parte dos agentes. Ao se utilizarem dos signos para a comunicação, os agentes utilizam-se apenas de uma parte do sentido coletivo que possuem. A significação é função do contexto e da experiência social ao qual se ligam (SAHLINS, 1990: 10).

Desta forma, podemos ver como o momento privilegiado para o estabelecimento destas diferenças são as festas e os espaços que permitem a possibilidade de tais distinções. Assim, a participação no espaço e das relações que marcam tais espaços marca também a Pessoa da mesma forma. O evento, aqui como uma forma de ação, pode criar a possibilidade

torno da volta do Rock as festas do CAASO. A chapa que defendia esta plataforma venceu por uma margem de votos mínima, a outra chapa defendia uma pluralidade de sons e foi identificada como defensora do Fórum Universitário.

¹⁹³ Power Metal (Iron Maiden), Heavy melódico (Blind Guardian), Heavy Metal (Black Sabbath), Black Metal (Samael), Death Metal (Slayer), Doom Metal (Evanescence), Neo Metal (Slipknot/ Linkin Park).

da relação adequada (SAHLINS, 1990: 12). A sociabilidade, do ponto de vista que pensamos, é um trabalho incessante que os agentes procuram estabelecer. Ela não é o ponto de partida dos agentes para a abertura do seu grupo.

Não há algo semelhante a uma identidade, algo que seja transmitido de uma geração a outra, ou mesmo de um grupo a outro de um modo mais geral. Este buraco é, em parte, suprido pela construção de redes de sociabilidades que são fugazes. Acreditamos que o estudo de suas representações, por meio das letras de suas músicas, não nos leva a suas representações, mas a representações do tipo de relações que gostaríamos de estar operando. Referem-se, portanto, a um dever ser. Contudo, a questão não se resolve apenas desta forma.

O rock e o rap aqui aparentemente representam somente dois extremos, o meio termo, que é a grande maioria, não se orienta nestas duas vertentes. Na verdade, sua opção de espaço dá-se por aqueles espaços onde estes dois extremos não participam. O campo de relações, apesar de ser potencialmente mais geral, é ainda mais fugaz que para os outros dois comentados acima, na medida em que não há uma referência que esteja à altura de ser comparada a estas duas em termos mesmo de algo que seja pretendido pelos agentes para si ou para os outros. O que pode ser colocado seria algo como o capital social que advém das relações estabelecidas em oposição aos demais, principalmente ao rock, ao rap e aos estudantes.

Outrossim, ser alguém neste contexto é algo que coloca ainda mais peso nas suas práticas do que para os demais grupos. Assim, ganham peso as ações individuais que colocam a pessoa em evidência dentro deste campo de relações que, na prática, refere-se a construir as relações por dentro do grupo mais ou menos definido, por uma história que só reivindicam na medida em que querem diferenciar-se dos que são, de certa forma, indesejados ao seu campo. Com isto, queremos também dizer que para entendê-los melhor dever-se-ia procurar entender

o que significa a “tradição”¹⁹⁴ nesta cidade, em oposição ao novo –filho dos migrantes– e em oposição ao elemento intermediário e exógeno – estudantes.

Considera-se, assim, o campo social para a delimitação de como os estilos, de certa forma, vão passar a ser uma forma de distinção destes três elementos. Para a tradição, referimo-nos ao São-carlense não migrante, ou filho de migrante, que, de alguma forma, se orienta nos espaços que não se referem aos que comentamos. Estes, inclusive, possuem shows separados dos demais grupos no interior de seu clube¹⁹⁵. O rock, contudo, está definido em parte neste campo. Como dito acima, apresenta-se simultaneamente em dois campos. Contudo, ele difere-se por outro lado. Para este do qual falamos agora, o que vimos foi o Pop-Rock e as derivações do mesmo, mais exclusivistas¹⁹⁶. Enquanto que, no campo universitário, o que se vê é o rock clássico.

O rap, por outro lado, liga-se, ou fecha-se, apenas a um campo, possuindo a identificação do setor universitário. No entanto, não há como dizer que neste existe um setor que aparece como significativo a ponto de levar a cabo uma apresentação de rap dentro de seu espaço e para seu público. Todas às vezes em que este cedeu espaço foram em fins de semana ou em eventos que são próprios do movimento estudantil, onde a maioria dos estudantes não participa. Apesar de não serem fãs do estilo, são simpáticos ao mesmo. Contudo, a participação deu-se apenas destes. Isto pode ser visto por meio do exemplo do evento chamado “quão negro somos”, descrito aqui acima.

¹⁹⁴ Usamos aqui a palavra tradição por falta de uma palavra melhor para definir estes grupos. De certa forma, a palavra atende à expectativa de trazer luz uma Herança Social que não se apresenta na forma de discurso, apenas como forma de relações.

¹⁹⁵ Em certa ocasião, pudemos ver o show do Capital Inicial, de cima de um muro que fica na parte posterior do São Carlos Club e dá para a lateral esquerda do CAASO. A entrada não é impedida a outros grupos, mas o preço desestimula a participação dos demais. As cidades do interior de São Paulo possuem diversos clubes que possuem o mesmo perfil que este que agora comentamos. Como dissemos na parte anterior deste trabalho, a cidade de São José do Rio preto possui um para os descendentes de Sírio-Libaneses, um para os descendentes de Italianos e outro para a elite tradicional não descendente de imigrantes e não descendente de migrantes. A aquisição de títulos destes locais é Hereditária, não há venda dos mesmos para qualquer pessoa.

¹⁹⁶ Trash-Metal, Doom-Metal, New-Metal.

Neste ponto, cabe um paralelo. Aguiar (1998), quando descreve as organizações negras da cidade de São Carlos, deixa claro que as mesmas foram criadas e têm como participantes os militantes deste movimento e seus descendentes. A composição destes são os moradores negros mais antigos e, que se construíram na oposição aos que se construíram por meio do São Carlos Club. Com relação ao rap e ao hip-hop, no geral, relacionam-se com o mesmo da mesma forma como o setor dos universitários. Este quadro de relações está sintetizado ao evento que descrevemos acima, o “Quão Negro Somos....Sem perceber”, na medida em que o rap não é operado aqui pelos filhos dos militantes deste movimento, mas sim pelos filhos dos descendentes de nordestinos da cidade.

Apesar de, em termos de discurso, no que tange a questão da denúncia do preconceito racial e da interiorização do negro na sociedade brasileira, estarem bem próximos, isto não implica que estejam juntos na luta por propostas comuns. Em termos de ação, o rap se restringe apenas à denúncia, não possuindo identificação com a participação em movimentos políticos. Do ponto de vista dos movimentos negros, o rap aparece como um grupo potencialmente revelador e “conscientizador” da juventude negra, assumindo para os mesmos o papel de “vanguarda”.

Do ponto de vista do movimento estudantil, o hip-hop também aparece como uma forma de consciência, mas da condição de miséria da população e da necessidade de mudança, de luta pela superação da condição subalterna das classes populares, construída a partir da vivência que possuem enquanto trabalhadores de uma sociedade capitalista. Tanto as organizações negras quanto o próprio movimento estudantil partem do pressuposto de que a inclusão do hip-hop na sua perspectiva é possível. A idéia por trás disso é trazer para dentro do movimento, construir uma unidade entre os mesmos e suprimir a diferença, como se costuma dizer: unificar as lutas. Do ponto de vista do movimento estudantil, isto significa

suprimir a questão da raça e privilegiar a discussão de classe. Enquanto que, para os movimentos negros, isto significa colocar a questão da raça” como um condicionante da classe.

Por estes motivos, a compreensão da origem social dos agentes é importantíssima. Com esta delimitação feita ao longo do texto e deste capítulo, podemos ver como há uma íntima relação entre as posições sociais ocupadas pelos agentes e suas origens. E a divisão dos grupos tem muito a ver com a forma com que se dividem os grupos na cidade, há uma homologia entre os mesmos que não se coloca apenas na Juventude, a ultrapassa. Isto não significa que haja uma funcionalidade entre os mesmos. A formação dos grupos é uma forma de estabelecer uma gradação entre as pessoas, entre as mais próximas e entre as mais distantes. E, de certa forma, aqueles que se colocam desta maneira acabam por colocar para os que não estão em nenhum campo uma orientação em termos de possibilidade de ação. Pela forma que entendemos estes agentes, tanto em termos do rap quanto do rock, não é possível afirmar, por exemplo, que sua ação possua uma intencionalidade maior do que aquela expressa no fato de freqüentar espaços mais ou menos certos e, repetidamente, que haverá uma seqüência deste tipo de relação para os seus filhos, ou que estes seguem uma orientação da geração anterior. A herança deve ser pensada como algo que é apropriada pelos agentes. Isto parece óbvio, mas entender como isto se dá não é.

Hobsbawm & Ranger (1997) oferecem a oportunidade de se estudar algumas práticas que não são antigas, mas que assumem este papel para que, de alguma forma, se constituam como uma tradição. De seu ponto de vista, são três as formas de tradição inventadas: a primeira, que simboliza a coesão de um grupo, ou admissão de um grupo a uma comunidade ou como uma comunidade; a segunda, que estabelece ou justifica status, ou a relação de

autoridade; e a terceira, que seria aquela forma de tradição que procura estabelecer a construção de padrões de comportamento e valores.

Aqui, os agentes que estamos qualificando como pertencentes a esta distinção, que qualificamos como membros da tradição na Cidade de São Carlos, não diferenciam dos que estão no rock ou no rap apenas por símbolos de distinção, mas, sobretudo por reclamarem-se como diferentes por meio das relações que possuem. Não trazem do passado, das gerações anteriores, elementos que pertenceram a elas, mas trabalham um quadro limitado de relações inter-pessoais muito local, que acaba por valorizar esta particularidade. Participar das festas e de certos espaços para estes não é a afirmação de sua participação em um estilo. O que mais importa é este quadro de amizades e possibilidades, aberto por estes caminhos.

Desta forma, percebemos a segunda qualidade incorporada do que vínhamos chamando de curto-circuito, a partir dos agentes. Parece haver um descolamento entre o que o evento quer significar e o que os agentes esperam dos mesmos. Quando não querem ser associados aos mesmos, ou seja, quando consideram que o evento está carregado de simbolismo, não os veremos dentro destes espaços. Aparentemente, eles parecem valorizar mais o evento em si do que se distinguirem simbolicamente por meio dos mesmos ou de algum espaço, parecem preferir apagar as diferenças. Este é o caso, por exemplo, da Festa do Clima.

Este evento ocorre todos os anos na cidade de São Carlos e, em tese, se destina a todas as pessoas da cidade. Para a forma de relação que encontramos, conforme descrevemos nos eventos observados por nós, quando estes são destinados a todas as pessoas, acabam por perder de vista uma identificação com o público mais geral que vai a estes lugares, como foi o caso da eleição da Princesa e Rainha do clima, que nos diz bastante sobre este processo. Tudo ocorre sem que haja referências explícitas à origem social e ao campo simbólico dos

participantes. Quando há a referência, quando se convida os grupos de rap, estes figuram como eventos marginais e não são colocados como o centro da festa. O centro da festa não possui uma identidade, supostamente era para atingir a todos ou, de alguma forma, criar aí uma forma de tradição. Contudo, para o grupo mais geral, ela não possui qualquer sentido, já que as concorrentes não possuem qualquer relação com o público visitante que passa indiferente ao lado deste evento e é tratado com indiferença pelos que dele participam. Neste sentido, a participação do grupo que colocamos aqui como tradição da cidade, depende muito de ele oferecer a possibilidade da distinção para os demais agentes que dela participam. Do contrário, o evento é esvaziado pelos mesmos. Estes não apenas se colocam de forma distinta, suas ações são em direção a que todos os reconheçam como distintos, como diferentes dos demais. A participação no momento da premiação da Princesa e da Rainha, e não dos Shows de Hud & Hobson, Guilherme e Santiago, faz-nos pensar mais uma coisa: integrar-se a este público neste momento é, de alguma forma, participar de lócus simbólico que os mesmos procuram se distanciar e, aqui, estabelecer-se-ia uma igualdade, quando na verdade o que esperam é a distinção.

Com isso, pensamos que o quadro de relações inter-pessoais que estes demonstram querer manter parece ser mais importante e, não participar dos eventos onde outras pessoas possam utilizar algum conceito para abrir o quadro de relações, seu espaço de trocas, parece ser de suma importância para estas pessoas. A personalidade que querem imprimir nas suas relações contrasta com a impessoalidade que vigora entre os demais participantes deste evento. Aqui chegamos a dois pontos de vista diferentes sobre este evento e que podem ser estendidos a outros eventos de igual característica. De um lado, vemos um conjunto de pessoas que procura não se identificar com qualquer elemento que participa destes eventos,

tanto do som quanto dos participantes do mesmo. De outro, encontramos os demais participantes.

Pode-se, aqui, aventar sobre o fato de que se fosse um Show de uma outra banda mais identificada com a classe média, ou mais identificada com a Indústria cultural, não poderia ter um evento diferente. Comentaremos, por meio do Show da Banda Ira¹⁹⁷, este ponto. Também esta banda apresentou-se na cidade de São Carlos, em evento promovido pela prefeitura da cidade, em circunstância da re-inauguração do Estádio de São Carlos. Outrossim, o evento deu-se do lado de fora do estádio, no estacionamento e não dentro do mesmo. A participação deste show foi basicamente da mesma forma que descrevemos os outros eventos, marcada pela população que vem do que se convencionou, aqui, chamar de periferia e dos bairros adjacentes, ou seja, a mesma que encontramos nas “Festas do Clima”¹⁹⁸. Podemos, com isto, contrapor Maria Rita a MVBill. Para o Show da cantora, realizado dentro do distinto ginásio, a participação foi contrária à anteriormente citada, deu-se pelos Estudantes e pelas figuras mais socialmente distintas da cidade. Enquanto que, no show do Rapper Fluminense, se deu pelo setor francamente oposto, dos grupos de Rap e das pessoas que se identificam com esta forma musical. Aqui não está incluído o setor que fica entre estes dois setores, que se aproximam mais da tradição.

Com isso, não queremos dar a entender que o Simbólico apareça como uma forma instrumental para os agentes na medida em que o usam para estabelecer distinções entre os mesmos. O que deve ser percebido dentre estes eventos e dentre estes signos de distinção é a

¹⁹⁷ Banda da década de Oitenta, famosa por sua contribuição na construção do que se chama Rock Nacional. Possui profunda identificação com o legado musical deixado por Raul Seixas e com Bandas como Plebe Rude, também da década de oitenta. Atualmente, faz lançamentos de seus CDs na MTV e aparece em quase todos os programas populares dos canais de televisão abertos. Por outro lado, possui íntima relação, desde sua origem, com um Ideal Nacionalista, utilizando-se de referências ao ideal de uma identidade Paulista, tema muito caro aos Neo-Nazistas e aos Carecas do Estado de São Paulo. Utilizou referências claramente anti-nordestinas, contrárias à migração nordestina, em seu início de carreira.

¹⁹⁸ Podemos afirmar o mesmo para o show de ZeZé de Camargo e Luciano, também assistido por nós e realizado no mesmo local, no mesmo ano, mas em outras circunstâncias.

operação que é construída e que lhe dá sentido, que está na base deste processo. Muito menos queremos dizer que o Simbólico apareça como sendo uma forma de encobrir as posições sociais ocupadas pelos agentes, herdadas em função de estruturas a que pertenceriam. O simbólico é central justamente porque é por causa dele e por meio dele que se estruturam os grupos.

Se a partir disso deduz-se a diferença, é porque os agentes revelam-se simbolicamente como portadores de diferenças que se incorporam a estes locais e a estes estilos. A manifestação da diferença dá-se na medida em que escolhem aquilo que querem significar e aparecer como sendo seus e aquilo que não querem para ser identificado com eles. Esta escolha não é de uma única coisa, mas sim de um conjunto de coisas que não devem aparecer em seus eventos, em seus shows, nos bares, nos postos, nas praças que freqüentam. De um lado, todos que estão no rock, sejam universitários ou pessoas não descendentes de migrantes da cidade, não terão como elementos o hip-hop¹⁹⁹. E, da parte destes, o mesmo acontece. Entretanto, vê-los-emos muitas vezes no mesmo espaço, não por falta de espaço ou condição financeira, mas porque a demarcação da diferença coloca-se como uma forma de afirmação da própria pessoa neste meio. Por isto, ir a shows e ver a todos presentes separados não apenas mostra a fratura que está colocada entre os agentes, mas demonstra como as construções dos próprios estilos ligam-se à estrutura do espaço social que esta aí colocada. A presença vista como indesejada, mas sempre recorrente, leva-nos a pensar isto como uma forma de lembrar a sua própria existência. Este ponto faz-nos pensar em Bourdieu (2003), quando este diz-nos sobre a incapacidade de excluir daquele que é excluído e, com este ponto concordamos. Devemos ressaltar, também, a incapacidade dos que excluem de efetivamente excluir, a não ser pelo comportamento e pela construção de novas formas de distinção. Desta forma, tudo o

¹⁹⁹ Referências à Periferia, à questão Negra, à questão Nordestina.

que fazem deve aparecer como único, o máximo possível, desde as roupas até os carros, passando pelas formas de relacionamento, ou por excluir da possibilidade de estarem colocando as possibilidades de que pessoas que venham de grupos diferentes estejam tornando-se compromissadas, seja como ficantes, como namorados, ou ainda, como casados.

Aqui, portanto, chegamos à qualidade mais patente para nós do que viemos chamando de curto-circuito. Este se apresenta na medida em que, Simbolicamente, duas coisas muito diferentes podem coabitar um mesmo espaço. Apresenta, na medida em que os agentes não acham estranho haver, ou se traçar, uma continuidade entre, por exemplo, o Art Popular e o MVBill. Por continuidade, não se deve entender mistura. Simbolicamente, servem a todos que ali se encontram como formas possíveis da distinção destes agentes. O mesmo se diz aqui entre Art Popular e Hud & Hobson, ou Guilherme e Santiago. Os agentes podem aí manterem-se como diferentes a partir de seus elementos distintivos e, ao mesmo tempo, admitir a possibilidade de relações entre os que dali participam deste evento. Participar do evento deve-se entender como partilhar do centro do evento, de sua profusão simbólica, é como participar de uma mesma substancia simbólica. Destarte, não se deve esquecer que, mesmo havendo esta continuidade que julgamos ver, nenhum dos mesmos ocupa o centro da festa ou evento. Quando algum dos agentes julga que este já está ocupado, preferem o lado de fora, ou ainda, as margens do evento, ou ainda, não vão a este evento para não haver aí continuidade, para não participar do espaço de possíveis²⁰⁰.

Com isso, entendemos também que, para os momentos em que não há música, o que conta é se estas pessoas estão dentro deste espaço de possíveis. Não se deve confundir o seguinte ponto: não são o Rap e o Pagode, como estilos, que estão em continuidade, mas sim

²⁰⁰ Inserir-se em um evento em que está delimitado de antemão quem é o Central parece passar uma imagem de sujeição. Uma das formas que, freqüentemente adotada por algumas pessoas, é recorrer à violência contra estes que são aqui chamados de centro da Festa, para rearranjar o Centro e se colocar dentro do mesmo, dando aí uma nova configuração à sua participação e à participação de todos os outros que ali se encontram.

as pessoas. Isto parece ser uma particularidade, uma qualidade fruto da re-significação que tanto o Rap quanto o Pagode sofrem localmente. Temos que ver a preferência entre ambos como sendo paralelas e considerar os silêncios que daí decorrem.

O que se refere aqui como prática fica mais clara se consideramos estes silêncios que ficam escondidos nas preferências dos agentes. O não fazer, o não escolher algo, o não participar de algo, o não ir a um lugar, tudo isso são formas de prática e deixam claras as distinções e as preferências. Parte das preferências dos agentes não está definida no interior da própria produção simbólica dos agentes e nas suas ações.

A palavra tradição, escolhida por nós, esconde um pouco a real dimensão destas pessoas. É necessário ver que estas diversas distinções devem ser pensadas como um conjunto que se opõe tanto ao setor universitário quanto ao hip-hop. Há um conjunto de coisas que ficam internas a estes e que deveriam ser mais bem estudadas. Contudo, achamos que, de alguma forma, descrevemos e deixamos clara a importância desta dimensão para cidades que agora tem que lidar com uma diferença que, antes, décadas atrás, não existia para as mesmas. Este processo dá a impressão de uma relação do tipo estabelecidos e outsiders. As possibilidades que abrem contanto fazem-nos crer que se não os víamos dessa forma podemos caminhar para uma melhor compreensão destes jovens.

Destarte, esta forma de compreensão deste campo empírico a que nos referimos aqui possui muito mais a cara de São Carlos, embora acreditemos que a cidade de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto não possuam grandes diferenças em termos gerais do que aqui defendemos, tanto que usamos de dados etnográficos destas duas localidades para pensarmos em São Carlos. Gostaríamos de demonstrar com mais dados esta particularidade que julgamos fazer parte das três cidades citadas. Futuramente, faremos isso. Contudo, não achamos que este modo de compreender possa ter uma validade maior que o campo empírico ao qual ele se

aplica. Para podermos encerrar nossa discussão, faremos logo abaixo algumas considerações sobre como pensamos os Estilos e como se articulam os circuitos, os curto-circuitos e o que, lá atrás, chamamos de campo simbólico.

4.2 Entre o Circuito e o Curto-Circuito

Para finalizar, faremos uma pequena exposição destes pontos para poder dar uma cara final ao que são estes jovens e o que é este processo operado nestes locais. De início, pensávamos que poderíamos ligar uma forma de pensamento e de sociabilidade como sendo particular a estes estilos musicais, sendo que, para cada localidade destas do interior de São Paulo, elas assumiriam uma particularidade própria devido ao fato de existirem grupos diferentes em cada um destes locais, incorporando elementos para se distinguir de outras formas de sociabilidade jovem e, sendo também, por meio destas incorporações que se operaria a tal re-significação destes estilos.

Não são os estilos que incorporam pensamentos e formas de ser locais, mas o contrário disso. São os estilos que servem para uma lógica própria destes locais. Isto pode ser demonstrado na medida em que, como campo simbólico, eles não conseguem estabelecer a sua Autonomia nestes locais. De um ponto de vista mais geral, como são elementos desta lógica, passam a dar a estes campos o movimento, a dinâmica para a sua continuidade, não obstante a ação dos grupos ligados ao rock como também ao hip-hop, de agir neste sentido. As dificuldades neste processo podem ser demonstradas.

Segundo o que pensamos, as condições sociais para que surja este contexto de produção de diferenças particular, estão dadas no fato de que, para os rappers, não há interesse em capitalizar sua própria história particular e familiar, ou seja a trajetória social e também, por não haver, por parte dos mesmos, qualquer outro referencial simbólico que se

apresente a eles como uma forma de melhor servir à sua interpretação da realidade. Há ainda, por outro lado, o fato de haver um conjunto de pessoas, grupos e organizações que procuram se diferenciar dos que de alguma forma participam do local de origem destes e, simbolicamente, de tudo que a eles é associado. Distanciam-se da idéia de periferia, do rap, ou de toda as formas ditas populares, inclusive das festas populares. Isto, em parte, contribui para que possamos pensar como os rappers e roqueiros relacionam-se com o campo simbólico próprio dos estilos a que professam. Porém, isso se dá de uma forma particular.

O primeiro ponto é o fato de estes estilos deveriam conseguir construir, de alguma forma, certa independência econômica e financeira para que pudessem estar realizando seus pensamentos e seus estilos (BOURDIEU, 2003: 100). E, de certa forma, se conseguissem, seria estranha a forma como ocorrem as relações entre estes jovens, como já falamos acima. Conforme demonstramos, de forma alguma qualquer coisa neste sentido pode ser vista em termos de qualquer estilo. Do ponto de vista do hip-hop, seus grupos organizam-se localmente. E, como falamos acima, não há encontros regionais e nem mesmo os participantes se organizam para visitar shows em São Paulo, ou qualquer outra capital. Isto dá uma cara mais local a estes grupos, mas não quer dizer que estejam isolados dos demais. Com os grupos maiores, que às vezes conseguem ir até outras cidades, eles fazem a ligação por meio de suas Letras. Ideologicamente, defendem que sua proximidade se daria por sua suposta condição comum de excluídos do processo econômico, por viverem as condições de periferização em comum e pela volta daquilo que é chamado de uma forma de ser negro.

A possibilidade das bandas de rap lançarem CD's independentes é muito limitada. O acesso às grandes gravadoras é limitado, bem como às pequenas gravadoras independentes. Não vimos, em momento algum, o acesso à estas pequenas gravadoras e nem mesmo elas apareceram em qualquer uma das cidades citadas, para fazer qualquer forma e trabalho. Uma

única vez em que tivemos notícia de algo assim foi no caso de algumas pessoas de São Carlos que, de forma independente, juntaram-se a elementos da Prefeitura, da Secretaria de Educação, e montaram um CD, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos, por meio de seu departamento de Imagem e Som. Todas as outras formas de apresentação do hip-hop foram em parceria com prefeituras. Em São José do Rio Preto, ocorreram durante os Festivais de Teatro Internacional da Cidade. Com exceção destes momentos, não presenciamos qualquer outra apresentação de caráter independente destes grupos por lá. Em Ribeirão Preto, só tivemos notícias, e deste evento pudemos participar, quando houve a Feira do Livro desta cidade. Fora este, mais nenhum. Em São Carlos, também somente em eventos da Prefeitura ou eventos apoiados por Ongs (como o “Quão Negro Somos”) e a prefeitura, como também foi o caso do 13 de Maio.

Compreender este ponto e a relevância disto só é possível se pudermos ver como os grupos locais incorporam símbolos, ou signos, para a distinção de seu Sistema de Referência e os unem a uma lógica local. Devemos, portanto, deixar mais claro o que são estas relações entre os grupos, que são diferentes das relações entre estilos. Só são diferentes porque, para o local, a diferença parte de uma outra matriz e é colocada para os agentes. Os mesmos, ainda que por meio do rap tentem separar-se daquilo que é a história de suas famílias, ao assumir o discurso negro são vistos pelos outros grupos da cidade como nordestinos. Do ponto de vista do Poder Público, estes são apoiados na medida em que se assumem como representantes do hip-hop. Os mesmos entram para os espaços que lhes são cedidos, emprestados, ou que são convidados a irem utilizando-se destes elementos para afirmar-se como grupo. Para tanto, dependem de assumir aí componentes que partem do ponto de vista mais geral, do rap em si. No caso, então, devemos considerar que o rap, como um sistema de representações, e os diversos pontos espalhados pelo Estado (aqui para o caso desta dissertação) são componentes

do campo simbólico. A localidade aqui passa a ser vista por nós como um dos componentes do circuito do rap no Estado. De um ponto de vista macro, o rap possui a autonomia enquanto campo simbólico justamente porque as grandes bandas podem passar por estes locais e ter a garantia do público. Isto atende a outro ponto, o de que para ter esta Autonomia, depende-se da diversificação de seu público (BOURDIEU, 2003: 101). A diferenciação social de um público consumidor, colocada como uma exigência para afirmar esta autonomia, só é possível do ponto de vista macro, não só em termos de cidade, mas porque, para as localidades a que nos referimos aqui neste estudo, participar do rap significa de forma não assumida ser um descendente de nordestino. Essa classificação é operada por boa parte dos São-carlenses e Rio-pretenses, como forma de desclassificação, conferindo a isto um valor negativo.

Outrossim, este valor negativo é uma operação Local, ele não é verdade para o campo do rap como um todo, é uma classificação local. O valor positivo da participação no rap é a forma de tentar escapar a esta classificação. Portanto, a operação local deste valor leva a uma diferenciação do próprio valor positivo que o rap como um todo oferece. Neste caso, então, podemos ver como existe uma diferença entre o plano global e o plano local. Esta lógica local é o próprio fator limitante para que estes grupos não consigam aqui estabelecer a sua autonomia. Na medida em que os estilos possuem este significado atrelado à sua afirmação, a declaração de pertencimento no grupo e a diferenciação dos produtores e dos consumidores destes estilos também fica limitada. Este é outro ponto levantado por Bourdieu (2003), para que se possa discutir a autonomia de um campo. Disto decorre então a pergunta: se não é um campo simbólico são o quê?

Estes mesmos pontos levantados acerca do campo simbólico são base, também, para discutirmos o circuito. Este conceito provém de Magnani (1996) e acima já nos referimos a este autor. Decorre que, segundo o que pensamos a partir de seu texto, para que possamos

falar de um circuito aqui, deveria haver para cada estilo considerado um caminho por onde poderíamos seguir os agentes. Digamos que o circuito não significa apenas lugares interligados pelo pertencimento a um estilo ou a alguma dimensão simbólica qualquer, que não se restringe apenas a bares ou casas de shows, mas incluem praças e/ou qualquer outro local que possa servir a este fim. Mesmo assim, não pudemos ver, nem em São Carlos nem em qualquer das cidades que fomos visitar, um circuito assim estruturado, de qualquer que seja o estilo de música.

Os espaços não se delimitam como sendo próprios de um estilo. Simbolicamente, não se apresentam como sendo parte de qualquer um deles, na verdade, afastam-se do que dentro deste local consideramos como sendo os extremos, o rap de um lado e o rock de outro. Inclusive, já deixamos isso nas entrelinhas, mais acima, o que não significa que, com isso, ele se torna neutro. O que ocorre é justamente o contrário, esse esvaziamento simbólico impede que se estabeleçam relações tanto com o rock quanto com o rap. Não que quem seja partícipe destes universos Simbólicos tenha a intenção de freqüentar muito estes locais.

Tanto os roqueiros quanto os rappers aqui se orientam de outra forma. Apesar de não conseguirem colocarem-se dentro da agenda mais geral do rock e do rap, eles utilizam-se de elementos destes para se colocarem diante dos demais jovens. Desta forma, eles atualizam tanto o universo do rock quanto do rap, justamente porque, socialmente e culturalmente, são diferentes dos que consomem estes sons nas capitais do Brasil. A particularidade de usar o rap e o rock como linguagem em São Carlos, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto permite que, no local, se estabeleça uma continuidade em termos de linguagem entre o universo do rap e do rock. Usar como linguagem não refere-se a usá-los como uma forma de apreensão de representações.

Voltando a Magnani, (1996) o lugar onde faz sua pesquisa talvez ofereça mais oportunidades para que se veja a diversidade de pensamentos e costumes. A diversidade parece ser um elemento desta cidade de São Paulo. Aqui, segundo o que pensamos, não parece ser comum, ou corrente, retratar uma cidade do interior como sendo também local de experiências diferentes, em termos de credos e costumes. Trabalhar lá e ter como objeto estas diferenças parece mais propício porque, ali, se pode descrever esta diferença em termos de pensamento dos atores. Acreditamos que não seja bem essa experiência de diversidade que estamos querendo aqui descrever, por meio destes jovens. Estamos vendo a diferença não a partir de espaços diferentes, mas, muitas vezes, do mesmo espaço, o que implica que estes jovens do rock e do rap não lidam com a diferença como algo que está fora de seu espaço, em outro local, outro circuito, mas sim dentro do próprio espaço. Aqui, para São Carlos, isso implica no fato de que não surgem circuitos diferentes e que a convivência destes jovens baseia-se em uma mesma experiência, uma experiência diferenciada, já que cada um se apresenta nela segundo uma forma de identificação diferente, uns como rappers, outros como power metal, outros como nenhum dos dois. Esta experiência significa que, empiricamente, estas classificações estão relacionando-se dentro de um mesmo campo, mesmo havendo momentos em que estes se separam.

Quando ocorrem estes eventos que os separam, percebemos mais claramente o tipo de relações que participam. Nos shows, em lugares como o São Carlos Club, em São Carlos, onde vimos o Capital Inicial e como o de Maria Rita, no estádio Miltom Olaio Filho, vimos estes rappers e outras pessoas ficarem do lado de fora, sem entrar no evento. Da mesma forma, vimos que tanto os Rappers quanto os Roqueiros freqüentam os Bares e as casas de Shows da cidade, onde tocam bandas pequenas da cidade. Esta participação, do nosso ponto de vista, faz com que a diferença não surja de forma radical. Não deixa que os espaços

tornem-se radicalmente diferentes uns dos outros, não deixa que os mesmos tornem-se simbolicamente diferentes uns dos outros. Isto não abole a diferença, este tipo de experiência mantém-na como interna. Não surgem, então, espaços separados, circuitos diferentes que se avizinham. A tensão é própria deste espaço etnográfico e alcança a todos os espaços, pois sempre se vive à eminência de que aqueles que são vistos como indesejados apareçam.

Esta forma de relação contrasta com os eventos que são destinados a todas as pessoas, como a Festa do Clima, devido à não participação do elemento aqui chamado como tradição, ou seja, aqueles jovens que não se referenciam nem no rock nem no rap e são, na sua maioria, São-carlenses avessos aos eventos populares, membros das famílias mais antigas na cidade²⁰¹. Isso ocorre justamente porque não surge, a partir do que se chamaria de periferia de São Carlos, uma diferença, também radical, em relação aos setores tradicionais da cidade. Por outro lado, como já falamos, simbolicamente, estes não se identificam plenamente com o evento. Estes eventos são vazios de significado. Em eventos como o “Quão Negro Somos”, realizado pelo setor estudantil, que pretendia superar estes imbróglis, não conseguiram superar nem a tensão e nem a diferença entre todos. Como vimos, este setor tem tradição em tentar suprimir toda e qualquer diferença para propor algum novo tipo de igualdade²⁰².

O evento do qual participou MVBill, em São Carlos, e que procurou tratar o rap simultaneamente como sendo uma forma de expressão da juventude e como forma de expressão da cultura afro-brasileira, ou seja, não colocando nos termos de ele ser representante de uma forma de linguagem da periferia, conseguiu fazer surgir uma diferença radical, ou pelo menos semelhante ao que Magnani (1996) descreve em termos de circuitos. Não surge uma experiência em que podemos nos apoiar que seja fundamentalmente diferente

²⁰¹ Como já dissemos, estes não são compostos apenas pelos membros das famílias mais abastadas, mas também pelo que se poderia chamar de classe média e pelo amplo setor popular, que já esta na cidade há mais de uma geração. Em comum, estes têm apenas o fato de não serem descendentes de nordestinos e paranaenses.

²⁰² Para ver uma crítica mais detalhada desta qualidade do movimento estudantil, ver Ortiz (1988).

das outras vividas pelos jovens na cidade. Podemos citar, para apoiar este fato, o festival de rock de Araraquara realizado no dia do rock, em 2004. Pelo prospecto do evento, a Prefeitura desta cidade já indicava que colocava o rock como sendo uma forma de expressão juvenil. As bandas que lá tocaram eram, em sua maioria, da própria cidade. Fechou-se o evento com um show de Wander Wildner. Os participantes do evento não se restringiram apenas a jovens e etc como nos outros acima relacionados, não aderiram os jovens relacionados ao rap nem os jovens em geral.

Retiramos este evento da gaveta também para poder fechar esta discussão. O fato de estarmos advogando que, pela observação de nosso campo etnográfico, não podemos afirmar a existência desta diversidade significa que os mesmos podem ser tratados separadamente, não como parte de um mesmo campo simbólico, mas a partir desta experiência que vivenciam em uma mesma comunidade de significados (SAHLINS, 2003)²⁰³, ou qualquer representante de uma mesma comunidade ou de qualquer conceito que leve a este pensamento. E, como vimos, nem mesmo em relação à geração de seus pais devemos pensar que isso seria possível. Por outro lado, devemos entender como se dá esta mudança, a saber, de como o pano de significação desses jovens não inclui aquele que é pertinente a seus pais. Então, mesmo se considerássemos que os rappers e a geração que os precede participam de uma mesma comunidade de significação, deveríamos ainda dizer que eles representam apenas uma pequena parte desta localidade. Também não significa que neste campo o fundamento seja uma experiência enquanto juventude, que todas estas formas de diferenciação estejam pautadas em jovens, apenas. Como já dissemos acima, esta qualidade não consegue criar

²⁰³ Segundo o que pensamos, Sahlins, com esse conceito, quer fazer menção a uma realidade empírica onde os conceitos formam, de alguma maneira, uma sistematicidade, permitindo que possa pensá-la sob a forma de um sistema. Como já enunciamos antes neste texto, preferimos o conceito de Campo Simbólico porque permite não cair em debate entre comunidade X sociedade. Não pensamos que este autor caia nesta chave, mas, se utilizássemos seu conceito, com certeza cairíamos. Menciona-se este conceito aqui apenas para ilustrar nosso pensamento.

identificação, nem criar uma igualdade entre estes jovens. Ser parte de uma mesma geração não quer dizer que se vive uma experiência de forma igual, nem quer dizer que se pensa o rap e o rock como sendo igualmente experiências jovens. Ser jovem não supera a diferença em que se vive cotidianamente. Este ponto é muito importante porque, como dissemos em relação às gerações anteriores, os rappers não possuem identificação. Com isso, não podemos vir a partir desta categoria de juventude, ou seja, do fato de pegarmos estes conceitos, não por meio de experiências diferentes que se confrontam, mas como parte de um mesmo campo simbólico. Acharmos que estes fatos acima demonstram como a sua re-significação permite que a diversidade destes sirva à diferenciação dentro de um mesmo campo. Portanto, o curto-circuito, segundo o modo como o vemos, é a forma como esta experiência apresenta-se em nosso campo etnográfico. É a imagem de como os estilos musicais: o rap, o rock etc servem a fins diferentes do que vemos em outras cidades, como São Paulo, por exemplo. Ser negro, ser rapper, ser power metal, ser black metal etc, tudo isso participa do mesmo campo simbólico e é o primeiro passo para desvendar o universo simbólico próprio, que está além deste campo empírico ao qual nos referimos. Devemos entendê-los então como parte do mesmo Campo e procurar o significado relacional que assumem aqui nesta localidade. Gostaríamos de nos estender mais e entrar nessa questão que seria ver como os significados mais gerais, pertencentes ao universo do rap e do rock atualizam-se nesta localidade. Infelizmente, isto daria mais uma dissertação. Esperamos que com essa discussão feita aqui possamos ter levantado a bola para que outras pessoas consigam fazer este trabalho.

Anexo I

Nasce um Herói? São Dimas/2’Pac e a Vida Loka

Este excerto existe nesta dissertação com apenas um objetivo: levantar uma reflexão mais livre sobre um fato comum no campo empírico que visitamos. Destarte, se fossemos incorporá-lo em nosso texto, também teríamos de dar conta de outras representações que são igualmente importantes. Como desejamos apenas realizar algo mais solto, decidimos deixá-lo em termos de anexo para que outras pessoas, caso se interessem por este caminho, tenham a nós como um apoio, ainda que limitado, reduzido. Aqui lançamos apenas uma parcial sobre o que acreditamos ser uma parte mais nova do universo simbólico do hip-hop nacional e sua conexão com o cenário americano. Mais especificamente, este texto baseia-se em dois conceitos que estão presentes em apenas um CD do grupo Racionais’MCs, para se ter uma idéia da limitação deste texto. Ao mesmo tempo, ele dá a idéia de qual seria o caminho se seguíssemos pelas representações de um único universo simbólico, de como nos afastaríamos de nosso campo empírico. Contudo, nas mais variadas vezes, andando pelas ruas, vimos camisetas e carros inscritos com os dizeres 2 Pac, Vida Loka e São Dimas. É sobre estas representações que aqui nos debruçamos.

É comum ver, nos mais diversos locais, pessoas que usam camisas de um rapper americano chamado 2PAC²⁰⁴. Nós mesmos pudemos ver em todos os shows que fomos presenciar, desde o Ira até Guilherme e Santiago, pessoas com camisetas deste Americano. Este rapper negro, de origem latina, estabeleceu-se como cantor ao construir dentro dos esquemas que a pobreza oferecia naquele país, ou seja: entre o crime e a música. Assume a

²⁰⁴ O nome do Cantor é uma referência a Tupac Amaru, líder de origem indígena, pertencente a uma dinastia Inca que, no entanto, possuía título de Nobre e, em 1780, liderou uma Sublevação do Baixo Peru (atual Peru) contra a Coroa Espanhola que durou dez anos. Reconhecido como Revolucionário na América, ele pretendeu reestabelecer o Império Incaico (MESA & GISBERT & MESA GISBERT, 2003: 267).

musica quando organizou gravadora uma independente para agregar os pretendentes a cantor e não deixá-los participar dos esquemas que seriam colocados pela criminalidade²⁰⁵. 2PAC sofreu diversos atentados até ser morto em 1993. Desde então, virou referência de superação, de redenção e de negritude, do que chamam de Vida Loka. É comum ver adesivos enormes em diversos carros com esta inscrição, que não se referem apenas a este Cantor, mas a um conjunto de pessoas. Abaixo, primariamente, a referência de negritude e, depois, sua correspondência com outras pessoas, exemplos de Vida Loka e de Negro Drama:

“... crime, futebol, música, caraio,
eu também não vô consegui fugi disso ae,
eu só mais um, Forrest Gump é massa,
eu prefiro conta uma história real,

vô conta a minha....

daí um filme, uma negra, e uma criança nos braços,
solitária na floresta, de concreto e aço,

veja, olha outra vez, o rosto na multidão,
a multidão é um monstro, sem rosto e coração,
em, são paulo, terra de arranha-céu,
a garoa rasga a carne, é a torre de babel,

família brasileira, 2 contra o mundo,
mãe solteira, de um promissor, vagabundo,
luz, câmera e ação, gravando a cena vai,
um bastardo, mais um filho pardo,
sem pai, ei, senhor de engenho,
eu sei, bem quem é você,
sozinho, se num guenta,
sozinho, se num guenta a pé,
eu disse que era bom,
e a favela ouviu, la
também tem whisky, e red bull,
tênis nike, fuzil, admito,
seus carro é bonito, hé, eu não sei fazê,
internet, video-cassete, uns carro loco,

²⁰⁵ Deve ficar claro que a “história de 2 Pac” aqui relata é uma versão da mesma. Não parece haver como provar estas informações, portanto, conservam apenas o valor no fato de serem passadas a diante como se fosse verdade. Existem outras versões onde o cantor não é o herói, mas o vilão. Nesta, o herói é outro rapper, também americano, chamado Notorius B.I.G. por este motivo, encaramos a versão trabalhada neste excerto como possuindo o valor de um mito. Justamente porque o rap brasileiro escolheu 2 pac como herói.

atrasado, eu tô um pouco sim,
tô, eu acho sim, só que tem que,
seu jogo é sujo, e eu não me encaixo,
eu sô problema de montão, de carnaval a carnaval,
eu vim da selva, sô leão, sô demais pro seu quintal,
problema com escola, eu tenho mil,
mil fita, inacreditável, mais seu filho me imita,
no meio de vocês, ele é o mais esperto,
ginga e fala giria, giria não dialeto,
esse não é mais seu, hó, subiu, entrei pelo seu rádio,
tomei, se nem viu, nós é isso ou aquilo,
o que, senão dizia, seu filho quer ser preto,
rhá, que irônia, **cola o pôster do 2pac ae,**
que tal, que se diz,
sente o negro drama,
vai, tenta ser feliz,...” (RACIONAIS, 2003)²⁰⁶

Esta música aqui tem de ser olhada não pelo que representa em um plano maior, enquanto de uma banda conhecida e reconhecida pelo campo, deve ser entendida pelo tema da superação individual e da superação enquanto raça de seu drama, ao mesmo tempo em que é a denúncia desta condição em que vivem. Coloca esta condição por meio deste símbolo, 2Pac, exemplo de Negro Drama, como exemplo da conduta correta. E é por meio deste que a aproximação com outros Símbolos da mesma condição é feita, como segue o trecho de Jesus Chorou abaixo:

“ Vermelho e azul, hotel, pisca só no, cinza escuro do Céu
Chuva cai lá fora e aumenta o ritmo
Sozinho eu sou agora o meu inimigo íntimo,
Lembranças más vem, pensamentos bons vai,
Me ajuda, sozinho penso merda pra caráio,
Gente que acredito, gosto e admiro,
Brigava por justiça e paz levo tiro:
Malcolm X, Gandhi, Lenon, Marvin Gaye,
Che Guevara, 2pac, Bob Marley,

²⁰⁶ Trecho de “Negro Drama”. Grifo meu.

E o evangélico Martin Luther King.

Lembrei de truta meu fala assim:

- não joga pérola aos porcos irmãos, joga lavagem,

Eles preferem assim, se tem de usar piolhagem?²⁰⁷

Estas pessoas agora são elementos da identificação destes grupos nos mais diferentes locais. São símbolos da Vida Loka para todas as periferias das grandes cidades. Neste trecho, aparece novamente 2pac, agora ao lado de outras pessoas que, como estes, foram assassinada de forma injusta²⁰⁸. A música chama ao fato de que “todos que conhece gosta e admira terem tomado tiro (RACIONAIS, 2003)”. Este fato, levantado na música, leva à aproximação com a realidade dos mais diversos locais onde a morte violenta é um problema, para se aproximar das mortes das mais diversas pessoas anônimas nas mais diferentes periferias, sendo um exemplo destas mortes anônimas²⁰⁹. O trecho traz a junção de exemplos de conduta, agrupando exemplos de Negritude e Luta (2Pac, Malcolm X, Bob Marley, Martin Luther King, Marvin Gaye), exemplos de superação de sua condição miserável inicial e redenção de sua condição de marginais fora da Lei, antes de acenderem a esta condição de símbolos de luta.

Por outro lado, ela faz a junção entre o campo da política (Malcolm X, Martin Luther King, Ghandi, Che Guevara) com o da música (2Pac, Bob Marley, John Lenon, Marvin Gaye) e o da religião (Malcolm X, Martin Luther King, Ghandi). O tema da música em si é a inveja e a falta da lealdade, na verdade, a traição acaba por ser discutida por este viés. Com isto, chegamos a outro ponto por meio do qual todos se ligam: todos foram mortos pelos seus, por

²⁰⁷ RACIONAIS MC's (2003) “Jesus Chorou” IN: Nada como um dia Após Outro dia”. Grifo meu.

²⁰⁸ Com exceção de Bob Marley, que por este viés teria morrido de forma “injusta”.

²⁰⁹ Lembrando que o próprio Tupac Amaru, que dá inspiração ao nome ao cantor, é um exemplo da luta por justiça, Liberdade e Paz das populações marginais de seu país. E é exemplo de morte injusta, o mesmo fora assassinado ao fim de sua Rebelião.

seus “companheiros de luta”, ou melhor, por aqueles a quem defendiam²¹⁰. Neste plano, eles ligam-se a Jesus (aqui colocado como o “profeta Pardo”), que também foi morto pelos seus. A partir daí, vem o arremate final em que postulam aquele que seria o primeiro Vida Loka da História, a saber: São Dimas, o bom ladrão.

Segundo a história contada no próprio site oficial do Vaticano²¹¹, este personagem teria sido um ladrão que fora crucificado ao lado de Jesus (que aqui não é Vida Loka, mas exemplo dos que compõem esta categoria) e, neste momento, teria aceitado Cristo como verdadeiro filho de Deus na Terra e teria mudado, na última hora, também chegando à redenção, conferida por Jesus. Ainda segundo o site do Vaticano e outros também dedicados a esse santo, o mesmo teria ajudado a Família de Jesus, quando este era apenas um bebê, a fugir de Heródes²¹². Aqui, assume o lugar de Santo, exemplo de Vida Loka, ou seja, aquele que sai da marginalidade e transcende para a figura de Guerreiro.

“Nego, O que é que tem,
O importante é nós aqui,
Junto no que vem, O caminho,
Da felicidade ainda existe, É uma trilha estreita,
Em meio a selva triste.
Quanto cê paga, Pra vê sua mãe agora,
E nunca mais ver seu pivete, Ir embora, Dá a casa, dá o carro,
Uma glock, e uma fal, Sobe cego de joelho,
Mil e cem degrau.
Quente é mil grau, O que o guerreiro diz,
O promotor é só um homem, Deus é o juiz.
Enquanto zé polvinho, Apedrejava a cruz,
Um canalha fardado, Cuspiu em Jesus.
**Oh... Aos 45 do segundo arrependido,
Salvo e perdoado, É Dimas o bandido.
É loko o bagueio, Arrepiá na hora,
Oh Dimas, primeiro vida loka da história.**
Eu digo. Glória...glória...
Sei que Deus tá aqui. E só quem é,
Só quem é vai sentir.

²¹⁰ Com exceção de Che Guevara

²¹¹ www.vatican.va

²¹² Representante Romano da região da Galiléia, na época do suposto nascimento de Cristo.

E meus guerreiro de fé, Quero ouvir....quero ouvir...
 E meus guerreiro de fé,
 Quero ouvir...irmão...Programado pra morre nós é,
 É certo...é certo...é crer no que der... Firmeza
 Não é questão de luxo, Não é questão de cor,
 É questão que fartura, Alega o sofredor.
 Não é questão de presa, nego A idéia é essa,
 Miséria, traz tristeza, e vice-versa, Inconscientemente,
 Vem na minha mente. Em ter uma loja de tênis,
 O olhar do parceiro feliz, De poder comprar,
 O azul, o vermelho, O balcão, o espelho,
 O estoque, a modelo. Não importa, Dinheiro é puta,
 E abre as porta, Dos castelo de areia que quiser.
 Preto e dinheiro, São palavras rivais,
 É, Então mostra pra esses cu,
 Como é que faz. O seu enterro foi dramático,
 Como um blues antigo, Mais tinha estilo,
 Me perdoe, de bandido. Tempo pra pensa,
 Qué pará, Que cê qué? Viver pouco como um rei,
 Ou então muito, como um zé? Às vezes eu acho,
 Que todo preto como eu, Só qué um terreno no mato,
 Só seu.
 Sem luxo, descalço, nadar num riacho,
 Sem fome, Pegando as fruta no cacho.
 Ae truta, é o que eu acho, Quero também,
 Mais em São Paulo, Deus é uma nota de 100,
 Vidaloka!!
 "porque o guerreiro de fé nunca gela, Não agrada o injusto, e não
 amarela,
 O rei dos reis, foi traído, e sangrou nessa terra, Mais morrer como um
 homem é o prêmio da guerra, Mas oh, Conforme for, se precisa, afoga
 no próprio sangue, assim será,
**Nosso espírito é imortal, sangue do meu sangue, Entre o corte da
 espada e o perfume da rosa, Sem mensão honrosa, sem
 massagem."**
**A vida é loka nego, E nela eu tô de passagem. À dimas o primeiro.
 Saúde guerreiro!Dimas... dimas... dimas..."** (RACIONAIS, 2003)

Mais importante do que explorar a representação de Vida Loka é demonstrar os usos
 que ela possui. A partir disso acima, podemos entender porque vemos pessoas usando camisas
 de 2pac e não de Dr. Dree, Snoop Dog Dog, Jay Z, entre outros²¹³. Infelizmente, não podemos

²¹³ Todos são rappers e Americanos.

estender mais do que isso, abordar mais a idéia de Vida Loka, mas somente esse ponto já demonstra como é a questão da relação íntima com o que chamamos de Campo simbólico e o que colocamos como circuito. Desta forma, podemos ver como, para a localidade, importa em muito o que seus símbolos representam e como eles podem ser usados, sua apreensão não se dá de uma forma acrítica.

Muito mais do que isso, eles demonstram como, para a distinção local, a concessão à questões mais amplas faz-se necessária para que se consiga estabelecer um pensamento. Aparentemente, isto se faz não por que os indivíduos queiram aí se inserir em uma “Sociedade de Massas”, conforme argumentam alguns autores, quando discutem com seus objetos, procurando colocá-los dentro desta perspectiva (DIÓGENES, 1998: 99). Antes de a indústria aproveitar o sucesso deste estilo de música, ela é informada por estes sobre o que é importante e o que deve ser considerado, não o contrário. Os agentes constroem com exemplos e se utilizando dos mais diferentes processos e materiais simbólicos para construir algo que possa servir como um ponto de estabelecimento de relações. Essas são condições mínimas para a sociabilidade e, aqui, trata-se muito mais de uma sociabilidade que se busca do que de uma que já existe. Na verdade, a maioria destas comunidades, destes bairros, têm histórico muito recente e é uma condição mais ou menos geral entre os objetos de diversos outros autores (DIOGENES, 1998; VIANNA, 1998; GUASCO, 2001).

Hobsbawn já havia colocado, em décadas passadas, como o Rhythm and Blues assumiu o papel de idioma mais universal da Década de 50 (HOBSBAWN, 2004: 324). Neste mesmo texto, ele afirma como o rock apresentou-se com a mesma característica, enquanto linguagem. Outra característica do rock teria sido base para se sedimentar do que o autor chama de Revolução dos Costumes. Entretanto, para estes dois momentos, o autor coloca de forma muito atenta que a razão disso não deve ser entendida somente em uma evolução do

capitalismo, mas sim ser entendida pelas idéias que estas duas linguagens trazem consigo e em quais estruturas, em quais razões, estas linguagens são procuradas pelos agentes para poder servir como forma de linguagem da juventude²¹⁴.

Em outro momento, o mesmo autor coloca que a forma como estes fenômenos devem ser vistos deve considerar os mesmos como uma forma de fenômeno cultural, o exemplo aqui é o Jazz (HOBSBAWN, 2004b: 46). O jazz, portanto, não representaria uma fase do capitalismo ou qualquer outro estilo também não representaria isso (HOBSBAWN, 2004b: 32). Segundo o autor, mesmo quando forem consideradas as invenções e as difusões do estilo para partes muito diferentes do seu contexto de produção, e como estas transformações técnicas ajudaram neste processo, poderá argumentar-se que, para o caso do Jazz, não há nada que se faça agora neste gênero musical que não pudesse ser feito em 1890. Neste ponto, parafraseamos o autor, mas em relação ao hip-hop. Para este estilo, tudo que se passa agora poderia passar-se na década de 70. As razões para se estabelecer como linguagem é que devem ser pensadas. Aqui, apenas jogamos uma pequena luz neste processo que, por ser amplo demais, não podemos abarcar neste estudo. Contudo, devemos apontar na direção contrária desta perspectiva.

A estética globalizada (DIÓGENES, 1998:88) não é uma questão do consumo, de responderem a um necessidade de consumo. As razões encontram-se na construção de uma certa visão de mundo que nunca está inteiramente acabada. Para o nosso objeto, importa mais que 2Pac seja semelhante/homólogo a São Dimas do que o quanto ele pode aproximar-se de uma estética Global. Porém, esta relação entre o global e o local deve ser melhor explicada aqui.

²¹⁴ O autor faz menção de como o Samba teria sido escolhido por parte da elite Brasileira como forma de linguagem e forma de aproximação com a massa. Para tanto, dá como exemplo Chico Buarque

Do ponto de vista aqui levantado, podemos ver que, como estilo, estas formas musicais não conseguem estabelecer-se e fundarem-se como autônomas, que as suas representações, e as representações associadas a estas, de certa forma, colocam limites para tanto. Até aqui, discutimos como isto importa pra o nosso caso, na medida em que certas populações, e certas características indesejadas de um grupo, são associadas às demais. Isto não significa que estamos colocando que o sentido para o rap e para o rock, no interior de São Paulo, parte das comunidades de onde provêm, assim como Peralva (2000) sugere em consonância com Guasco (2001).

Aqui, não se tratou de ver como se formam os guetos voluntários (PERALVA, 2000: 49). Mencionamos 2Pac justamente por este motivo. Os locais que visitamos durante todo este tempo orientam-se de diversas formas, as práticas que assumem a partir de um estilo de musica importam menos que a própria adoção de um estilo, sendo que a afirmação deste é que os distingue e é esta incorporação que coloca, para os diversos agentes, a sua localização nos diferentes campos das relações sociais. Isso pode ser observado por meio dos exemplos dados, nos quais os momentos em que ocorre o encontro dos mais diferentes grupos são por demais formais e, na maioria das vezes, não são acompanhados pelos setores da sociedade que mais querem se distinguir.

Por outro lado, no movimento de distinção, sempre há a margem para que outros entrem na suas reuniões. Porém, isso ocorre apenas como uma formalidade. Podemos ver isso por meio das associações ocorridas entre homens e mulheres. Marginalmente, citei acima o namoro de Digeó e Edna, dois membros ativos do hip-hop de São Carlos. Os dois possuem histórias de vida muito semelhantes e participam do mesmo movimento. Em campo, quando se faz a escolha de um estilo também se faz estabelecer a fronteira da possibilidade de Troca.

Os dois acima são exemplos desta perspectiva. Esta escolha fundamenta-se, de acordo com a nossa linha de raciocínio, no tipo de pessoa que se quer aparentar ser.

Somente quando nos focamos nisto, é que percebemos como os estilos são movidos pelos agentes para estabelecer estas fronteiras. Em termos de material simbólico, não haverá no discurso consciente muitas menções sobre os indesejados, sobre aqueles que não se quer ser, ou que não ser ou que se quer perto. Não devemos cair no debate comunidade X sociedade, mas no aproximar da forma como os espaços que descrevemos encontram a sua força, na forma como se constroem como espaços de troca. Para os nossos agentes, a forma como se apresentam nestes espaços é que confere sentido para a sua associação a um estilo, quando os mesmos assumem que fazem parte de um por meio de roupas, de linguagem etc.

O fato de os espaços não se colocarem como diferenciados ao ponto de serem facilmente associados a um estilo, ou grupo, justamente ocorre para manter esta relação com esta suposta força simbólica. As continuidades entre os diferentes espaços de São Carlos ou Ribeirão Preto estão mais ligadas à esta qualidade. O circuito monta-se, aqui, pela forma como cada espaço pode ser uma forma de espaço para o desenvolvimento e para a construção de relações entre os agentes, ainda que os agentes possuam preferências mais ou menos explícitas, mas não oficialmente assumidas. Por este motivo, eles aparecem como formas de curto-circuitos. Isso não quer dizer que não conseguem se distinguir o bastante, mas sim que assumir significa ficar fora deste circuito, na medida em que este opera um recorte, uma preferência. Acreditamos que as diferenças são assumidas, na maioria das vezes, pelos agentes, entretanto, não devem ser operada pelos espaços. O valor que isto possui está associado ao fato de, aparentemente, serem as festas privadas, os espaços privados já existentes e que, com certeza, têm mais perenidade que estes bares e boates etc, ou para momentos como os shows, conforme foi dito e relatado por nós.

São os shows que dão mais a cara desta diferenciação. Isto quando não ocorrem como parte de eventos maiores que, supostamente, têm a população geral como marcantes de relações só quando estão dentro dos espaços mais restritivos possíveis, como o São Carlos Club, de São Carlos, ou como o Palestra e o Automóvel Club, de São José do Rio Preto. Neste ponto, a separação fica mais clara de se perceber do que nos espaços que estávamos comentando acima. Ou ainda, revela-se em certas formas de exclusão de si mesmo, como no aparecimento, em praças públicas distantes, de quase tudo ou pelo menos de quem não se quer por perto, como é caso do posto JK, em S.J. Rio Preto. Tudo isso é relevante porque se um lugar some por razões diversas, logo aparece outro para substituir a sua função, para servir a estes fins pretendidos. Do ponto de vista das festas de rock, isso não é diferente. Elas acontecem em locais que ficam fora do espectro de relações dos demais grupos e fora do que poderíamos chamar de sua agenda. Fato esse que, com certeza, impõe limites.

Realmente estas coisas abrem pontos importantes para pensarmos. Aparentemente, há momentos e lugares especiais para aparecer como grupo e para se diluir. Neste segundo momento, então, é necessário, mais do que nos outros locais, possuir uma entrada diferenciada que, quase sempre, se dá por meio da operação dos esquemas de relações sociais que os agentes possuem. Contudo, este quadro montado desta forma, para nós aparece como se quanto mais se distancia de um estilo ou gênero, ou ainda da imagem de um grupo, mais se pretende abrir o espaço das relações. Isso aparentemente, pois a aparência indefinida na verdade que se coloca a favor de uma separação dos grupos definidos, como rap ou o rock (góticos, punks, heavy metal etc). Por isto, podemos ver como as relações vistas em um local às vezes podem ser vistas em um show e, desta forma, não encontramos diferentes grupos dentro destes espaços. É o que aconteceu conosco, na saída do show de Guilherme & Santiago para o Show do Art Popular.

Assim, podemos ver como os elementos mais aparentemente distantes são utilizados pelos agentes para a construção da sua localização em um campo local que, aparentemente, é pequeno, mas que, em verdade, não o é. É por meio deste quadro que se colocaram e se construíram as relações, sendo assim podemos ver como estes locais, como elementos de significação da pessoa, não podem ser vistos apenas do ponto de vista global. Muito mais que isso, os elementos vão juntando-se a distinções preexistentes e, assim, ganham função significativa diferente da que possuíam originalmente. Isso não quer dizer que, como parte de campo simbólicos, estes usos descaracterizam os mesmos. Aparentemente, estes usos diferenciados dão mais força para o próprio campo simbólico, na medida em que constroem a própria diferenciação dos agentes que pertencem aos campos considerados aqui, como o hip-hop e o rock. A questão, então, é que podemos tomar a vida loka como sendo um elemento do universo do hip-hop e vê-lo ser operado dentro de espaços muito reduzidos, ou até individualmente, em locais que nada têm a ver com o que se espera destes agentes. Entretanto, vemos que a proposta simbólica desta representação deixa margem para que os mais diferentes jovens utilizem-os e, com isso, queiram dizer mais ou menos o que valorizam. No caso, esta representação traz a idéia do guerreiro, associado à fé e à esperança de se ter uma vitória. Lugares e pessoas são aproximados por este conceito.

Com certeza, ainda é muito cedo para dizer se ela se sedimentará no tempo e servirá mais pessoas, nos próximos anos, com o mesmo poder. Porém, com certeza, por meio dela pode-se fazer um caminho que liga o contexto americano ao brasileiro. Concomitantemente, dão de antemão uma imagem sobre diversas pessoas, principalmente sobre aqueles que estão na inveja. Se a idéia de vida loka não se sedimentar, pelo menos ela volta a uma questão que não é nova dentro de um vasto conjunto de músicos negros: a Idéia de superação e redenção. Estes temas são muito caros dentro do pensamento do hip-hop e da própria mitologia católica.

Contudo, a apresentação de São Dimas acima da de Deus (“Deus é uma nota de Cem” RACIONAIS, 2003), para nós tem a ver com a aproximação desta personagem com a imagem de Xangô, do Candomblé. Mais importante que isso, é o exemplo de vida que ele representa que, aqui, não é apenas associado a 2Pac, mas também a outro campo importante para a população negra do Brasil: o Futebol e o Crime. Com isso, vemos que a apresentação de São Dimas e sua atualização direta mais recente, ou seja, 2Pac como guerreiro de Fé, propõe que os negros participantes dos três campos sejam pensados por esta perspectiva, a saber, a de quanto estes agentes podem vir a servir de referência²¹⁵. Assim, por meio do mito de São Dimas e de 2Pac, os rappers e negros ganham a dimensão de guerreiros de fé, exemplos de Vida Loka, exemplos, acima de tudo, de Heróis. Como exemplo de heróis, estes opõem-se aos próprios rappers que, de alguma forma, se ligam ao “lado negro da força (RACIONAIS, 2003)”, parafraseando um famoso rapper carioca, como Eminem, Nelly, Fifth Cent e outros rappers, assim como, estão opostos também àqueles que seguem não o caminho da redenção como o herói, mas que não conseguem escapar ao negro drama, caindo no que chamam de “Vida fácil”, ou nos dizeres de Afro-X, importante rapper de São Paulo do Grupo 509E²¹⁶, que não viram o quanto o dinheiro do crime é “dinheiro amaldiçoado, vem fácil, vai Fácil”. Gostaríamos de nos estender e ir mais além, até chegar a cruzar estas representações com outras que são produzidas pelos agentes. No entanto, achamos que já fomos longe o bastante com essa discussão. Esperamos que ela, de alguma forma, possa ajudar a ver este universo do rap e do próprio rock, nestas cidades do interior. Talvez, no futuro, possamos voltar a esta questão com mais propriedade.

²¹⁵ É comum ver camisetas deste rapper americano, nas quais o número dois aparece representando o cabo de uma arma e o Pac como o cano da arma: *PAC*

²¹⁶ O nome do Grupo é o mesmo do lugar os membros deste se encontram atualmente presos.

Referencias Bibliográficas

ABRAMO, H. Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Anpocs, 1995.

AGUIAR, M, M. As Organizações Negras em São Carlos: Política e Identidade Cultural. São Carlos: Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. 1998.

ALMEIDA, A, S, M. Entre Branqueamento e enegrecimento Social: Os Dilemas do Reconhecimento de Ser Negro numa ordem Hegemônica Branca. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2003.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa: editora Difel. 1989.

_____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva. 2002.

_____. & PASSERON, JEAN-CLAUDE. A Reprodução: Elementos para uma teoria do ensino. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1982.

_____. A codificação. São Paulo: Brasiliense. 1987

_____. As regras da arte. São Paulo: Companhia das letras. 1996.

_____. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro. Morro Zero. 1983.

_____. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. 1999.

CALDEIRA, T, P. *A Presença do Autor e a Pós-Modernidade em Antropologia*. São Paulo. Novos Estudos CEBRAP. Nº 21. pp133-157. 1988.

_____. A Cidade de Muros: Crime, Segregação e cidadania em São Paulo. Edusp./Editora 34. 2000.

CARDOSO, R. & SAMPAIO, H. Bibliografia Sobre Juventude. São Paulo. Edusp. 1995.

CASTRO CAVALCATI, M, L, V. O Rito e o Tempo: ensaios sobre o Carnaval. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1999.

COTTE, J. V. Música e simbolismo: ressonância cósmicas dos instrumentos e das obras. São Paulo: Cultrix. 1991.

DAMATTA, R. “*Digressão : a fábula das três raças, ou o problema do racismo a brasileira*”. In: Relativizando. Uma introducao a antropologia social. Rio de janeiro: Rocco. 1987a.

_____. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.1987b.

- _____. *Carnavais Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.
- Dumazedier, J. *Lazer e Cultura popular*. São Paulo: editora perspectiva. 1976.
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: editora perspectiva. 1999.
- DIÓGENES, G. *Cartografias da Cultura e Da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip-Hop*. São Paulo. 1998.
- DUMONT, L. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas Implicações*. São Paulo. 2002.
- _____. *O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro. Rocco. 2000.
- DUARTE, L. F.D. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor. 1986.
- EISENSTADT, S N. *De geração a geração*. São Paulo: perspectiva. 1976.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador: volume I: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1994.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J, L. *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das Relações de Poder a partir de uma pequena Comunidade*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2000.
- EVANS-PRITCHARD, E, E. *Os Nuer: Uma Descrição do Modo de subsistência e das Instituições Políticas de um Povo Nilota*. São Paulo. Editora Perspectiva. 1970.
- FELDMAN-BIANCO, B. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: global editora. 1987.
- FORACCHI, M, M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Edusp. 1972.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo Martins fontes. 1989.
- GEERTZ, C. *O Saber Local: Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa*. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1997.
- _____. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Guanabara. 1989.
- _____. *Nova Luz Sobre A Antropologia*. Rio De Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2001.
- GILROY, P. *O atlântico negro*. Rio de Janeiro: editora 34. 2001.
- GOFFMAN, E. *Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro. ZAHAR. 1988.
- GUIMARÃES. A. A.S. *Racismo e Anti-racismo no Brasil*. São Paulo: editora 34. 1999.

_____. “*Combatendo o Racismo: BRASIL, África do Sul e nos Estados Unidos*. São Paulo. Revista brasileira de ciências sociais. Vol.14. No. 39. 1999.

_____. “*Racismo e redistribuição de direitos individuais: a discriminação racial publicizada*”. Revista Estudos afro-Asiáticos. No.31.1997.

GUASCO, P. P. Num país Periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo. São Paulo. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. 2001.

HEILBORN, M, L. Conversa e portão: Juventude e Sociabilidade em Subúrbio Carioca. Rio de Janeiro. Museu Nacional Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 1984.

HERSCHMANN, M. O Funk e o Hip-Hop invadem a Cena. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2000.

HOBSBAWM. E. J. História Social do Jazz. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2004a.

_____. A Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991. São Paulo. 2004b.

HOBSBAWN, E. & RANGER,T. (org). A Inversão das Tradições. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1997.

IANNI, O. Teorias da Globalização. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2000.

LATOUR, B. Ciência em Ação: Como Seguir Cientista e Engenheiros Sociedade a fora. São Paulo: Editora Unesp. 1997.

_____. Sala de Aula: como Redividir o Grande Divisor. Mosaico Revista de Ciências Sociais. Ano 2, Nº 2 vol.1. Rio de Janeiro.

Leví-Strauss, C. Antropologia Estrutural I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1970 a.

_____. Antropologia estrutural II. RIO DE Janeiro: Tempo Brasileiro. 1970b.

_____. O Pensamento selvagem. São Paulo: Papyrus. 2002.

_____. A via das máscaras. Lisboa: Presensa. 1979.

_____. Olhar escutar ler. São Paulo: Companhia das letras. 2001.

_____. História de lince. Lisboa: edições Asa. 1992.

_____. O Cru e o Cozido. São Paulo: Brasiliense. 1991.

_____. As Estruturas Elementares do Parentesco. Petrópoles - RJ. Vozes.

- _____. Mito e Significado. Lisboa. Editora 70. S/D.
- MAGNANI, J, G. C. Festa no pedaço. Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo. Editora Brasiliense. 1984.
- _____(org). Na Metrópole. São Paulo. Edusp. 1996.
- _____. *Discurso e Representação, ou como os Baloma de Kiriwina podem reincarnar-se nas atuais pesquisas*. IN: CARDOSO, R. (org). A Aventura Antropológica. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1986.
- MAIO, M, C. “ *Uma polemica esquecida: costa Pinto, Guerreiro Ramos e o tema das relações Raciais*. In: www. Scielo.br. 1997.
- MAUSS, M. Ensaio de Sociologia. São Paulo. Editora Perspectiva. 2001.
- _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo. Cosac & Naify. 2003.
- MONTES. M.L. “*Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia*. In Queiroz.R.S & Schuarcz L.M. (org). Raça e Diversidade. São Paulo:eduso.1996.
- NOVAES, R. & VANNUCHI, P. Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo. Instituto Cidadania & Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.
- ORTIZ.R. “*Anotações sobre a mundialização e Integração Nacional*”. In: a sociologia no horizonte do século XXI. São Paulo: Boitempo editorial. 1997.
- _____. A moderna Tradição Brasileira. São Paulo. Editora Brasiliense. 1988.
- _____. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo. Brasiliense. 1985.
- PERALVA, A. Violência e Democracia: o paradoxo Brasileiro. São Paulo. 2000.
- PROJETO JUVENTUDE. Documento de Conclusão: Versão final. São Paulo. Instituto Cidadania. 2004.
- POUTIGNAT. PHILIPPE & STRIFF-FENART. Teorias da Etnicidade. São Paulo: fundação editora Unesp.1997
- RACIONAIS. Nada como um dia após outro dia. São Paulo. Unimar music. 2003.
- ROCHA, J. & DOMENICH, M. & CASSEANO, P. Hip hop: a periferia grita. São Paulo: editora fundação Perseu Abramo. 2001.
- ROLNIK, R. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: Etnicidade e Cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Estudos Afro-Asiáticos, N 17. 1989.

CARDOZO, R. C. L. *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.

SAHLINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte 1). In: *Mana*. n.3, v.1, p. 41-73, 1997a.

_____. . O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte 2). In: *Mana*. n.3, v.2, p.103-150, 1997b.

_____. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 1990.

_____. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor. 2003.

SANSONE, L. *Os Objetos da Identidade Negra: Consumo Mercantilização, Glocalização e a Criação de Culturas negras no Brasil*. *Mana Estudos de Antropologia Social*. Vol. 6, Nº 1. Rio de Janeiro. 2000.

_____. “*Racismo sem etnicidade. Políticas Públicas e discriminação Racial em perspectiva comparada*”. *Revista Dados*. Vol.41. Rio de Janeiro.1998.

SEMPRINE, A. *Multiculturalismo*. Bauru.SP.1999.

SILVA, W, G. *O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de Campo Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas Sobre Religiões Afro-Brasileiras*. São Paulo: Edusp. 2000.

SIMMEL, G. *George Simmel: Sociologia*. Evaristo de Moraes Filho (org.). São Paulo: Ática, 1983. 188 p. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 34).

SILVÉRIO, V, R. *Territórios Negros em Campinas: O caso Vila Rica*. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Campinas Faculdades de Ciências e Letras. 1992.

TAKEUTI, N, M. *No outro Lado do Espelho: A fratura social e as pulsões juvenis*. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2002.

TAYLOR. C. *Argumentos Filosóficos*. Bauru.SP.2000.

VIANNA, H. *O Mundo Funk Carioca*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor. 1988.

VELHO, G. *A utopia Urbana*. Rio de Janeiro.Zahar editores. 1982.

_____. *Desvio e Divergência. Uma critica da Patologia Social*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1985.

_____. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio Janeiro. Jorge Zahar editor. 1994.

_____. Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2004.

VELHO, G. (org). Individualismo e Juventude. Comunicação Nº 18. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 1990.

VELHO, G. & ALVITO, M. (org). Cidadania e Violência. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ. 1996.

VELHO, G. & KUSCHNIR. (org). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2003.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo. Cosac & Naify. 2004.

ZALUAR. ALBA. *“exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas.* Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo. Vol.12.1997.

_____. A máquina e a Revolta: a organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: editora Brasiliense. 1985.

_____. *Teoria e Prática do Trabalho de Campo: alguns Problemas.* IN: CARDOSO, R. (org). A Aventura Antropológica. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1986.

WASELFISZ, J. Mapa da Violência I: Os Jovens do Brasil, Juventude Violência e Ciddania. Brasília: UNESCO; Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/ SEDH. 2002a.

_____. Mapa da Violência III: Os Jovens do Brasil, Juventude Violência e Ciddania. Brasília: UNESCO; Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/ SEDH. 2002b.

WOOLGAR, S. & LATOUR, B. A Vida de Laboratório: a produção de fatos científicos. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 1997.

WRIGGHT MILLS. A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores. 1975.